Julyana Chaves Nascimento

Fenômeno Hesitativo na Linguagem: um olhar para a doença de Parkinson



1910001397

Julyana Chaves Nascimento

Fenômeno Hesitativo na Linguagem:
um olhar para a doença de Parkinson

São José do Rio Preto
2005

Julyana Chaves Nascimento

Fenômeno hesitativo na Linguagem:
um olhar para a doença de Parkinson

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de concentração: Análise Lingüística)

Orientador: Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho.

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto
T. 1397/05

São José do Rio Preto
2005

t41:616,858
N244f

30101003

02/05/2005
Doação
R$ 30,00
Autor(a)
076/2005
123/05

Nascimento, Julyana Chaves.
Fenômeno hesitativo na linguagem: um olhar para a doença de Parkinson / Julyana Chaves Nascimento – São José do Rio Preto: [s.n.], 2005
158 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Fonética. 2. Linguagem - Doença de Parkinson. 3. Linguagem - Hesitações. 4. Parkinson, Doença de – Linguagem. I. Jurado Filho, Lourenço Chacon. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'342:616.858

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho - Orientador

Prof[a]. Dra. Clélia Cândida de Abreu Spinardi Jubran - 2º examinador

Prof[a]. Dra. Leda Verdiani Tfouni - 3º examinador

Suplentes

Prof[a]. Dra. Luciani Ester Tenani

Prof[a]. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

AGRADECIMENTOS

"[...] e aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. É tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar [...]".

(Gonzaguinha)

Ao Sr Jurandir Pavarini e ao Sr Valdo Garcia;

Raphael Lanza e Passos, pela compreensão e pelo incentivo nos momentos em que mais precisei;

Cristiane Carneiro Capristano e Elaine Cristina de Oliveira, pelo constante apoio;

Fernanda Rodrigues Gomes, pelo abrigo;

Guilherme Chaves Nascimento, pela paciência nas horas de trabalho;

Aos meus pais, João e Marta, que colaboraram para este trabalho, cada um a seu modo;

A João Batista Chaves Filho, por ter motivado minha curiosidade científica – de pequena;

A Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran e a Leda Verdiani Tfouni, por suas importantes sugestões, determinantes na orientação dessa pesquisa;

Isabella Chaves Nascimento;

Liliane Ramone;

Rosa Lívia Pedrosa;

... e a "tanta, muita, diferente gente" preciosa, que estiveram presentes em diferentes momentos dessa minha trajetória, mas que o limite de páginas não me permitem declarar.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Ao Louri,

que me orientou, incentivou, desafiou, confiou.

que a gente + começamos a cantar mesmo e:: depois + e eu/ + olhava assim + para o mundo assim + e:: + chegava tanta coisa no meu pensamento que:: eu nem sabia da onde vinha ++ aí comecei direto mesmo + sei que até hoje graças a deus eu vem cantando + e até hoje graças a deus eu não passei fome

(LENINE. **A ponte**.1997)

NASCIMENTO, Julyana Chaves. *Fenômeno Hesitativo na Linguagem*: um olhar para a doença de Parkinson. São José do Rio Preto 2005. 158p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

RESUMO

Partindo da hipótese de que as hesitações funcionariam como marcas de momentos de tensão também entre elementos lingüístico-discursivos, analisamos dados extraídos de sessões de conversações de um sujeito com doença de Parkinson (J.) – doença que tem, segundo a literatura especializada, entre suas características, dificuldades motoras e cognitivas, manifestas inclusive na fala – e de um sujeito sem patologia neurológica (V.), de idades próximas e escolaridades correspondentes, feitas em 2000. Assim sendo, após seleção de trechos das transcrições das conversações que continham hesitações, num primeiro momento, buscamos caracterizar o funcionamento das hesitações e, num segundo momento, comparamos as ocorrências de hesitações dos dois sujeitos. No primeiro momento da análise, olhamos a relação entre as hesitações e os trechos de fala que a elas se relacionavam, observando (a) que tipo de noção semântica estaria envolvido nessa relação; (b) se ocorria uma contenção da ou uma abertura para a deriva; (c) se as tensões envolvidas predominavam no eixo sintagmático e/ou paradigmático da linguagem; e, (d) se as ações sujeito/língua ocorriam antecipadamente ou em reparação à materialização de pontos de deriva. Com esse olhar, caracterizamos cinco subtipos de funcionamento hesitativo: especificações, avaliações, mudanças de orientação, retomadas e tropeços. A constatação desses subtipos nos levou à proposição de que diversos subsistemas lingüístico-discursivos estariam envolvidos, em diferentes predominâncias, no processo de hesitação. Com base nos subfuncionamentos hesitativos, observamos: (1) que o sujeito parkinsoniano (J.) tinha menor variedade de noções semânticas de especificação do que o sujeito não-parkinsoniano (V.); (2) que o sujeito J. apresentava maior ocorrência de hesitações do que o sujeito V.; (3) que o sujeito J. apresentava um maior número de hesitações relacionadas à abertura para a deriva do que o sujeito V.; e (4) que o sujeito J. apresentava um maior número de tropeços do que o sujeito V. Com base nos resultados, levantamos a hipótese de que a alteração da chamada contraparte cognitiva da linguagem estaria relacionada à dificuldade do parkinsoniano de relacionar diversos sentidos e conter a deriva. Da proposição de que diferentes subsistemas lingüístico-discursivos estariam envolvidos no processo em questão, levantamos, ainda, a hipótese de que também o sistema fonético-fonológico e sua contraparte motora se constituiriam em focos de tensão no/do processo hesitativo. Assim, conjeturamos (I) que as hesitações se constituem em pontos de deriva/ancoragem das ações antecipatórias sujeito-linguagem, cuja tendência é de conter a deriva dos significado/significantes; (II) que os subsistemas lingüístico-discursivos e suas contrapartes (cognitiva, motora, dentre outras), funcionam de modo integrado, sendo que os subtipos hesitativos evidenciam suas predominâncias. Destacamos, por fim, que a opção metodológica realizada em nosso estudo nos possibilitou entrever, na linguagem em funcionamento, uma caracterização do processo hesitativo, e, por outro lado, nos permitiu vislumbrar, nas variações de ocorrência das hesitações entre os sujeitos, reorganizações lingüístico-discursivas peculiares à condição patológica do parkinsonismo.

Palavras-chave: hesitações; discurso; doença de Parkinson.



NASCIMENTO, Julyana Chaves. *Fenômeno Hesitativo na Linguagem*: um olhar para a doença de Parkinson. São José do Rio Preto 2005. 158p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

ABSTRACT

Based on the hypothesis that hesitations would work as marks of moments of tension also among linguistic-discursive elements we analyzed data of conversation sections of a subject with Parkinson's disease (J) – a disease which is characterized by motor and cognitive difficulties, which are manifested also in the speech –, and of a subject without neurological pathology (V) – collected in 2000. The subjects were close in age and had similar school education. After selecting parts of the transcriptions that contained hesitations we firstly tried to characterize them and, secondly, compare their occurrences. On the first moment of our analysis we characterize the relationship between the hesitations and the speech, by observing their relation to: (a) what type of semantic notion would be involved in that relationship; (b) if a contention of an opening for deviation would happen; (c) if the involved tensions prevailed in the syntagmatic and / or paradigmatic axis of the language; and, (d) if the actions related to subject / language happened in advance or to correct the materialization of deviation points. After that, we characterized five sub-types of hesitations: specification, evaluation, orientation change, retaking and slip. The observation of those subtypes permited us to propose then, that several linguistic-discursive sub-systems would be involved, each one with a different predominance in the process of hesitation. Based on hesitative sub-operations, we observed that: (1) the parkinsonian subject (J.) had smaller variety of specification semantic notions than the non-parkinsonian subject (V.); (2) the subject J. presented larger occurrence of hesitations than the subject V.; (3) the subject J. presented a larger number of hesitations related to the opening for deviations than the subject V.; (4) the subject J. presented a larger number of slips than the subject V. Based on these results, our hypothesis is that the alteration of the "language cognitive counterpart" would be related to the difficulty of the subject with Parkinson's disease to relate several senses and contain deviations. From the purpose that different linguistic sub-systems would be involved in the hesitation process, we also infer that the phonetic-phonological system and its motor counterpart would also be a focus of tension in / of the hesitation process. We then, believe that: (I) the hesitations are points of deviation / "anchor" in the subject-language anticipatory actions, although the tendency is to contain meaning / "form" deviation; (II) the linguistic-discursive sub-systems and their counterparts (cognitive, motor, among others) work in an integrated way, and the hesitative sub-types evidence their predominance. Finally, we highlight the methodological option accomplished in our study that not just made possible to view a characterization of the hesitative process in the language while in operation, but also allows us to see, as a result of the variations of hesitation occurrences between the subjects, linguistic-discursive reorganizations which are peculiar to the pathological condition of the Parkinsonism.
Anchor

Keywords: Hesitations; Speech; Parkinson's disease.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 4
RESUMO 7
ABSTRACT 8
LISTA DE QUADROS 10

0. APRESENTAÇÃO 11

I. HESITAÇÕES 14
1.1 Hesitações: revisão da literatura 14
1.2 Subsídios teóricos para um outro olhar sobre o fenômeno hesitativo 41
1.3 Um outro olhar para as hesitações 53

II. A DOENÇA DE PARKINSON 59
2.1 A doença de Parkinson: uma breve revisão da literatura 60

III. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS 67
3.1 Sobre os sujeitos 67
3.2 Procedimentos de Registro 68
3.3 Sobre as transcrições dos dados 68
3.4 Seleção das hesitações: 69
3.4.1 Quanto à forma das hesitações 69
3.4.2 Quanto à delimitação dos dados 75
3.5 Forma de análise dos dados 78

IV. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS 87

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS 122

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 127

ANEXOS 132

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Tipos de marcas de hesitação..... 71
Quadro 02 – Tipos de funcionamentos hesitativos..... 113
Quadro 03 – Relação entre hesitações e direção da deriva..... 115
Quadro 04 – Relação entre hesitações e os eixos do discurso..... 116
Quadro 05 – Relação entre hesitações e ações sujeito-língua..... 119

0. APRESENTAÇÃO

Considerando o fato de que grande parte dos estudos sobre hesitações restringe-se a descrições do que se apontam como suas características cognitivas e suas características para a organização linear da fala/escrita, sem se preocuparem com seu funcionamento numa atividade enunciativa, este estudo tem como proposta observar de que modo as hesitações poderiam ser compreendidas se remetidas ao processo de produção discursiva do qual são produto.

Para tanto, propomos um estudo comparativo entre amostras conversacionais de sujeitos parkinsonianos e amostras conversacionais de sujeitos sem qualquer tipo de lesão neurológica. Assim, fundamentamos nossas investigações em teorias lingüísticas que entendem a fala como um modo de enunciação da linguagem, o que nos permitirá teorizar que as hesitações seriam um processo cujo funcionamento se relacionaria ao princípio dialógico da linguagem.

Destacamos que a maioria dos estudos sobre as alterações de linguagem provocadas pelo parkinsonismo restringe-se a descrições do que concerniria a características motoras e acústicas dessas dificuldades. Aludindo-nos a essa questão, um objetivo específico de nosso estudo seria o de compreender como um olhar para o funcionamento de fenômenos lingüísticos, especificamente para as hesitações, poderia contribuir para uma mudança na abordagem das alterações de linguagem decorrentes do parkinsonismo, bem como de outras patologias neurológicas. Ainda com relação às descrições enfocadas no que seriam os aspectos motores, da literatura sobre doença de Parkinson, e referido-nos ao fato de que a literatura que se ocupa do estudo das hesitações prioriza descrições do que seriam seus aspectos cognitivos, e/ou interacionais, outros dos objetivos mais específicos de nosso estudo se referem à tentativa de respondermos às seguintes questões:

(a) os aspectos referentes à realização motora da fala poderiam, também, além dos aspectos cognitivos, estar relacionados à ocorrência de hesitações?;

(b) decorrente de (a), haveria outros aspectos além dos cognitivos e interacionais envolvidos na ocorrência das marcas de hesitação no discurso?;

(c) como se poderia estabelecer uma relação entre os diferentes fatores que contribuem para a ocorrência de marcas de hesitação?

É importante salientar que, como procuraremos mostrar na revisão bibliográfica sobre hesitações e na revisão bibliográfica sobre parkinsonismo, grande parte dos estudos utiliza estratégias de leitura, bem como repetição de palavras ou de sentenças, para analisar

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

dados de linguagem. Assim sendo, uma contribuição que este estudo pode trazer diz respeito ao aspecto teórico-metodológico, já que nos fundamentamos em teorias lingüísticas que, com base na enunciação, apontam para a necessidade de se referirem os fenômenos lingüísticos, necessariamente, ao seu processo de produção.

Dessa forma, organizamos nosso estudo em cinco capítulos. O primeiro capítulo, **(I) Hesitações**, será desdobrado em três sessões. Na sessão **1.1**, apresentaremos estudos que se ocuparam da descrição do fenômeno hesitativo. Procuraremos destacar, nesses estudos, aqueles aspectos que contribuíram para a nossa proposta de observarmos as hesitações enquanto processo discursivo. Na sessão **1.2**, levantaremos alguns aspectos conceituais a partir de trabalhos de Pêcheux (1990, 1997a; 1997b), de Authier-Revuz (1990, 2004), de Bakhtin (2000) e de Tfouni (2005), no sentido de questionarmos os aspectos levantados na sessão anterior e de sustentarmos nossa proposta para a abordagem dos fenômenos hesitativos. Na sessão **1.3**, apresentaremos nossa proposta sobre um outro modo de abordagem das hesitações, ou seja, um modo que as considera como marcas, heterogêneas, da negociação dos sujeitos com os *outros* que lhes são constitutivos, ou, ainda, como marcas de heterogeneidade mostrada.

No segundo capítulo, **(II) A doença de Parkinson**, por meio de uma revisão bibliográfica, apresentaremos os estudos que investigam, principalmente, os problemas de linguagem, especialmente de sua expressão na modalidade oral, decorrentes da neurodegeneração parkinsoniana.

Quanto ao terceiro capítulo, **(III) Aspectos teórico-metodológicos**, descreveremos o *corpus* deste estudo (sessão **3.1**), os procedimentos de registro (sessão **3.2**), as transcrições do material gravado (sessão **3.3**), os critérios de seleção dos dados, as hesitações (sessão **3.4**), e, por fim, a forma de análise dos resultados (**sessão 3.5**). Nesta última sessão, abordaremos a coexistência de dois eixos do funcionamento discursivo, um associativo/paradigmático outro de contigüidade/sintagmático, baseando-nos nas propostas de Saussure (1979) e de Jakobson (1979a e b), aspecto que tomará especial importância na caracterização do processo discursivo durante a análise dos resultados.

Já no quarto capítulo, **(IV) Apresentação e discussão dos resultados**, analisaremos alguns exemplos de subfuncionamentos das hesitações e faremos uma apresentação quantitativa dos resultados, argumentando, a partir das semelhanças e diferenças nas ocorrências de hesitações entre as amostras de conversação dos dois sujeitos de nosso *corpus*, em favor de um funcionamento discursivo das hesitações. Faremos, por fim, no capítulo **(V) Considerações finais,** retomando a literatura lingüística sobre hesitações e a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

literatura que trata das alterações de linguagem no parkinsonismo, destaques quanto ao que acreditamos serem as principais contribuições de nosso estudo. Apontaremos, também neste último capítulo, resultados e correlações que, devido ao escopo de nosso trabalho, ficarão para uma outra oportunidade de estudo.

I. HESITAÇÕES

1.1 Hesitações: revisão da literatura

Retomaremos, aqui, estudos sobre hesitações, para observarmos de que forma esse fenômeno vem sendo tratado na literatura lingüística. Nesta revisão, procuraremos enfocar não só a caracterização que os autores fazem do fenômeno hesitativo, como também a concepção de linguagem na qual – acreditamos – os autores se baseiam para o tratamento desse fenômeno. Destacaremos, ainda, a forma de coleta de dados no estudo das hesitações, questão que, para nossa discussão de aspectos teórico metodológicos, será de grande importância.

Concernente aos dois primeiros aspectos de nosso interesse – a caracterização das hesitações e a concepção de linguagem – façamos algumas observações preliminares, com o propósito de orientarmos nossas discussões. De modo geral, a literatura parece congruente na afirmação de que a descontinuidade é uma característica da fala – ou ainda, de que a fala é não fluente –, e de que as hesitações, em suas variadas marcas, são elementos descontinuadores do fluxo de fala. De modo mais particular, os estudos das décadas de 50 e de 60 enfocam o funcionamento específico de uma ou outra marca de hesitação sem se preocuparem com o funcionamento mais geral do fenômeno hesitativo. Nesse período, com foco de interesse restrito à fala de sujeitos sem patologias, era postulada uma ligação entre o fenômeno hesitação e questões de codificação lingüística. Os estudos que sucederam esse período – década de 70 em diante –, além de manterem essa ligação, começam a vincular as hesitações ao planejamento cognitivo da fala e a aspectos subjetivos ou interacionais. Passam, ainda, a atribuir um funcionamento chamado de suprassegmental ou paralingüístico às hesitações. Outro diferencial dos estudos desse período se refere aos sujeitos pesquisados e à modalidade de atividade verbal: há estudos com crianças em aquisição de linguagem, com afásicos, com sujeitos em aquisição de segunda língua e com crianças com os ditos distúrbios articulatórios ou fonológicos. Quanto à modalidade de atividade verbal, a maior parte dos estudos trabalha com a linguagem oral, mas há também estudos que se servem da escrita cursiva e da escrita datilografada. Outro aspecto das hesitações que começa a ser destacado é o de sua percepção, embora a maior parte dos artigos priorize sua produção.

Observamos ainda certa diferenciação de enfoque entre trabalhos estrangeiros e trabalhos brasileiros. Os trabalhos estrangeiros priorizam os aspectos cognitivos das

unesp

hesitações, enquanto que os trabalhos brasileiros, com maior produção a partir dos anos 80 e 90, embora sem desconsiderar a questão da cognição, destacam aspectos relacionados ao desempenho lingüístico, como os interacionais e formais. Outro destaque que faremos é quanto a estudos brasileiros de orientação mais discursiva, trabalhos mais recentes[1]. Comentaremos estes trabalhos no viés da problematização que faremos da abordagem das hesitações como descontinuidades, como fenômeno suprassegmental e de várias funções.

Optamos por comentar os trabalhos revisados na literatura prioritariamente por sua cronologia, já que essa forma nos permitirá observar o desenvolvimento e as diferenciações nos enfoques sobre as hesitações no decorrer das décadas.

Na década de 50 e no início da década de 60, destacam-se os estudos de Goldman-Eisler. Num artigo que data de 1956, com interesse nos determinantes da velocidade de fala, a autora analisa as relações entre pausas e velocidade de fala, bem como a velocidade articulatória. Isso porque, para ela, os enunciados da fala seriam séries de produções verbais interrompidas por elementos tais como as hesitações, elementos que, em alguma medida, determinariam a velocidade de fala – entendida como número de sílabas produzidas por unidade de tempo. Para fazer tais relações, a autora utilizou-se de dados recortados de entrevistas gravadas, concluindo que a velocidade global de fala é função da duração relativa das hesitações e das pausas que interrompem o fluxo da fala contínua. Outra conclusão que pode ser extraída de Goldman-Eisler é a de que as pausas que precedem momentos de aumento de fluência articulatória são de natureza preparatória para a fala. Desse modo, tais pausas, segundo suas próprias palavras, não deveriam ser pensadas em relação a uma atividade reflexiva do falante:

> [...] por exemplo, a alternância entre longas pausas e fala de maior velocidade não necessariamente precisa ser sempre pensada como tendo uma natureza reflexiva. É possível que, à parte a tensão cognitiva entre pensar, dicção, ou formulação verbal, por um lado, e articulação, por outro, a alternância acima mencionada possa refletir a oscilação entre forças inibitórias como resistência e impulsos ativos em direção à comunicação. Assim, a correlação positiva entre duração de pausas e velocidade de articulação poderia indicar ou uma tensão de natureza cognitiva tal como aquela entre as atividades articulatória e reflexiva ou uma tensão emocional entre tendências de reter e de comunicar material.[2]

[1] Oliveira (1999); Chacon e Shulz (2000); Zaniboni (2002); Oliveira (2003); Chacon (2002) e Nascimento (2003a e b).

[2] "[...] i.e. the alternation of long stops and fast speech, need not necessarily be imagined as of always reflective nature. It is conceivable that apart from the cognitive tension between thinking, " diction," or verbal formulation on the on hand, and articulation on the other, the above-mentioned alternation might reflect the oscillation between inhibitory forces such as resistance, and active drives towards communication. Thus the positive correlation between length of pauses and speed of articulation would indicate tension either of a cognitive nature such as between reflective and articulatory activity, or emotional tension between the tendencies towards withholding and those towards communicating material" (GOLDMAN-EISLER, 1956, p. 141).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Apesar dessa referência à determinação multifatorial da ocorrência das pausas, o fator salientado nesse e em outros trabalhos da autora é o do planejamento de fala, no sentido de sua codificação.

Interessada na relação entre a produção e a previsibilidade das palavras no contexto frasal, a mesma autora propõe um outro estudo: sujeitos deveriam adivinhar a palavra subseqüente em uma sentença, sabendo de seu contexto. Na análise desses dados, a autora confirma sua hipótese de que as pausas antecipam o aumento do grau de informatividade e envolvem atos de escolha – sem, no entanto, fugir da perspectiva de que as hesitações quebram a continuidade da fala. Nesse sentido, a fala seria uma série de eventos estruturados em seqüências de palavras, cujo contexto limitaria as escolhas do falante:

> Cada símbolo sucessivo é escolhido de acordo com a chamada probabilidade de transição, que depende, em qualquer estágio, de escolhas precedentes assim como dos símbolos particulares em si mesmos. [...] Em estágios do processo em que a probabilidade de escolha é menos dependente das escolhas prévias, diz-se que o falante tem mais liberdade de escolha. É razoável esperar que pausas hesitativas na fala ocorram nesses estágios. [3]

Nesse mesmo estudo, a autora (ainda que de passagem) relaciona expressões sintáticas e lexicais que seguem as pausas a dificuldades de memória, destacando que essas pausas estão relacionadas não só ao aspecto objetivo da linguagem – a probabilidade de transição das palavras, variável dependente da freqüência das palavras na língua como um todo –, mas a estados subjetivos do falante.

Ainda com preocupação voltada para a probabilidade de transição das palavras, Goldman-Eisler (1958-b) reafirma que o aspecto fluência/disfluência de fala é sintoma da quantidade de informação. Dessa vez, com dados coletados a partir de leituras nas quais os sujeitos testados deveriam preencher brancos (lacunas) em um texto, Goldman-Eisler analisa a duração das pausas na leitura em função da probabilidade de transição das palavras no contexto. Na análise dos resultados, a autora salienta, como no estudo anterior (1958a), que a fluência e a hesitação estão relacionadas a quanto os enunciados são "velhos, bem

---

[3] "Each successive symbol is chosen according to the so-called transition probabilities which depend, at any stage, on preceding choices as well as on the particular symbols themselves. [...] At such stages in the process where the probability of choice is less dependent on the previous choices, the speaker is said to have greater freedom of choice. It is reasonable to expect to hesitation pauses in speech to occur at these stages" (GOLDMAN-EISLER, 1958a, p. 97).

unesp

organizados, automáticos" e "novos, organizados no momento".[4] Outro destaque que a autora faz é o de que o ato de fala seria baseado num plano antecipatório que possui uma estrutura específica, sendo as hesitações indicadoras desse processo.

Já no início da década de 60, Goldman-Eisler (1961) publica um artigo no qual analisa não só as pausas que entende como silêncios hesitativos, mas também aquelas definidas como pausas preenchidas. Usando dados selecionados de gravações de descrições orais de figuras e de elaboração de conclusões (moral) de histórias, a autora conclui que pausas não-preenchidas seriam, preferencialmente, melhor indicadoras de incerteza, constituindo-se em pontos de perda de controle, enquanto as pausas preenchidas seriam, preferencialmente, melhor indicadoras de aspectos interacionais – sinalizariam ao interlocutor não interromper o falante. Outras características observadas das pausas, além do preenchimento, foram seu local de ocorrência e sua duração. Quanto à posição, Goldman-Eisler (1961) observou que pausas preenchidas se deram mais freqüentemente em fronteiras de sintagmas, enquanto as pausas não preenchidas estiveram mais propensas a ocorrer antes de itens lexicais. Quanto à duração, a autora observou que quanto maior a duração de pausas não-preenchidas, maior a tendência para a ocorrência de pausas preenchidas. Outro aspecto salientado, e que se relaciona ao foco de interesse da autora nos artigos anteriores, é o de que as pausas preenchidas, diferentemente das pausas não-preenchidas, parecem não ser estimuladas por aspectos cognitivos.

Como se pode observar, somente neste último artigo, ao tratar de uma outra marca de hesitação, Goldman-Eisler aponta, de passagem, para o aspecto interacional das hesitações. Além disso, cabe destacar que a autora mantém, em sua argumentação as premissas (a) de que a fala é caracteristicamente disfluente, sendo (b) as hesitações um dos elementos que rompem seu fluxo, e (c) de que as hesitações, em especial as pausas "silenciosas", refletem aspectos cognitivos da linguagem, tais como de memória e de codificação lingüística.[5] Outra questão a se salientar é a preocupação da autora, mais especificamente no artigo de 1961, com as

[4] Essa caracterização de informação "velha" e "nova" nos remete a algumas teorias funcionalistas. De acordo com Chafe (1976), as informações dadas (velhas) seriam referentes àquele conhecimento que o falante acredita que o ouvinte já tenha no momento da enunciação, enquanto a chamada informação nova corresponderia àquela que o falante acredita estar introduzindo na consciência do ouvinte quando enuncia. Chafe destaca que a forma lingüística principal do binômio informação dada-nova no inglês, e talvez para as outras línguas, se reduz ao fato de que a informação dada é transmitida de um modo atenuado em relação à informação nova, cujo status é dado principalmente por variações de entonação e de acento, bem como, algumas vezes, por variações na ordenação de palavras.

[5] Essas premissas também vão se destacar nos estudos das décadas subseqüentes.

unesp

particularidades das marcas de hesitação, sem, no entanto, realizar uma caracterização do fenômeno hesitativo de modo mais global.[6]

Tannenbaum, Williams e Hillier (1965), também preocupados com a relação entre hesitações e previsibilidade de palavras, buscaram, ainda que tangencialmente, uma caracterização mais geral das hesitações, na medida em que elas ocorreriam em todos os falantes de todas as línguas. Para esses autores os diferentes tipos de interrupção do fluxo da fala sinalizariam diferentes tipos de decisão na codificação e no planejamento lingüístico. Visando a confirmação dessa hipótese, os autores analisaram dados coletados de respostas a perguntas baseadas em mensagens de que os sujeitos testados tomaram conhecimento previamente. Nessa análise, observaram que as pausas de hesitação ocorriam em junturas de transição de alta para baixa probabilidade de ocorrência, o que sustenta a hipótese dos autores de que esse tipo de hesitação estaria relacionado com a dinâmica de seleção gramatical e lexical. Diferentemente das pausas, os falsos começos e as repetições ocorreriam não precedendo a uma escolha a ser realizada, mas como retorno para corrigir uma escolha já materializada lingüisticamente.

Com um outro interesse, o de encontrar índices empíricos para a observação do comportamento emocional, Levin e Silverman (1965) estudaram variáveis do fenômeno hesitação a partir de dados extraídos de gravações de histórias contadas oralmente por crianças em situações em que tinham público ouvinte e em situações em que não tinham público. As hesitações, bem como o fenômeno fluência, eram vistos como variáveis paralingüísticas. Pausas silenciosas, pausas preenchidas e correções foram observadas elegendo-se o que os autores interpretaram como três causas para sua ocorrência: interacional, emocional (*stress*) e de planejamento. Vale salientar que uma das inquietações dos autores era sobre o funcionamento das marcas de hesitação diferentes da pausa, que, segundo eles, eram pouco discutidas na literatura – preocupação que nos pareceu pertinente com a afirmação dos autores de que o fenômeno hesitativo tem várias causas e funções. Entre outros resultados, os autores observaram, no sentido da formulação acima, que as repetições e as correções ocorreriam devido a um esforço de comunicação do falante, ao passo que as pausas silenciosas e as preenchidas se relacionariam com uma falta de controle emocional e/ou com aspectos da personalidade do falante.

[6] Para uma discussão desse aspecto, cf. Nascimento, 2003-b. Cf. também sessão 3 deste capítulo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Voltando aos estudos que enfocam a relação entre hesitações e planejamento lexical e sintático, encontramos, ainda na década de 60, os trabalhos de Henderson, Goldman-Eisler e Skarbek (1966), Taylor (1969) e Tannenbaum, Williams e Wood (1967).

Henderson, Goldman-Eisler e Skarbek (1966) destacam, além da relação das hesitações com o planejamento, também sua relação com o que entendem por organização da fala – uma vez que, para os autores, planejamento, estrutura e organização seriam intrínsecos à produção de fala, sendo possível, para eles, haver uma distribuição não aleatória das hesitações no fluxo da fala espontânea. Analisando dados retirados de entrevista e de leitura, eles fazem uma correlação temporal da alternância entre períodos hesitativos, marcados por pausas, e os períodos fluentes subseqüentes. A partir dessa correlação, Henderson, Goldman-Eisler e Skarbek destacam que, "se o planejamento ocorre na fala espontânea e se essa atividade cognitiva continua nas hesitações no interior do fluxo da fala espontânea, então, um padrão alternativo do tipo observado representaria bem o arcabouço cognitivo subjacente ao *output* final da fala". [7]

Nesse mesmo sentido, e destacando o estatuto dos falsos começos, das repetições, dos marcadores hesitativos, das correções e das reformulações, dever-se-ia esperar, segundo os autores, que a ocorrência dessas marcas fosse função da incerteza associada com o planejamento em curso. É com base nessa expectativa (e analisando a localização das hesitações em relação aos períodos fluentes de fala) que os autores sugerem, então, que as hesitações estariam funcionalmente relacionadas ao que se poderia chamar de passo cognitivo – "cognitive stride".

Com base em dados de fala extraídos da produção de sentenças sobre tópicos de diferentes níveis de dificuldade, Taylor (1969) aborda a ocorrência de pausas e de outros tipos de hesitação. Da análise desses dados, o autor conclui que a ocorrência de hesitações sofre influências da dificuldade tópica, mas não das operações estruturais de codificação, do comprimento das sentenças ou dos tipos de sentenças produzidas. Essa conclusão leva Taylor, mesmo que dicotomizando conteúdo e estrutura[8], a afirmar que as ocorrências de hesitações refletem o grau de conceitualização das sentenças produzidas – principalmente o grau de dificuldade do conteúdo. Desse modo, para o autor, no processo de produção de sentenças, a

[7] "If planning occurs in spontaneous speech and this cognitive activity goes on in the hesitations within the flow of spontaneous speech, then an alternating pattern of the kind observed might well represent the cognitive framework underlying the final speech output" (HENDERSON, GOLDMAN-EISLER e SKARBEK, 1966, p. 210).

[8] Embora sustente essa dicotomia conteúdo-estrutura em todo seu trabalho, Taylor afirma que (1969, p. 175) "content and structure are unseparably interwined in a sentence, and changing one of them without altering the other in some way is difficult". Essa afirmação vai se relacionar a nossa proposta de observação do fenômeno hesitativo, como veremos mais adiante.

unesp

ênfase estaria no conteúdo e não na estrutura, já que esta última seria mais ou menos automatizada para o falante.

Como vimos, nem Taylor (1969) e nem mesmo Henderson, Goldman-Eisler e Skarbek (1966) sequer mencionam aspectos interacionais do fenômeno hesitativo, o que os distancia, de algum modo, da afirmação de Levin e Silverman (1965) quanto às variadas funções e causas das hesitações – dentre elas, a questão interacional – bem como do estudo de Tannenbaum, Williams e Wood (1967), que discutiremos a seguir.

Dentre os estudos sobre hesitação da década de 60, somente Tannenbaum, Williams e Wood (1967) tratam desse fenômeno enfocando não apenas os aspectos da codificação falada, mas também os da codificação escrita datilografada. Os dados que os autores analisam foram retirados de respostas gravadas, faladas e datilografadas a cartões-estímulo selecionados do "Thematic Apperception Test". Ao trabalharem com a relação entre as hesitações e o comportamento de codificação, os autores, prudentemente, ressaltam, quanto ao seu material de análise, não ser possível a realização de uma comparação direta entre os dados datilografados e falados, mas apenas uma aproximação de resultados. Nessa tentativa, Tannenbaum, Williams e Wood (1967) vincularam as hesitações – vários tipos – a características sintáticas dos textos, e concluíram que, de modo geral, as hesitações seriam sintomáticas de pontos de maior demanda cognitiva na codificação. Desse modo, em situações de codificação nas quais se mobiliza "[...] um rico agrupamento de associações, pode haver mais procura pelos itens lexicais apropriados e, conseqüentemente, uma maior incidência de [...] hesitações" (TANNENBAUM, WILLIAMS E WOOD, 1967, p. 208).

Outro fato que Tannenbaum, Williams e Wood, assim como Levin e Silverman (1965), relacionam com as hesitações são os estados emocionais. Além destes, os autores as vinculam, quanto a diferenças na ocorrência de hesitações no texto datilografado e no texto falado, a questões de *feedback* e de memória. Como, para a fala, o *feedback* seria imediato em sua questão interpessoal e as informações do texto produzido poderiam se perder na memória imediata e como, para o texto escrito, além do *feedback* não ser imediato, haveria a possibilidade de releitura, essa diferença explicaria as diferenças na ocorrência de hesitações nos dois tipos de produção lingüística, como a maior ocorrência de pausas preenchidas na fala e a menor ocorrência de pausas de longa duração na escrita datilografada.

Conforme se pôde observar, já na década de 60, alguns dos autores que se preocupam com o estudo das hesitações começam a observar o fenômeno de diversos pontos de vista, como o emocional e o interacional, bem como aquele da codificação e do planejamento lingüísticos. De modo mais consistente, os trabalhos que surgem nos anos 70,

unesp

conforme veremos, vão continuar a dar voz a diferentes aspectos que se vêem relacionados com o fenômeno hesitativo.

Especialmente nos artigos dos anos 70 a que tivemos acesso, observamos a manutenção da relação entre hesitações e planejamento lingüístico-cognitivo, e também uma maior referência ao papel interacional das hesitações. Encontramos, nesse sentido, estudos que não só se preocupavam com a produção de fala, como também estudos que analisavam a percepção da fala. Além disso, inferimos das leituras a manutenção da idéia de descontinuidade da fala. Outra observação que merece destaque nesses estudos é sobre os sujeitos pesquisados: há uma diversificação do público pesquisado, incluindo-se aí casos de patologias e de aprendizado de língua estrangeira.

Hawkins (1971), observando a localização de pausas em dados extraídos de narrativas faladas de crianças de diferentes classes socioeconômicas, destacou que a maior parte delas ocorria em fronteiras de sintagmas, além de ocorrerem em momentos de escolhas lexicais – ocorrência, como vimos, já antecipada por Goldman-Eisler (1958-a e b), Tannenbaum, Williams e Hillier (1965), Taylor (1969), Tannenbaum, Williams e Wood (1967). Hawkins, no entanto, merece destaque por propor que a ocorrência das hesitações em fronteira de sintagmas se relacionaria à situação de fala e à variedade de opções com as quais o falante se confrontaria no início de um sintagma. Essa ênfase na sintaxe, de nosso ponto de vista, é extremamente importante, já que os estudos anteriores se preocupavam preferencialmente com questões de natureza lexical.

Além disso, em sua análise, Hawkins (1971) observou que não necessariamente as pausas ocorriam imediatamente antes de uma palavra possivelmente relacionada a elas, uma vez que, em seus dados, as pausas ocorreram mais freqüentemente em fronteiras de unidades gramaticais do que antes de itens lexicais. Como reforço de suas conclusões, o autor se apóia em um trabalho de Boomer (1965), que, ao usar como unidade de análise da ocorrência de hesitações o que chamou de sintagma fonêmico ("phonemic clause"), mostrou que as pausas, em sua maioria, ocorriam no início dessa unidade ou até antes da primeira ou da segunda palavra que a compunha. Desse modo, Boomer conclui que essas pausas iniciais indicariam que a fala está sendo planejada primeiramente em sintagmas e que o sintagma fonêmico funcionaria como o ponto molar da codificação da fala. Com base nesse estudo de Boomer e na observação de seus dados, Hawkins (1971) sugere, então, dois tipos de planejamento relacionados às hesitações: um deles diria respeito ao conteúdo, de modo geral, e às pausas que ocorrem nas fronteiras de sintagmas; o outro, à seleção de itens lexicais individuais e àquelas pausas que ocorrem no interior de uma unidade gramatical. Apoiado em Boomer

unesp

(1965), o autor conclui que o sintagma fonêmico e o sintagma (sintático) parecem ser unidades importantes na codificação da fala, na medida em que o sintagma estaria na origem de decisões sintáticas de modo e transitividade[9], observação que, a nosso ver, aponta para a consideração de aspectos interacionais e cognitivos relacionados à ocorrência de hesitações.

Ruder e Jensen (1972) observaram o efeito da complexidade sintática nas pausas fluentes e nas pausas de hesitação. Diferentemente de Hawkins (1971) e dos demais autores apontados, Ruder e Jensen ativeram-se à relação que hesitações manteriam com a percepção de fala. Na base de sua análise está a idéia de que a fala é fragmentada, interrompida por pausas, além da concepção de que pausas no interior de constituintes gramaticais indicariam o processo de seleção das palavras enquanto que pausas entre constituintes maiores indicariam o processo de seleção de estruturas maiores que palavras – questão destacada também por Hawkins (1971). Quanto ao seu foco de pesquisa, Ruder e Jensen (1972) testam a hipótese de que as pausas serviriam como pistas de disjunturas que refletem a estrutura de constituintes da fala, pelo menos quando tal estrutura não pode ser esclarecida pelo contexto total da mensagem. Na análise dos resultados, os autores interpretaram as pausas como pouco significativas para a decodificação, inclusive aquelas que, segundo eles, refletiriam o processo organizacional dos falantes durante a codificação sentencial. Mesmo assim, esses autores destacam que as diferenças entre as durações das pausas hesitativas em fronteiras de orações subordinadas e as suas durações em outras fronteiras é um fator que apontaria a favor da noção de que as hesitações podem ser instrumentos importantes nos julgamentos perceptuais.

É importante destacar, no estudo de Ruder e Jensen (1972), que os autores enfocam as hesitações fora do processo interacional, como ações e movimentos individuais dos sujeitos ouvintes, dado que se pode observar inclusive pela forma de coleta de dados. Nesse sentido, esse estudo assemelha-se à maior parte dos estudos que, até a década de 70, enfocam as hesitações na produção de fala, na medida em que as consideram fora de um processo interacional. Veja-se, a seguir, nesta mesma direção, o trabalho de Jones (1974), cujos dados são coletados a partir de respostas orais a figuras-estímulo.

---

[9] Quanto às decisões de modo, o autor cita a organização dos participantes na situação (o falante informa, questiona, comanda, confirma, contradiz, requer confirmação, entre outras). Quanto à transitividade, Hawkins (1971) se refere à função dos participantes no sintagma, tais como ator, meta, beneficiário. Vale ressaltar que essa referência a modo e a transitividade se relaciona com a teoria funcionalista. Com efeito, para Firbas (1974), as sentenças possuem um ponto de partida (uma noção inicial) e uma meta do discurso, e o movimento da noção inicial para a meta do discurso revelaria o movimento da mente/pensamento.

unesp

Os sujeitos pesquisados por Jones (1974) foram garotos avaliados como tendo diferentes competências verbais, mas com nível de inteligência próximo.[10] Segundo a análise do autor, o grupo de garotos com maior habilidade verbal, em comparação com o grupo de menor habilidade verbal, usou maior número de unidades comunicativas mais longas e maior porcentagem de subordinação, além de fazerem maior uso de "tentative statements", menor uso de pausas e de apresentar menor duração média dessas pausas. Esses dados levam Jones a destacar a relevância das hesitações para a atividade de planejamento verbal que acompanha a fala. Citando Goldman-Eisler (1956), o autor destaca, na análise de seus dados, que as hesitações podem refletir tanto tensões cognitivas quanto emocionais. Outra questão que ele salienta é a da relação entre a taxa articulatória e o planejamento de fala. Para Jones (1974), uma vez que a fala mais elaborada seria primariamente codificada durante as pausas, é possível sugerir que o planejamento verbal acompanha a produção lingüística, o que se relacionaria com uma velocidade de fala menos acelerada. Este último destaque do autor nos pareceu bem interessante, uma vez que poderíamos pensar que as pausas (ou as hesitações, de um modo mais geral) configurariam momentos mais críticos dessa codificação e planejamento lingüísticos que ocorrem durante a fala.

Beattie (1979), também preocupado com a relação entre hesitações e planejamento da fala, analisou dados extraídos de gravações e de filmagens de interações longas. Uma das contribuições desse autor no sentido de elucidar a natureza das unidades de codificação envolvidas na fala espontânea foi o uso de dados verbais e de dados não verbais: mais especificamente, as hesitações – que seriam intrínsecas à fala – e medidas de direção do olhar – dados que seriam extrínsecos. Na observação das pausas silenciosas e preenchidas, o autor observou que: (a) há uma tendência para ocorrer ciclos, com períodos de hesitação e períodos de fluência; (b) as hesitações tendem a ocorrer mais no início de sentenças longas, fato que aponta para as estruturas como uma importante unidade de codificação; (c) há uma maior porcentagem dessas estruturas em momentos hesitativos do que em momentos fluentes de fala; e (d) a aversão (desvio) do olhar ("gaze aversion") foi significativamente maior durante as hesitações do que nas transições fluentes, fato que confirmaria a relação das hesitações com o planejamento. Na discussão de Beattie (1979) sobre seus dados, outra contribuição deste trabalho nos salta ao olhar: a afirmação da correlação entre as hesitações não só com estruturas sintáticas, mas também com unidades maiores, como aquelas que,

[10] O autor mediu o que seria essa habilidade verbal dos garotos – idade de 10 a 12 anos – usando os subtestes "Information", "Comprehension" e "Vocabulary" do WISC. O que seria o nível de inteligência das crianças foi medido pelo "Raven´s Progressive Matrices Test".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

segundo autor, seriam semânticas, suprassentenciais. Nesse sentido, Beattie destaca que os enunciados resultariam de um planejamento mais distal e/ou que as frases que não apresentam hesitação seriam do tipo "well-organised and automatic"[11], fato também ressaltado por Goldman-Eisler (1958a e b).

Por fim, um último aspecto que ressaltaríamos no estudo de Beattie se refere aos vínculos entre hesitações e características interacionais da fala, na medida em que, segundo o autor, o uso de hesitações permite ao falante redistribuir o tempo de planejamento, mantendo a atenção do ouvinte e diminuindo a possibilidade de ser interrompido.

Ainda na década de 70, deparamos com um outro trabalho, o de Voss (1979), que, como Ruder e Jensen (1972), preocupou-se em relacionar as hesitações com a percepção de fala. Voss tinha por objetivo analisar problemas perceptuais de falantes não nativos do inglês, com particular interesse pela possível influência das hesitações no processo de percepção. Analisando transcrições em inglês que 22 sujeitos, falantes não nativos do inglês, foram solicitados a fazer, o autor encontrou resultados que lhe sustentava a hipótese de que a percepção é similar a um processo de escolha entre a projeção do ouvinte e a informação acústica dada. Essa idéia do autor nos pareceu inédita e mais próxima de nossa concepção de linguagem, uma vez que dela podemos inferir que o processo de decodificação, e talvez também o processo de codificação, não é objetivo e linear, mas sim construído nas escolhas e projeções do ouvinte/falante. Um dado que o autor apresenta e que se faz interessante no tocante a essas escolhas é o de que houve contextos em que os "erros" nas transcrições caracterizavam esforços dos falantes em reproduzir a forma definida como suprassegmental de um enunciado – ritmo – mesmo que sem "sentido". Este dado nos remete ao estudo de Beattie (1979), para quem, como vimos, a codificação ocorreria em unidades suprassentenciais, com a diferença de que, em Voss, estamos no plano da decodificação e as unidades suprassentenciais seriam não mais semânticas, mas prosódicas.

Para reforçar sua hipótese, Voss (1979) compara seus resultados com os de Bonds (1973), autor que realizou estudo similar ao seu, porém, com sujeitos nativos do inglês. Voss destaca semelhanças entre os dados, já que, nos dois trabalhos, os "erros" que apareciam nas transcrições do material ouvido muitas vezes ocorriam por interpretação errônea das hesitações. Voss considera essa semelhança como uma evidência de que a presença de hesitações constitui um ponto de dificuldade de interpretação da fala espontânea do inglês para os falantes não nativos – resultado que difere daquele de Ruder e Jensen (1972), que,

[11] Conferir nota 4.

unesp

conforme já mencionamos, interpretaram pausas e hesitações como pouco significativas para a decodificação.

Os trabalhos que se desenvolvem na década de 80 continuam consistentes quanto ao pressuposto de que a fala seria um fenômeno não fluente por natureza e de que as hesitações teriam intrínseca relação com a codificação. Como na década anterior, os novos estudos baseiam-se em dados de sujeitos sem alterações lingüísticas ou neurológicas, mas também em dados de sujeitos com alterações lingüísticas (como os chamados distúrbios fonológicos em crianças) e de sujeitos afásicos – sujeitos com alteração lingüística devido a lesão neurológica central. Nooteboom (1980), por exemplo, realiza um estudo com base em dados – mais especificamente correções – de fala "espontânea".[12] O autor limita sua análise aos "erros" de seleção de palavras e morfemas, transposições, antecipações e perseverações de palavras, morfemas, fonemas e grupos de fonemas ("phoneme clusters"). Seu foco de interesse parece ser o das relações entre os fenômenos lingüísticos e a mente. Para ele, a tentativa de desenvolver estudos que revelem os mecanismos da mente que controlam a produção da fala espontânea podem, "[...] pelo menos em parte, explicar o crescente interesse exibido por foneticistas, lingüistas e psicólogos por lapsos da língua, deles mesmos e de outros, que são na realidade lapsos da mente, que denunciam aspectos do controle mental da fala".[13]

Nesse sentido o autor apresenta uma análise, segundo ele exploratória, de certo número de correções. Quanto aos "erros" corrigidos, o autor observou dois tipos: os lexicais e aqueles que poderiam ser considerados fonológicos – "erros" que abrangiam a forma das palavras. Nooteboom (1980) observou, ainda, que a parada para um recomeço e correção desses lapsos não era simplesmente determinada pelo momento de detecção do erro, mas determinada por uma inibição em descontinuar a produção de uma palavra. Desse modo, as correções tendiam a ocorrer nas fronteiras entre palavras ou frases. Outra questão colocada pelo autor se refere ao domínio lingüístico das correções. Segundo Nooteboom, o domínio lingüístico em que ocorreram os "erros" lexicais é diferente daquele em que ocorreram os "erros" fonológicos, uma vez que os primeiros foram corrigidos voltando-se ao enunciado – retomando-se parte da frase para um "extra check" na sintaxe e na semântica – enquanto os "erros" fonológicos foram corrigidos voltando-se ao início da palavra em que o "erro"

[12] Embora muitos autores não incluam fenômenos como correções e reformulações no *hall* das hesitações, devido a nossa perspectiva sobre o fenômeno hesitativo, conforme veremos na terceira sessão deste capítulo, iremos incluí-los em nossa revisão.

[13] "[...] may at least partly explain the growing interest displayed by phoneticians, linguists, and psychologists in slips of the tongue, their own and others, which are really slips of the mind, betraying aspects of the mental control of speaking" (NOOTEBOOM, 1980, p. 87).

unesp

ocorreu. Essa observação do autor merece destaque já que nos possibilita levantar a hipótese de que o domínio de ocorrência das hesitações poderia não ser somente o segmental.

Também Marshall e Tompkins (1982) analisaram as correções. Seus dados foram extraídos de respostas curtas solicitadas a sujeitos afásicos fluentes e não fluentes.[14] Nessa análise, os autores observaram que os sujeitos mais acometidos pela afasia tiveram menor número de correções, uma vez que, para eles, as correções parecem se relacionar com um planejamento consciente da fala considerada do ponto de vista de sua produção individual. Em sua análise, os autores entenderam, ainda, que a presença de correções seria um fator positivo no prognóstico das afasias, já que o comportamento de auto-correção, para eles, reflete uma estratégia de planejamento consciente por parte do sujeito falante para melhorar ou corrigir uma resposta tida como errônea.

Como se pode observar, Marshall e Tompkins (1982) observam as correções do ponto de vista da produção linear da fala enquanto planejamento consciente e individual realizado pelo sujeito falante. De outro lado, deparamos com Jernudd e Thuan (1983), que se interessam pelas formas lingüísticas (chamadas de componentes) que representariam uma escolha do ponto de vista do falante, ou seja, não estaríamos mais no plano linear da fala. Com esse enfoque os autores ressaltam que se devem levar em conta as normas compartilhadas com o interlocutor, no sentido de se encontrar uma concordância, uma vez que, para eles, há uma correlação entre aspectos da fala e da vida social.[15] Com efeito, a descrição de atos de fala, segundo Jernudd e Thuan (1983), remete à solução/resolução da negociação de normas específicas, culturalmente definidas e mais ou menos permanentes, normas essas que implicariam na negociação do significado. Para eles, "quando uma pessoa fala, ela manifesta a habilidade de não meramente gerar e produzir um enunciado que é apropriado ao contexto, mas também necessariamente de balancear várias demandas potencialmente conflitantes que são específicas do momento da enunciação". [16]

---

[14] "A afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central [...]. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação" (COUDRY, 1996, p. 5). As afasias podem ser classificadas em fluentes e não fluentes segundo sua manifestação de fala. Na primeira a fala é truncada, enquanto que na segunda esta se apresenta fluente, porém acompanhada de anosognosia – para uma definição de anosognosia cf. nota 19.

[15] Esse ponto da discussão de Jernudd e Thuan (1983) poderia, antecipadamente, ser relacionado com a afirmação de Bakhtin (2000) de que a "a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua" (p. 282), relação que iremos desenvolver melhor na segunda e na terceira partes deste capítulo.

[16] "When a person speaks, he manifests the ability, not merely to generate and produce an utterance that is appropriate to its context, but also necessarily to balance out a great many potentially conflicting demands that are unique to the moment of utterance" (JERNUDD e THUAN, 1983, p. 74).

unesp

Centrando-se nesses vários componentes que os sujeitos da interação precisariam balancear, Jernudd e Thuan (1983) salientam que um dos problemas da comunicação é o valor diferente que se dá a cada um deles, o que nos remete à questão valorativa em Bakhtin (2000), que será discutida na segunda parte deste capítulo. Levantadas essas questões envolvidas na comunicação verbal oral, Jernudd e Thuan (1983) ressaltam que, na conversação, a fluência é atingida pelo uso de enunciados "velhos".[17] Assim, os discursos que contenham alta proporção de frases novas seriam menos fluentes do que aqueles com menor proporção dessas e maior número de frases "velhas", estas últimas reativadas por um processo automático, uma vez que estariam estocadas na memória de longo prazo. A preocupação de Jernudd e Thuan (1983), como se pode ver, não é exclusivamente com o material lingüístico, mas é com construir um modelo de processamento lingüístico, com destaque para três níveis: (1) a execução motora seqüencial; (2) a integração da organização e intenções de fala à estrutura e ao léxico; e (3) a cognição, no sentido das idéias e das intenções em sua gênese e formulação. Especificamente quanto às hesitações, os autores fazem observações sobre correções de falantes nativos e não nativos de *pidgins*, concluindo que as correções possuem um sistema de regras paralelo ao sistema que gera a língua/linguagem. O falante poderia, desse modo, julgar a ele próprio como inadequado ou ser julgado como inadequado por não seguir convenções, o que geraria um comportamento de correção.

Constata-se, conforme havíamos adiantado, que Jernudd e Thuan (1983) inserem-se num paradigma sensivelmente diferente quanto à compreensão dos fenômenos lingüísticos, em relação à maioria dos outros estudos, já que, para eles, a linguagem não se constitui num processo linear; ao contrário, ela envolveria uma variedade de fatores, dentre eles as regras culturais e sociais, a interação entre os falantes e as formas lingüísticas.

Voltando seu interesse para o fenômeno hesitativo, Ragsdale e Sisterhen (1984) observaram várias de suas marcas na conversação de crianças entre cinco e seis anos de idade que apresentavam os chamados distúrbios articulatórios e em crianças que não apresentavam "alterações de fala". Seu interesse era o de compreender a relação entre o que definiram como codificação lingüística e "paralingüística", donde concluíram que o controle do sistema lingüístico é, em alguma medida, relacionado com o controle do sistema "paralingüístico". Analisando as hesitações das crianças, os autores observaram ainda que as crianças sem alteração na fala apresentaram maior incidência de pausas preenchidas[18] e de repetições e gaguejamentos, enquanto que as crianças com alterações do tipo "distúrbios articulatórios"

[17] Para caracterização de enunciados "velhos", ver nota 4.
[18] Os autores se referem às pausas preenchidas como fenômenos do tipo [ah].

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

apresentaram maior recorrência de fenômenos do tipo "não – [ahs]". Outra observação dos autores é sobre a incidência similar do tipo de hesitações entre as crianças sem alterações de fala e adultos, com a ressalva de que os adultos apresentariam maior freqüência de hesitações do que as crianças. Voltando à comparação dos tipos de hesitações entre os dois grupos de crianças, Ragsdale e Sisterhen observaram, ainda, que há também que se considerar a relação, já estabelecida em outros estudos, entre ocorrência de hesitações e fatores emocionais paralelamente à ansiedade relacionada com o "distúrbio articulatório".

Observamos, no estudo de Ragsdale e Sisterhen (1984), a compreensão de que a fala seria um fenômeno não fluente em sua natureza, questão considerada de significativa relevância na codificação lingüística. Nesse sentido, as hesitações, enquanto fenômenos "paralingüísticos", seriam fatores relacionados a essa não fluência.

Sob um outro enfoque, o de que as hesitações seriam elementos que serviriam pra melhorar a qualidade da comunicação entre o falante e o ouvinte, Illes e Nespoulous (1986) analisam marcas desse processo no diálogo de um afásico com anosognosia[19], numa observação longitudinal. Segundo os autores, ocorreram evidências sistemáticas de relações entre as características das hesitações na produção de fala espontânea, de um lado, e a complexidade sintática do discurso de pacientes e suas dificuldades no acesso lexical, de outro. A ocorrência de hesitações intra-sintagma mostra, para eles, que, assim como ocorre com sujeitos sem lesão neurológica, o empenho na busca lexical se marcaria por uma maior ocorrência de prolongamentos de sons em posições intra-sintagma. Illes e Nespoulous (1986) relacionaram positivamente a ocorrência de hesitações com a evolução do quadro afásico, afirmando que a maior ocorrência de correções e de repetições realizadas pelos sujeitos afásicos foi um sinal de que a anosognosia tinha diminuído. Além disso, com a maior ocorrência de hesitações, e uma conseqüente diminuição da velocidade de fala, afirmam os autores, a qualidade da produção lingüística dos sujeitos afásicos melhorou, no sentido de que aumentou a habilidade do falante em compreender sua própria mensagem.

Ainda no campo das afasias, Schlenck, Huber e Willmes (1987) analisam o que chamam de "prepairs" – formas variadas de comportamentos de busca não precedidas por erros e que parecem referir-se à parte seguinte do enunciado – e "repairs" – referentes aos esforços dos sujeitos para corrigir ou modificar partes do enunciado precedente – em dados da fala de sujeitos afásicos e não afásicos, obtida a partir de situações teste e de descrições de figuras. Distanciando-se do enfoque positivo de Marshall e Tompkins (1982) e de Illes e

[19] Anosognosia se refere à dificuldade de se monitorar – no caso – a própria fala, fenômeno que geraria um fluxo de fala contínuo sem conexões "claras" – entendido como "fala descontextualizada".

unesp

Nespoulous (1986), os autores entendem a ocorrência das hesitações como sinais de dificuldades lingüísticas nas afasias, na medida em que os "prepairs" no interior de constituintes refletiriam problemas na recuperação lexical e aqueles entre constituintes refletiriam problemas na codificação gramatical. Os autores atentam-se ainda para o monitoramento da produção lingüística, e não só para a produção lingüística em si. Segundo eles, o monitoramento não poderia se basear somente na compreensão auditiva, já que mesmo os afásicos com menor nível de compreensão auditiva apresentaram "prepairs". Esse monitoramento se basearia, desse modo, na compreensão e na produção lingüísticas.

Os trabalhos a que tivemos acesso na década de 90 foram, em sua maioria, trabalhos brasileiros. Conforme já adiantamos, esses trabalhos têm como base a consideração do processo interacional, fato que acreditamos não estar relacionado somente com a linha teórica dos autores, mas também com a própria história dos estudos sobre a hesitação. Pudemos observar, no decorrer de nossas leituras e conforme antecipamos, que, nas décadas de 50 e 60, o enfoque que se deu ao fenômeno hesitativo foi preponderantemente cognitivo individual. Nas décadas de 70 e 80, permanece o foco nessa relação entre hesitação e cognição, mas já se pode ver, em alguma medida, atenção aos aspectos interacionais envolvidos no ato de hesitar. Outra questão que vale ressaltar nos estudos de 50 a 80 diz respeito à predominância das observações para a produção de fala (língua materna) de sujeitos sem alterações lingüísticas, embora tenhamos encontrado estudos que enfocaram a aquisição de segunda língua, as alterações de linguagem, a percepção de fala e a escrita. Os estudos estrangeiros da década de 90, como veremos a seguir, vão manter essas orientações. Greene, Lindsey e Hawn (1990) observaram características temporais e de conteúdo de mensagens com múltiplos objetivos sociais – conceito que nos remete às teorias funcionalistas – no intuito de melhor compreenderam como se dá o que definem como produção e processamento de mensagens na comunicação. Com base em monólogos sobre um tópico determinado, monólogos sobre um conjunto de informações dadas, os autores constataram que as mensagens produzidas em atividades interacionais que exigiam maior número de objetivos sociais – consideradas tarefas cognitivas mais difíceis – tiverem latência de "onset" maior, foram mais longas e apresentaram maior freqüência do que os autores chamaram de repetições ideacionais, se comparadas com as tarefas de fala com menor número de objetivos sociais. Esses dados confirmaram-lhes a hipótese de que as mensagens com mais objetivos seriam caracterizadas por um aumento no tempo por requererem maior capacidade de processamento para sua formulação. Esse aumento de demanda cognitiva se manifesta, segundo os autores, por comportamentos que permitiriam uma fala fluente, tais como as

unesp

repetições ideacionais e o uso de seqüências que os autores chamam de sociocêntricas.[20] A propósito, Greene, Lindsey e Hawn (1990) fazem interessante relação entre o processamento cognitivo e sua demanda em atividades práticas, citando Newell e Rosenbloom (1981): "uma rica evidência de aquisição de habilidades mostra que a prática em uma atividade resulta num decréscimo de demanda de tempo e de capacidade de processamento".[21]

Desse modo, no que se refere à habilidade de produção de mensagens, as hesitações – em especial as pausas, pausas preenchidas e repetições – seriam um dos indicadores do aumento de tempo e da capacidade de processamento relacionado com as mensagens de múltiplos objetivos. No entanto, os autores alertam para o necessário cuidado de interpretar os dados, já que o uso das pausas indicando ao ouvinte dificuldade em expressar uma informação pode estar desempenhado uma função social. Esse comentário dos autores chama atenção por nos remeter a um funcionamento não linear das marcas de hesitação. Outra questão que nos pareceu interessante foi o comentário quanto à necessidade de se distinguirem as bases sociais e cognitivas do fenômeno pausa, o que indicia a tendência dos autores de fazer uma segregação das bases cognitiva e social da linguagem.

Tree (1995), interessado nos efeitos das hesitações na compreensão de fala, analisa dados de um experimento em que sujeitos deveriam identificar a primeira palavra após uma disfluência – falsos começos, pausas e repetições. Nessa análise, o autor constata que o processo de identificação é prejudicado pelos falsos começos, mas, no caso das repetições, essas tendem a ser inseridas em momentos em que se havia rompido um sintagma fonológico levando nem a uma desvantagem nem a uma vantagem para a compreensão. Desse modo, entendendo as disfluências de fala como um fenômeno que interrompe o fluxo de fala e que não soma conteúdo proposicional ao enunciado, o autor observa que, algumas vezes, elas afetam a compreensão, outras vezes, não.

Tree, da mesma forma que Ruder e Jensen (1972), autores que, conforme mencionamos, trabalharam com a percepção de fala, também tratam a compreensão sem levarem em conta o processo interacional. Do mesmo modo, Al-Arishi (1996) enfoca as repetições do ponto de vista individual, fora da interação.

Al-Arishi (1996) trabalha com a produção da fala, investigando a associação entre repetição e outros três tipos de auto-correção na apresentação oral, em inglês, por estudantes

[20] Os exemplos de seqüências sociocêntricas dados pelos autores são "you know", "I guess", "okay" (GREENE, LINDSEY e HAWN, 1990, p. 121).

[21] "A wealth of evidence on skill acquisition shows that practice on a task results in decreasing demands on time and processing capacit" (NEWELL e ROSENBLOOM, 1981 apud GREENE, LINDSEY e HAWN, 1990, p. 121).

unesp

árabes. Nesse trabalho, com aquisição de segunda língua, o autor observa que as repetições associadas ao mecanismo de auto-correção do tipo reparação funcionam, quase que exclusivamente, como dispositivo de planejamento ou de desaceleração de fala. Citando Evans (1985), Al-Arishi destaca a importância da repetição para a aquisição de língua nativa e de segunda língua, no sentido de que falantes nesses processos estariam em um estágio de habilidades metacomunicativas limitadas. Diferentemente da visão de Tree (1995), Al-Arishi interpreta a presença de repetições como sinal de que a fala foi planejada incorretamente, dando tempo ao falante para preparar o enunciado em busca de coesão com o que foi falado antes da repetição.

Iniciaremos, neste ponto, a discussão dos trabalhos brasileiros sobre hesitações. Conforme havíamos adiantado, faríamos uma separação entre os artigos estrangeiros e os brasileiros em virtude dos diferentes enfoques teórico-metodológicos.

A literatura estrangeira, conforme nossa exposição, enfoca os fenômenos hesitativos sobretudo em sua relação com a cognição. De modo geral, parece-nos que a questão de interesse não é exatamente o fenômeno hesitativo, mas sim a tentativa de compreender processos cognitivos em suas relações com a linguagem, o que explica, a nosso ver, a preocupação dessa literatura com os aspectos de planejamento, codificação e decodificação de fala. Esse enfoque explica também questões como o estudo dos diferentes tipos de hesitação cada um como um fenômeno (e não como manifestação de um único processo), bem como a predominância das coletas de dados baseadas em emissões individuais de fala. Veremos que são justamente esses aspectos que distanciam trabalhos estrangeiros e trabalhos brasileiros.

Nos trabalhos brasileiros, o interesse dirige-se mais para a compreensão do fenômeno hesitação. De modo geral, os autores baseiam suas interpretações em observações sobre o produto lingüístico de conversações. As coletas de dados são baseadas em conversações dirigidas por um documentador, o que permite aos estudiosos dar destaque a questões interacionais. Para iniciar nossa exposição, destacaremos alguns aspectos da abordagem textual-interativa, linha teórica na qual, predominantemente, se inserem esses trabalhos, o que nos permitirá entender melhor os recortes feitos das hesitações[22].

Segundo Jubran (2004) adotar uma pesquisa textual-interativa significaria adotar uma forma específica de conceber a linguagem diante de tantas outras abordagens. Nesse

[22] Quanto aos estudos estrangeiros sobre hesitações, não tivemos acesso a uma explicitação de sua base teórica, embora, a partir do desenvolvimento de vários desses trabalhos, tenha sido possível recuperar aspectos dessa base.

unesp

sentido, para a perspectiva textual-interativa, linguagem seria uma "[...] atividade verbal exercida entre pelo menos dois protagonistas, dentro de uma localização contextual, em que se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias de enunciação" (JUBRAN, 2004, p.2). Vista desse modo a linguagem corresponderia, ainda, à manifestação de uma competência comunicativa que, por sua vez, implicaria uma competência lingüística. Essa competência comunicativa requereria, para o processamento das estruturas lingüísticas na construção do texto, o conhecimento de um sistema de regras interiorizado, ou seja, uma competência lingüística, que permitiria aos falantes produzir, interpretar e reconhecer orações.

Notamos que esse modo de conceber a linguagem, ou o processo de interação, diz respeito a situações concretas, socialmente reguladas. Preti (2002), por exemplo, afirma que a conversação envolveria uma

> [...] interação com um único foco de atenção visual e cognitiva, em que os falantes por um momento se concentram um no outro e se ligam, não só pelos conhecimentos que partilham, mas também por outros fatores sócio-culturais, expressos na maneira como produzem o seu discurso e conduzem o diálogo (p. 45).

É em razão dessas preocupações e objetivos que as análises textuais-interativas priorizam as situações comunicativas face a face na coleta de seus dados, ou seja, os objetivos da abordagem estão intimamente relacionados com a forma de conceber a linguagem, e também com a forma de proceder a uma análise de dados lingüísticos. Dos textos produzidos nessas situações de interação face a face, numa produção momentânea e dinâmica, depreendem-se aspectos mais regulares que caracterizariam o sistema de desempenho lingüístico, entendido como um sistema que integra as estruturas lingüísticas e algumas de suas formas de processamento.

A partir das implicações conceituais decorrentes da concepção de linguagem e também, como pudemos observar, decorrentes dos objetivos dessa abordagem teórica, alguns aspectos podem ser destacados com relação ao estatuto do sujeito enquanto interlocutor da situação comunicativo-interacional:

(a) o sujeito aqui tem um caráter bio-psico-fisiológico, ou seja, é considerado enquanto interlocutor pragmático presente na situação de interação face a face, um sujeito que produz textos e que compreende e interpreta textos segundo regras sócio-culturais;

(b) esse sujeito é entendido aqui em sua dimensão consciente, dotado de intenções e com grande controle sobre a produção de seu discurso;

unesp

(c) o sujeito não se constitui na ou pela linguagem, mas é dado em termos psicofísicos[23] e dotado de um saber lingüístico e de uma competência comunicativa para produzir e interpretar textos.

Ainda, segundo Jubran (2004), a Análise Textual-Interativa, para empreender suas análises, elege, como objeto de estudos, o texto enquanto produto da atividade de interação verbal. Para a autora, os textos "[...] são unidades que resultam da ação verbal, são, nesse sentido, entidades comunicativas verbalmente realizadas e não entidades lingüísticas que adicionalmente possuem um caráter comunicativo" (p.2).

Colocando-se na Pragmática, na Lingüística Textual e na Análise da Conversação, e no contexto do Projeto da Gramática do Português Falado, os estudiosos dessa perspectiva afirmam que as condições comunicativas inscrevem-se na superfície textual, onde poderíamos observar marcas do processo formulativo interacional. Marcuschi (2004), nesse sentido, salienta, com Taylor & Cameron (1987), que existe uma relação entre desempenho conversacional e estrutura lingüística. Assim concebido, Jubran (2004) destaca que o texto, enquanto produto interacional, é tomado como objeto de estudos "para dele depreender regularidades particularizadoras das formas de processamento das estratégias e mecanismos de processamento, das estratégias e mecanismos de estruturação textual e das correspondentes funções pragmático-textuais" (p.4).

Sem perder de vista as duas questões colocadas acima, a saber, o estatuto de sujeito – psicofísico, consciente, dado antes do discurso – e o objeto de estudo – o texto, produto lingüístico concreto de interação face a face –, observemos o que diz Fávero (1999) sobre a produção de enunciados: "[...] formular um texto não é só planejá-lo, mas também realizá-lo e o esforço de formular se manifesta por marcas que esse locutor deixa no texto e que funcionam como pistas para que seu interlocutor possa compreendê-lo [...]" (p. 141/142).

Para Fávero, uma vez que, na fala, o planejamento e a verbalização são simultâneos, há conseqüências dessa simultaneidade no controle do fluxo informacional, por exemplo, a ocorrência de hesitações. Ainda para Fávero, é possível observar, nas atividades de formulação do texto, um processamento e uma linearização lingüísticos. Essa linha teórica parece admitir que a forma, "linear", assumida pela matéria lingüística, realizada enquanto ato de fala, é de extrema importância para a explicação da ocorrência do fenômeno hesitativo. Os pesquisadores deste campo situam, pois, a ocorrência da hesitação no eixo sintagmático da

[23] Inferimos, a partir das leituras, que esse sujeito psicofísico possui duas dimensões principais: uma física e outra cognitiva. Seriam relevantes na situação comunicativo-interacional, a presença, física, do sujeito e, na formulação do texto oral, o seu trabalho cognitivo. Desse modo concebido, o sujeito é dado previamente e não constituído no e pelo discurso.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

linguagem, e destacam que "tais descontinuidades muitas vezes subvertem a organização canônica dos constituintes da frase [..]" (JUBRAN, 2004, p. 6). É nesse sentido que Fávero (1999) caracteriza as hesitações como uma interrupção no fluxo informacional que resultaria, para ela, num enunciado não concluído do ponto de vista da organização sintagmática. Marcuschi (1999a) atribui o caráter de descontinuidade sintática às hesitações, na medida em que sua ocorrência constituiria "evidentes rupturas da fala, na linearidade material, em pontos não previstos por fatores sintáticos ou prosódicos [...]" (p. 163).

Como se pode observar, os autores da perspectiva textual-interativa, ao elegerem o texto (produto lingüístico – unidade de análise transfrástica) como objeto de estudo, também adotam um olhar teórico que parte da organização sintagmática da língua, enquanto estrutura morfo-sintática, para tratarem de fenômenos como as hesitações (vistas como descontinuidades). Mas, segundo Jubran (2004), essas descontinuidades "são constitutivas do texto falado e integram normalmente sua construção com vistas ao estabelecimento de relações interacionais, assegurando, desse modo, a comunicabilidade" (p. 5). Para Marcuschi (2004), a "[...] hesitação é intrínseca à competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral [...]" (p. 1). Desse modo, "fluência discursiva e descontinuidade sintática não formam uma dicotomia, já que [diriam] respeito a níveis de observação diversos" (MARCUSCHI, 2004, p. 4).

Feita essa caracterização dos aspectos mais gerais da maioria dos trabalhos brasileiros sobre hesitação (na qual destacaríamos a visão do fenômeno hesitativo como marcas dos esforços de formulação do texto e como elementos descontinuadores do fluir temático, bem como o uso de dados recortados a partir de conversas dirigidas por um documentador), passemos a tratar das especificidades de nosso fenômeno, recuperadas de cada trabalho a que tivemos acesso.

Para Cabral, Martim e Chiari (1981), além de desempenharem funções na codificação, as hesitações também integrariam os chamados traços de conversação. Quanto à função de codificação, as hesitações resultariam da estruturação lingüística da ideação e precederiam unidades suprassentenciais antes de serem mobilizados os esquemas neurais que acionariam o aparelho fonador através das cadeias eferentes.[24] Quanto aos traços da conversação, as hesitações que ocorrem no final dos enunciados, geralmente pausas plenas, teriam papel no feedback, além de servirem para manter o turno, para manter a atenção do interlocutor e para passar o turno. Para as autoras, um dos aspectos que diferencia as duas

[24] Neste ponto, chama-nos a atenção a separação promovida pelas autoras entre a programação lingüística e a motora.

unesp

funções das hesitações é sua posição. Com relação às pausas, ressaltam que as de codificação são mais freqüentes antes de suprasentenças ou em seu início, enquanto que as pausas características dos traços conversacionais ocorrem ao final dessas suprasentenças ou nas junturas gramaticais, marcando o término de constituintes maiores. As autoras ainda relacionam a maior ocorrência de pausas com a maior complexidade de planejamento do discurso.

Preti (1992), estudando conversações de sujeitos idosos, nota que o envelhecimento prejudica as habilidades de comunicação, já que afetaria as funções psíquicas e lentificaria a fala. Segundo o autor, nesses casos, a ocorrência de hesitações é sinal de problemas de memória, embora o fenômeno mantenha em funcionamento seu papel interacional de ganhar tempo. Preti ressalta, ainda, que os idosos, devido a dificuldades cognitivas decorrentes do envelhecimento, realizariam comportamentos compensatórios, como a realização mais rápida de alguns movimentos em relação aos movimentos lentos.[25]

Silva (1994), entendendo o diálogo real como uma negociação entre os sujeitos falantes, argumenta que as hesitações constituiriam uma estratégia de sustentação do turno. Especificamente quanto às pausas, porém, para a autora, numa atividade organizada de conversação, elas podem se constituir em estratégias de entrega de turno.

Quanto às relações entre fala e escrita no viés dos estudos sobre as hesitações, deparamos com os trabalhos de Scliar-Cabral e Rodrigues (1994) e de Alves e Castro (1994). No trabalho de Scliar-Cabral e Rodrigues, encontramos dados recortados não só a partir de um relato oral, como também de escrita desse relato. O enfoque dado na análise é o da semelhança do hesitar nas situações escrita e falada. Nesse sentido, as autoras postulam que as pausas preenchidas auxiliariam no planejamento, na execução e no monitoramento das produções verbais, podendo também desempenhar papéis nos traços conversacionais.[26] Outro comentário relevante desse trabalho é a negação de um isomorfismo entre a hierarquia sintática e a ocorrência das hesitações. Como Preti (1992), afirma-se a relação entre ocorrência de hesitações e dificuldades de memória, além da relação entre a maior ocorrência de pausas e a presença de itens de maior carga semântica.

Alves e Castro (1994), embora com olhar voltado para a produção lingüística oral, também levantam questões sobre a relação oral-escrito. As autoras, com um olhar para o

---

[25] Esse comentário do autor nos chama atenção quando o relacionamos com afirmações, na literatura sobre parkinsonismo, de que os sujeitos apresentam momentos de fala acelerada. Parece-nos, e iremos comentar em outro momento neste trabalho, que, em graus diferentes, como os idosos, os parkinsonianos também lançariam mão de comportamentos compensatórios em sua fala na tentativa de manterem a situação comunicativa.

[26] Estas duas funções das hesitações também foram salientadas no trabalho de Cabral, Martim e Chiari (1981), comentado anteriormente.

unesp

"lingüístico propriamente dito" (ou seja, para questões sintáticas ou para morfológicas, dentre outras), ressaltam que, sob a ótica da produção, linear no tempo, há entre as modalidades oral e escrita a diferente possibilidade de revisão do texto produzido. Segundo elas, a escrita teria um planejamento prévio enquanto que a fala seria relativamente não planejada.[27] Desse modo, diferentemente de Scliar-Cabral e Rodrigues (1994), as autoras afirmam que as hesitações são fenômenos característicos da fala, funcionando como procedimentos para driblar dificuldades que aparecem na atividade de formulação textual.

Especificamente com interesse em alongamentos hesitativos, para Marcuschi (1994), haveria marcas segmentais e marcas ditas suprassegmentais de hesitação. Dentre estas últimas, estariam os alongamentos vocálicos, tão típicos da fala quanto outras marcas de hesitação, e igualmente caracterizadores de descontinuidades sintáticas no fluxo de fala. Ressaltando que os alongamentos vocálicos apresentariam mais de uma função, o autor destaca suas funções interacionais, como a troca de turno. Marcuschi diferencia os alongamentos de hesitação daqueles alongamentos que marcam ênfase e coesão, por suas diferenças acústicas e quanto ao local de incidência. Os alongamentos enfáticos e de coesão ocorreriam no sentido de uma entonação ascendente e na sílaba tônica das palavras, enquanto que as hesitações se marcariam por entonação descendente, ocorrendo freqüentemente em palavras monossilábicas.

Tivemos acesso também a outros trabalhos de Marcuschi que abordam não só os alongamentos hesitativos, mas também buscam uma compreensão do fenômeno hesitação em suas diversas configurações formais.

Num trabalho que data de 1999, Marcuschi salienta que embora as hesitações sejam um fenômeno que gera descontinuidade textual elas são indissociáveis da fala, já que exercem funções importantes na realização e na manutenção da atividade conversacional. Além disso, ao fazer uma distinção entre hesitações e repetições, o autor salienta que as primeiras, diferentemente das repetições, "não são estratégias de formulação textual e sim indícios ou sintomas de dificuldades de processamento cognitivo-verbal localizado na estrutura sintagmática" (p. 177). Essa última afirmação associa as hesitações com o que o autor chama de recurso discursivo, que não teria função discursiva, como ele mesmo coloca. Num outro trabalho (1998), Marcuschi destaca que as hesitações atuam no plano da formulação textual, e não se encontram aleatoriamente distribuídas, mas obedecem a alguns

[27] Essa afirmação nos parece um tanto problemática, no sentido de que as autoras estão tomando, para essas afirmações, análises do produto pronto dessas atividades de linguagem. Se depararmos com o texto escrito, durante seu processo de produção, observaremos diversas marcas que poderíamos chamar de hesitações, tais como pausas na escrita, apagamentos, releituras, rasuras, dentre outras.

unesp

princípios de distribuição e servem como indicação de organização sintagmática da língua, o que as incluiria no grupo dos recursos discursivos. Como recursos discursivos, as hesitações não desempenhariam funções na conversação, mas sim representariam papéis que podem ser vistos sob três ângulos: formal, cognitivo e interacional.

Como se pode observar nas considerações de Marcuschi (a propósito, um dos mais representativos autores dessa tradição de enfoque de nosso fenômeno), as hesitações são caracterizadas como marcas lingüísticas que colaboram para a organização conversacional e/ou como marcas lingüísticas que evidenciam o processo de formulação conversacional, ou, nos termos colocados anteriormente, como procedimentos discursivos – desempenhando funções na constituição do texto oral – ou como recursos discursivos – representando papéis no processo de elaboração do texto oral.

No que se refere, então, ao papel das hesitações na organização conversacional, Marcuschi (1999b) destaca que, na construção colaborativa do sentido – a atividade de compreensão –, é necessário voltar a atenção para uma tarefa comum e sinalizá-la, tarefa que, segundo o autor, seria marcada pelas hesitações. Desse modo, as hesitações funcionariam como: sinalizadores que viabilizam as tarefas de construção do sentido; sinalizadores de conclusão, solicitação, consentimento e permissão de tomada de turno; marcadores de limites tópicos.

Ainda nesse sentido, como recursos discursivos,

> o estudo da hesitação mostra que, se o princípio da linearidade é fundamental no uso da língua, ele não pode ser entendido como simples seqüenciação ininterrupta de enunciados da esquerda para a direita, mas como um processo de organização múltiplo. Produzida tanto no nível suprassegmental (pela prosódia) como no nível segmental (com elementos formais da língua), a hesitação manifesta a presença de atividades discursivas na materialidade lingüística, evidenciada numa transcrição não editada da fala. (MARCUSCHI, 2004, p.1)

Brait (2001), salientando que não há igualdade de papéis na condução do diálogo e entendendo-o como jogo de subjetividade, considera que os falantes deixam marcas dessa negociação de significação que ocorre durante a conversação, como as hesitações.

Barros (2001), com interesse nas correções, salienta que elas ocorrem devido à necessidade de modificação de uma escolha incorreta, um "erro". Não considera esse fenômeno como hesitação, mas como procedimento discursivo. Tal distinção também é feita por Hilgert (2001), que, ao considerar as paráfrases, um dos processos de reformulação, como processos discursivos, busca distanciá-las da definição de hesitação (entendida como fenômeno suprassegmental ou paralingüístico). Para Hilgert, as hesitações seriam marcas do

unesp

esforço dos falantes em, simultaneamente, planejar e construir o texto, marcas projetivas, enquanto que as paráfrases e correções configurariam uma retrospecção.

Urbano (2001), com interesse nos marcadores conversacionais, ressalta que esses elementos, cognitivo-informativos, teriam como função ajudar no planejamento e na organização do texto falado, bem como marcar a postura do falante em relação ao que vai dizer. Os marcadores funcionariam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto, como também dos seus interlocutores, revelando e marcando as condições de produção do texto. Embora não faça aproximações ou distanciamentos entre esses elementos e as hesitações, é possível, pela caracterização do autor, aproximar os dois fenômenos.

Apesar da fundamental diferença de orientação entre os estudos de abordagem textual-interativa e os estudos estrangeiros, que entendemos como de orientação mais cognitiva, encontramos várias semelhanças no tratamento das hesitações. Apontaremos, neste momento, aquelas semelhanças cuja problematização permeará nosso construto teórico do fenômeno hesitativo:

(1) a linguagem é vista do ponto de vista de sua linearidade, ou seja, a linguagem é reduzida ao produto lingüístico, o que permite aos autores falar em fluxo de fala e em interrupção desse fluxo;

(2) a linguagem é vista como produto verbal de esforços cognitivos individuais, socialmente regulados. Daí a compreensão da linguagem como um processo mental de codificação e decodificação lingüística;

(3) o sujeito é tomado sob o recorte de seu EGO, enquanto consciência, o que permite a interpretação de fenômenos lingüísticos como estratégias e recursos lingüísticos dos quais o falante se utilizaria para se comunicar;

Especificamente quanto às hesitações, tratamento que decorre da concepção das questões de linguagem e de sujeito acima apontadas, chamou-nos a atenção, nos estudos até então discutidos:

(4) o fato de que as hesitações são vistas como descontinuidades lingüísticas, analisadas prioritariamente em relação a aspectos formais e/ou funcionais;

(5) a relação que se estabelece entre o que seria um planejamento cognitivo da linguagem, enquanto estrutura, e as hesitações, no sentido de tomar esse fenômeno como marcas de formulação ou como indício de problemas de formulação no texto oral;

(6) o tratamento das diferentes funções das diferentes marcas de hesitação sem uma conexão entre esses papéis.



A problematização dessas questões já foi levantada, de alguma forma, por alguns estudos que tratam do fenômeno hesitativo procurando um olhar mais discursivo. O próprio deslocamento teórico dos autores para um olhar mais discursivo do fenômeno pode ser interpretado como uma possibilidade de crítica ao vínculo priorizado entre hesitação e uma codificação lingüística. E é com base nessa possibilidade de crítica que discutiremos outro conjunto de trabalhos. Nestes, o fenômeno hesitativo é estudado a partir de dados retirados de conversações de sujeitos parkinsonianos e de sujeitos sem patologias neurológicas diagnosticadas.

De modo geral, os trabalhos que iremos apresentar abordam a linguagem do ponto de vista de seu funcionamento enunciativo-discursivo, e da mesma forma o fazem com as pausas ou alongamentos, marcas de hesitação neles priorizadas. Outro aspecto mais característico desses trabalhos é o de que seus autores vinculam, mais de perto, a hesitação ao componente prosódico da linguagem, já que a literatura sobre parkinsonismo observa dificuldades nesse componente ao tratar da fala nos parkinsonianos, o que veremos mais de perto em nossa revisão sobre parkinsonismo.

Para Oliveira (1999), por exemplo, a combinação entre grupo tonal e pausas pode cumprir o papel de preservação do aspecto pragmático da fala. Além disso, para a mesma autora, a combinação entre o aumento de velocidade de fala e aumento de volume de voz estaria associada a uma função de esclarecimento de tópico, a um mecanismo de interrupção do interlocutor para tomada de turno e/ou à garantia da continuidade de seu turno pelo parkinsoniano. Vê-se, ainda, uma possível relação entre pausas longas e dificuldades de organização e planejamento de turno bem como com dificuldades de memória. A presença de elementos prosódicos, segundo a autora, demarca funções como a introdução de um novo tópico, a retomada de um tópico e o esclarecimento do tópico. Outra questão apontada por Oliveira, e que nos pareceu bastante interessante, foi quanto à demarcação de vozes do discurso. Na interpretação de seus dados, a autora observou vários momentos em que marcas hesitativas acumuladas antecediam trechos de discurso citado.

Chacon e Schulz (2000) destacam, na justificativa da relevância de seu estudo, que a compreensão do local e das condições de ocorrência das pausas está intimamente relacionada com o modo pelo qual a produção dos atos de linguagem se ajusta na seqüência temporal da fala. Destacando, como dado de análise, a duração das pausas, observam relações entre: (a) a grande variabilidade de duração das pausas e a menor ou maior dificuldade dos sujeitos em desenvolver tópicos em uma situação conversacional; (b) a ocorrência de pausas longas e dificuldades de organização cognitiva combinadas com *stress*; (c) a ocorrência de

unesp

pausas breves e dificuldade de realização fonética; (d) maior duração das pausas e aspectos semânticos mais abstratos e menor duração das pausas e aspectos semânticos concretos de itens lexicais; (e) a ocorrência de pausas e a enunciação de palavras com característica semântica de "tempo"; (f) a ocorrência de pausas e a presença de autocorreções; (g) entonação suspensiva associada a pausas em porções não conclusivas da conversação bem como entonação descendente e pausas mais longas marcando final de sentenças no interior e final de turno; (h) ocorrência de pausas longas e dificuldades de memória; e (i) ocorrência de pausas iniciais longas e dificuldades motoras dos parkinsonianos.

Num estudo comparativo sobre a ocorrência de pausas iniciais em sujeitos parkinsonianos e em sujeitos sem patologia neurológica, Zaniboni (2002) observa, mais especificamente, a distribuição de pausas em turnos discursivos e suas características acústicas. Uma maior incidência de pausas foi verificada em pares dialógicos com maior conteúdo de informação e em pares dialógicos abertos, se comparada com sua incidência em pares que exigiam uma resposta fundamentada no uso de sim-não e em pares dialógicos de pedido de informação ou confirmação, de forma fechada. Quanto às freqüência das pausas, especialmente das pausas preenchidas e mistas, a autora observa que as dificuldades dos parkinsonianos de formularem seus enunciados levam a uma maior ocorrência de pausas. Além disso, com a preferência por pausas preenchidas, os parkinsonianos parecem "conquistar a chance de iniciarem seu próprio turno discursivo [...] mascarando momentos de dificuldades de elaboração e de execução da fala, garantindo [...] a continuidade de seus processos enunciativos" (ZANIBONI, 2002, p. 130). Outra questão levantada pela autora é a da correlação entre dificuldades enunciativas e dificuldades motoras da fala, interpretação feita a partir da observação de a grande maioria das pausas com vozeamento terem duração acima de um (1) segundo. Correlacionando a duração das pausas aos diferentes tipos de pares dialógicos, Zaniboni observa, ainda, que o par dialógico *pedido de informação-forma aberta* estaria associado com duração longa de pausas, maior para os parkinsonianos que para os outros sujeitos, assim como o par dialógico *comentário-forma aberta*, no qual supõe-se resposta de maior conteúdo de informação e maior expressividade lingüística por parte do sujeito.

Como se vê, nesses três trabalhos, o estudo das hesitações e sua observação a partir de um domínio prosódico e em contextos de conversação, além de trazerem (e poderem trazer ainda mais) contribuições para uma melhor compreensão da doença, especificamente, trazem também contribuições:

(a) quanto à relação entre pausas e cognição na atividade enunciativa;

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

(b) quanto à relação entre as pausas e dificuldades de enunciação;

(c) quanto à relação entre as pausas e aspectos discursivos, no sentido da manutenção das situações interacionais.

As contribuições desses estudos mais discursivos e os questionamentos que fizemos aos estudos mais cognitivistas e aos conversacionais funcionarão como ponto de partida para uma proposta que faremos sobre o funcionamento das hesitações, de modo geral, e de sua incidência na atividade discursiva, de modo mais específico. Antes, porém, de enunciá-la, buscaremos subsídios teóricos da lingüística, principalmente de trabalhos de orientação discursiva, que acreditamos poder melhor fundamentar nossa proposta.

1.2 Subsídios teóricos para um outro olhar sobre o fenômeno hesitativo

Nesta sessão, levantaremos alguns conceitos teóricos que nos possibilitarão construir um outro olhar sobre as hesitações, procurando nos distanciar daquele das abordagens que denominamos "cognitivista" e textual-interativa, sem, é claro, ignorar suas contribuições para a compreensão do fenômeno hesitativo.

Organizaremos nossa exposição de forma a explicitar os preceitos teóricos que adotaremos como subsídio para a compreensão da linguagem, de um modo mais geral, e para a compreensão das hesitações, escopo definido deste nosso trabalho. O recorte que faremos de conceitos teóricos da literatura lingüística terão por base não só o lugar teórico no qual nos inserimos – aquele que vê a materialidade lingüística inserida no processo de produção do discurso –, como também aspectos das descrições sobre hesitações que pretendemos problematizar e aspectos dos estudos mais discursivos cuja importância pretendemos destacar. Conforme expusemos ao final da sessão anterior, os pontos das descrições da literatura sobre hesitação que pretendemos questionar se referem:

(7) ao tratamento da linguagem restrito a aspectos do uso da língua em circunstâncias convencionais, ou seja, seu produto visto, pela literatura, fora das condições sócio-históricas de sua produção;

(8) ao tratamento da linguagem como um processo mental (cognitivo) de codificação e decodificação lingüística;

(9) ao tratamento do locutor/interlocutor como sujeito consciente, dotado de intenções que ele próprio pode circunscrever;

(10) ao tratamento do fenômeno hesitativo como descontinuidade lingüística;



(11) ao tratamento das hesitações como marcas de formulação ou como indício de problemas de formulação no texto oral;

(12) ao tratamento das diferentes funções das diferentes marcas de hesitação sem uma conexão mais precisa entre seus papéis.

Quanto às contribuições de alguns dos estudos lingüísticos – aqueles de orientação mais enunciativo-discursiva – que estarão na base dos destaques teóricos que faremos aqui, destacaremos, com vistas a uma possível relação com o fenômeno hesitativo de um modo mais geral:

(7) a relação entre pausas e cognição, na atividade enunciativa;

(8) a relação entre pausas e dificuldades de enunciação;

(9) a relação entre pausas e aspectos discursivos, no sentido da manutenção das situações interacionais.

Os trabalhos de Pêcheux (1990, 1997a; 1997b), de Authier-Revuz (1990, 2004), de Bakhtin (2000) e de Tfouni (2005) nos fornecerão, desse modo, subsídios para discutirmos a forma como a linguagem tem sido abordada nos trabalhos sobre hesitação, e também para discutirmos a forma como as hesitações vêm sendo analisadas nesses trabalhos – o que faremos, brevemente, ao final desta sessão.

Segundo Pêcheux (1990), dentre as questões que se colocam diante da necessidade de análise da estrutura textual estão os problemas teóricos e de procedimentos concernentes à relação entre a análise como descrição e a análise como interpretação. Outro problema que se colocaria, segundo o autor, seria o da compreensão do enunciado como um acontecimento "[...] em seu contexto de atualidade no espaço de memória que ele evoca e que já começa a reorganizar [...]" (p. 19). No sentido de elucidar essa discussão que propõe, a do discurso como estrutura e como acontecimento, dentro da linha teórica na qual se insere, a Análise do Discurso Francesa (AD), o autor postula a existência dessa tensão entre descrição e interpretação e, ainda, a existência de um entrecruzamento de proposições de aparência logicamente estáveis e formulações irremediavelmente equívocas.

Noutro sentido, mas na mesma direção, a de uma discussão teórica que pretenderia mostrar/provar a possibilidade de explicitar e descrever os arranjos sócio-históricos dos discursos, proposta da AD, que, se por um lado, refletiriam propriedades estruturais independentes de sua enunciação, pautando-se em discursos "logicamente estabilizados", por outro, estariam sujeitos a transformações de sentido por uma irrupção do real, na forma do equívoco, Pêcheux (1997b) passa a abordar a materialidade lingüística como marca das relações entre o enunciador e seu enunciado durante a enunciação. Passemos

unesp

à discussão do que seria enunciação para o autor, a fim de termos condições de compreender melhor esse duplo arranjo da materialidade lingüística, ou seja, a de um produto aparente que contém e que está contido num amplo processo de produção.

Para o embasamento do que seria a enunciação, Pêcheux parte de questionamentos ao construto teórico de Saussure, os quais passaremos a descrever. Segundo o autor (1997a), se, por um lado, a abordagem da língua como um sistema por Saussure teve a vantagem de produzir um deslocamento conceitual em relação às teorias anteriores[28], por outro lado, esse deslocamento produziu duas exclusões na construção da abordagem saussureana sobre a linguagem. São elas: (1) a exclusão da fala, ou seja, do individual, para priorizar a língua – o social; e (2) a exclusão das instituições ditas não semiológicas, entendendo-se a língua como uma instituição semiológica.[29] Pêcheux (1997a) considera problemáticas essas exclusões na medida em que, para ele, ao excluir o individual, admite-se (embora Saussure não o afirme textualmente) um sujeito livre, uma "[...] unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição [...]" (p. 71). Por outro lado, ao diferenciar e distanciar a língua, enquanto instituição semiológica, das outras instituições, não semiológicas, Saussure estaria, segundo o autor, considerando a língua como um objeto homogêneo, fruto de convenções sociais, um objeto não definido pela conformidade, teleológica, entre os meios e os fins, como as instituições não semiológicas. Assim considerada por Saussure, à língua caberiam todas as formas reguladoras, "[...] os tipos gerais que têm por vez seu suporte [na língua] sob a forma de lembranças concretas" (SAUSSURE, apud PÊCHEUX, 1997a, p. 73) da linguagem e da fala. Decorrerá desse construto a oposição entre o universal e o individual, como as duas únicas possibilidades de inscrição na linguagem, posição que Pêcheux não adota, alegando que uma frase deveria, necessariamente, ser remetida ao "mecanismo discursivo" particular que a tornou possível. O autor propõe, desse modo, um deslocamento – sair do nível do individual, da fala, e do nível do universal, da língua –, que se refere ao tratamento da linguagem num nível que seria intermediário, aquele a que ele chama o nível da particularidade: "[...] 'contratos' lingüísticos específicos de

---

[28] O salto permitido pelo *Curso de Lingüística Geral*, segundo Pêcheux (1997a), relaciona-se ao entendimento da língua enquanto sistema em funcionamento em oposição à compreensão, pela ciência clássica da linguagem, do estudo da linguagem como o estudo de um meio (gramatical e semântico) a serviço de um fim. Ou seja, a passagem do entendimento da linguagem não mais enquanto função, mas agora enquanto funcionamento.

[29] Saussure entende por instituição semiológica, conforme aponta Pêcheux (1997a), aquelas instituições cuja convenção social nos aparece explícita – a única instituição desse tipo seria a língua. Diferentemente, as instituições não semiológicas seriam aquelas cujos fins não estariam definidos nelas mesmas. Desse modo, inferimos que, para Saussure, a língua não seria uma instituição enquanto prática social, já que é entendida como um sistema de signos convencionais.

unesp

tal ou tal região do sistema, isto é, feixes de normas mais ou menos localmente definidos, e desigualmente aptos a disseminar-se uns sobre os outros [...]" (p. 74).

Entender a linguagem sob o prisma proposto por Pêcheux, o da enunciação, para nós, significaria compreendê-la do ponto de vista do que seria, para Bakhtin (2000), seu princípio organizador: os "gêneros do discurso". Esses corresponderiam "[...] a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta" (BAKHTIN, 2000, p. 312). É desse modo que Bakhtin nos chama a atenção para a constituição de nossos discursos, já que, "[...] quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos da língua, pelo contrário, costumamos tirá-la de *outros* enunciados, e, acima de tudo, de enunciados que são apresentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema, composição e estilo" (2000, p. 311).[30]

Na construção de sua teoria sobre os gêneros discursivos, Bakhtin desenvolve alguns conceitos que consideramos de extrema relevância para os propósitos de nosso trabalho. Dentre eles, destacamos o enunciado, unidade da comunicação verbal, "[...] elo na cadeia muito complexa de outros enunciados" (2000, p. 291). Para o autor, cada enunciado remete, desse modo, a *outros* enunciados que lhes são constitutivos, uma vez que

> o próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência de enunciados anteriores, aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação [...] (BAKHTIN, 2000, p. 291).

Tal construto teórico nos remete a outro fundamental conceito bakhtiniano, o da dialogia, princípio fundador da linguagem. Aqui, inferimos uma dupla dialogia, mobilizada em qualquer situação de linguagem: uma do plano da enunciação e uma do plano histórico, já que:

> Nossos enunciados estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas também, em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado (BAKHTIN, 2000, p. 314).

[30] Segundo Bakhtin (1990), o enunciado, em contraposição às orações, ou seja, unidades da língua – fenômeno puramente social e prescritivo ao indivíduo –, e à sua utilização conforme concebida por Saussure – um ato puramente individual –, corresponderia, como unidade da linguagem, a um ato de utilização da língua que se efetua relacionado às esferas da atividade humana. Ele refletiria as condições e as finalidades específicas de cada uma dessas esferas humanas e estaria regulado (quanto ao tema, composição e estilo), de modo flexível, e não prescritivo, pelos gêneros do discurso. Ou seja, haveria formas relativamente estáveis de enunciados relacionadas às esferas da atividade humana.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Nesse sentido é que Bakhtin argumenta que a língua (enquanto sistema) possui, por ser abstrata, um arsenal grande de recursos lingüísticos para expressar as posições emotivo-valorativas do locutor, ou seja, para que seja relacionada com uma realidade efetiva, nas condições reais da comunicação verbal. Desse modo, "[...] o estudo do enunciado, em sua qualidade de unidade real da comunicação verbal, também deve permitir compreender melhor a natureza das unidades da língua (como sistema), as palavras, as orações" (2000, p. 287).

Levantemos, ainda, alguns aspectos sobre a relação que Pêcheux e Bakhtin estabelecem entre as unidades da língua e o enunciado, questão de interesse neste trabalho, uma vez que nos propusemos a analisar unidades da língua em seu funcionamento discursivo.

Sobre essa relação, Bakhtin salienta que, como unidades da comunicação verbal, os enunciados sempre possuem características estruturais que lhes são comuns. Haveria, segundo o autor, três particularidades desses enunciados, das quais destacaremos, brevemente, duas: as fronteiras e o acabamento. As fronteiras se marcariam, em primeira instância, pela alternância de sujeitos falantes – dialogia enunciativa –, mas também, em outra instância, pela dialogia a qual poderíamos nomear de histórica, e que poderiam ser caracterizadas de variadas formas. Assim, quanto a essas fronteiras, o enunciado apresentaria um acabamento específico que resultaria (1) de sua circunscrição a formas típicas de estruturação dos gêneros e (2) da posição assumida pelo locutor ao produzir esse enunciado resposta (uma atitude responsiva ativa).

Na mesma direção, a que define os gêneros do discurso, e voltando ao nível da particularidade, Pêcheux (1997a) argumenta que a relação entre as unidades da língua e as unidades da comunicação verbal se definiria por feixes de normas mais ou menos localmente definidos:

> [...] se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos susceptíveis de serem engendrados, nessas condições, manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo de produção colocado em jogo (p. 79).

No que diz respeito à língua, conforme definida por Saussure, os dois autores parecem estar de acordo a respeito de sua visão enquanto materialidade da qual não se pode abrir mão na complexidade do fenômeno real da linguagem: a enunciação. No entanto, reduzir a linguagem à sua materialidade lingüística (ou seja, à língua) seria, para ambos, sinalizar uma dificuldade de distinção entre a função aparente da língua para seu locutor e seu funcionamento implícito, o que está relacionado com o que poderíamos entender como duplo arranjo da materialidade lingüística (mencionado mais no início desta sessão), ou seja, o

unesp

arranjo que se apresenta na forma de estruturas ditas "logicamente estáveis" e, ao mesmo tempo, formas equívocas de irrupção do real na/da língua. Segundo Pêcheux (1997a), ao comparar a língua às "outras" instituições – não semiológicas –, as normas da língua não são transparentes para o locutor, uma vez que este é despossuido do sentido objetivo de sua conduta. É aludindo a essas questões que o mesmo autor (1997a) salienta que o funcionamento do discurso não seria integralmente lingüístico, sendo necessário referi-lo ao que ele chama de "condições de produção do discurso". Assim, o discurso é concebido

> como uma parte de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo lugar no interior de uma formação social dada (PECHEUX, 1997a, p. 76).

E, portanto, o discurso "deve ser remetido às relações de sentido nas quais é produzido [...] o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, [e que se nos apresenta] com as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido" (PECHEUX, 1997a, p. 77).

Com base nas considerações de discurso e de enunciado em Pêcheux (1997a; 1997b) e em Bakhtin (2000), e tomando a materialidade lingüística como "[...] o lugar material de onde se realizam os efeitos de sentido" (PECHEUX, 1997b, p. 172), não seria possível adotar, portanto, como sujeito lingüístico, um sujeito livre e consciente, tal como "liberado" por Saussure em seu modelo – alerta-nos Pêcheux (1997a). Desse modo, vemo-nos diante da necessidade de suplantar essa conformidade do sujeito a sua consciência – restrito ao *Ego*[31] – e de concebê-lo, com o apoio de Authier-Revuz (1990), como um sujeito "dividido", dotado de uma instância *inconsciente*[32], tal como formulada por Lacan. A função dessa instância do "eu", sujeito lingüístico, seria a de ser, nos termos de Authier-Revuz, portador da "ilusão necessária". Assim,

---

[31] Essa noção de *Ego*, e de outras instâncias psíquicas, é extraída de um recorte do modelo estrutural e funcional do psiquismo idealizado por Freud. Segundo esse autor (apud FERRAZ E FERRAZ, 2001), haveria três regiões de ação psíquica. A mais antiga, seria a do *Id*, região dos instintos, que "contém a herança genética e está presente desde o nascimento" (FERRAZ E FERRAZ, 2001, p. 18). Durante o desenvolvimento psicológico, parte do *Id* se desdobraria em *Ego*, instância mediadora entre os instintos animais de sobrevivência e de perpetuação da espécie, região que estabeleceria as relações com o meio externo. O *Ego*, também chamado de consciência, se desdobraria num agente que Freud chamou de Superego. De formação mais tardia, o Superego "se constitui a partir da atuação do *Ego* no espaço social, seu enfrentamento com as leis humanas de convivência no grupo e a necessidade de inscrição do indivíduo na cultura" (FERRAZ E FERRAZ, 2001, p. 18).

[32] O *inconsciente* seria uma região constituída a partir do desenvolvimento do aparelho psíquico (cf. nota anterior), no modelo de Freud. "É efeito do mecanismo de defesa do ego, a repressão" (FERRAZ E FERRAZ, 2001, p. 23) os conteúdos inconscientes dirigem, segundo Freud, as ações do indivíduo em seu cotidiano, sem que o mesmo tenha conhecimento disso.

unesp

> é tal posição, a função do desconhecimento do eu que, no imaginário do sujeito dividido, reconstrói a imagem do sujeito autônomo, apagando a divisão [...] o que permite o ponto de vista segundo o qual o centro é uma ilusão produzida para o sujeito, que as ciências do homem [...] tomam como objeto ignorando que ele é imaginário (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

Desse modo, para Authier-Revuz (1990), a fala seria determinada no exterior do sujeito, de fora de sua vontade, de modo que – e baseada na problemática do dialogismo bakhtiniano – esse exterior estaria no discurso, como condição constitutiva do sujeito.

Com base nessa noção de sujeito lingüístico – sujeito clivado, dotado de *inconsciente* –, conforme permitida pela psicanálise freudiana e lacaniana, e na noção de discurso – dialógico, produto de interdiscursos –, produto de sua leitura de Bakhtin e de Pêcheux, a autora propõe um "modelo" teórico que concebe a materialidade lingüística como um objeto heterogêneo. Destarte, o sujeito estaria "em um lugar múltiplo, fundamentalmente heterogêneo, em que a exterioridade está no interior" (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29).

Antes de discutirmos esse modelo teórico de Authier-Revuz, vamos nos voltar para a questão do discurso como acontecimento, proposta de Pêcheux (1990), observando uma relação entre o sujeito (conforme teorizado acima) e o que estamos chamando de duplo arranjo na materialidade lingüística.

Segundo Pêcheux (1990), a materialidade léxico-semântica dos enunciados, ao mesmo tempo que deriva de um universo logicamente estabilizado, construído por um conjunto simples de argumentos, predicados e relações, imerge esse enunciado em uma rede de relações associativas implícitas, no sentido próprio da dialogia enunciativa bakhtiniana, funcionando sob diferentes registros discursivos e com uma estabilidade lógica variável (p. 22 e p. 23). O que o autor coloca em questão seria então o "[...] estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estáveis, suscetíveis de resposta unívoca [...] e formulações irremediavelmente equívocas" (p. 28). Nesses espaços discursivos ditos "logicamente estabilizados", "[...] supõe-se [segundo Pêcheux] que todo o sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação [e] essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo [...]" (p. 31). Desse modo, nos "espaços logicamente estáveis", o sujeito que enuncia seria um sujeito pragmático (*Ego*), aquele cuja necessidade de um mundo normatizado criaria a idéia de que os espaço estabilizados lhe seriam impostos do exterior.

Voltando-se para o outro espaço discursivo, o que segundo Pêcheux seria o lugar de um funcionamento implícito, em sua relação com esse funcionamento mais



estabilizado, Tfouni (2005) destaca que "um dos eixos de formulação do dizer é o de controlar, através de mecanismos lingüísticos adequados, a dispersão que ameaça, na enunciação, a unidade do texto [...]" (p. 3). É assim que, implícito a esses discursos que devem estar normatizados, haveria um funcionamento relacionado à dialogia enunciativa e histórica e à necessidade de se considerar os processos de produção dos discursos, cuja existência somente poderíamos postular se entendêssemos o sujeito da forma como teorizada por Authier-Revuz (1990), um sujeito dividido, dotado de *inconsciente*, um sujeito que ao mesmo tempo que controla, se perde (TFOUNI, 2005, p. 2). É esse o funcionamento que abordaria o próprio da língua através do equívoco:

> [...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente) (PÊCHEUX, 1990, p. 53).

Nesse sentido, o objeto da lingüística estaria, para Pêcheux (1990), "atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas [...] e o de transformações de sentido, [que escaparia] a qualquer norma estabelecida a priori [...]" (p. 51), de modo que, na região discursiva intermediária que se forma por esses espaços, "os objetos têm e não têm esta ou aquela propriedade, os acontecimentos têm e não têm lugar, segundo as construções discursivas nas quais se encontram inscritos os enunciados que sustentam esses objetos e acontecimentos" (p. 52). É assim que, para esse autor, "todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-semanticamente determinada) de pontos de deriva possíveis [...]" (p. 53).

Falar em pontos de deriva implicaria, para Pêcheux (1990), na afirmação da existência dos discursos-outros, no sentido de filiações históricas organizadas em redes de memórias que dariam lugar a filiações identificadoras. Assim, "[...] a descrição de um enunciado ou de uma seqüência coloca[ria] necessariamente em jogo [...] o discurso outro [...]" (p. 54/55) , que "[...] marca a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica [...] " (p. 55). É por esse viés, aquele que afirma o outro como constitutivo dos discursos, que Authier-Revuz abre uma discussão sobre as formas de materialização lingüística desses outros.

Voltando, então, ao modelo teórico discutido por Authier-Revuz, e pretendendo destacar o conceito teórico de "heterogeneidade mostrada", "sempre sob as palavras, 'outras palavras' são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma

unesp

cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar pontuar os indícios do inconsciente" (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

Poderíamos dizer, desse modo, que o produto[33] de um processo discursivo, de uma enunciação, é essencialmente heterogêneo, povoado de *outros* enunciados, embora, segundo Authier-Revuz, nem sempre a alteridade[34] desses *outros* esteja especificada nessa cadeia dita linear. Os discursos são, desse modo, heterogêneos. Haveria, para a autora, duas formas de heterogeneidade discursiva: (1) uma radical, interna ao sujeito e ao discurso e não localizável na estrutura formal que o constitui enquanto tal – heterogeneidade constitutiva –; e (2) outra que pressupõe a representação, no discurso, das fronteiras interior/exterior pelas quais um sujeito se delimitaria na pluralidade dos *outros* – heterogeneidade mostrada. É a partir desses conceitos que a autora propõe uma discussão sobre as formas lingüísticas que marcam a heterogeneidade constitutiva da linguagem, ou seja, sobre as formas marcadas de "heterogeneidade mostrada":

> Ao nível da cadeia do discurso, localizar um ponto de heterogeneidade é circunscrever este ponto, ou seja, opô-lo por diferença do resto da cadeia, à homogeneidade ou à unicidade da língua, do discurso, do sentido, etc; corpo estranho delimitado, o fragmento marcado recebe nitidamente através das glosas de correção, reserva, hesitação... um caráter de particularidade acidental, de defeito local (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 31).

Para Authier-Revuz (2004), estas formas (glosas de correção, hesitação, retoque, ajustamento) que assumem o outro na seqüência do discurso são reflexo de uma atividade de controle e regulagem do processo de comunicação, sinal da falta ou do ajustamento, especificando as condições que o locutor, sob sua tendência à "ilusão do centro", vê como necessárias para que haja uma troca verbal tida como normal. Justamente porque essa troca seria "normal", as tais condições seriam tidas pelo locutor como óbvias em todo seu discurso.

Vistas de outro modo, essas formas seriam pontos da negociação do sujeito com os *outros* que lhe são constitutivos. Ou poderíamos dizer, apoiando-nos em Tfouni (2005), que essas formas seriam "[...] evidências do embate entre a ilusão de livre escolha [...] por um lado, e, por outro, a irrupção do real[35], fazendo furo no simbólico, e quebrando a transparência imaginária da língua" (p. 2). Essas formas de heterogeneidade mostrada no discurso são

[33] Note-se que, para Authier-Revuz, bem como para Pêcheux, o produto lingüístico não deve ser considerado sem que se remeta a seu processo de produção.

[34] Segundo Authier-Revuz (2004), muitos são os valores que essa alteridade pode tomar, de modo que diversas seriam as interpretações possíveis do estatuto desses outros.

[35] Essas evidências poderiam ser vistas, ainda, no mesmo viés e de outro modo, conforme Tfouni (2005), como evidências do embate consciente e inconsciente, e o sujeito poderia então ser tomado como um estrategista nesse jogo de liberdade aparente e aprisionamento.

unesp

entendidas, retomando-se a relação entre os dois tipos de heterogeneidade postulados por Authier-Revuz (2004), como a manifestação de diversos tipos de negociação do sujeito falante com o que entende por heterogeneidade constitutiva, ou ainda, de negociação com os outros da interlocução, com os outros sentidos, com os outros discursos. Segundo Tfouni (2005), esses momentos em que o sujeito busca refúgio, usando como âncora a matéria lingüística em seus estados mais estabilizados, poderiam ser tomados como evidências das "[...] formas de contornar a dispersão e a deriva que estão constantemente resvalando pelos interstícios e tentando instalar-se" (p. 3). É nesse sentido que Tfouni destaca, no mesmo trabalho, que o sujeito seria um estrategista e estaria "[...] constantemente renunciando a outras formas paradigmáticas possíveis, dentro de uma ordem sintagmática pretendida" (p. 2).

Vejamos, a seguir, em que medida as considerações de Pêcheux (1990, 1997a; 1997b), de Bakhtin (2000), de Tfouni (2005) e de Authier-Revuz (1990, 2004) poderiam nos fornecer um contraponto à abordagem lingüística mais tradicional do fenômeno da hesitação, especificamente quanto às questões que assinalamos no início desta sessão. Isso porque é a partir desse contraponto que embasaremos nossa proposta sobre o tratamento das hesitações, discussão da próxima sessão deste capítulo.

Quanto à concepção de linguagem predominante nos trabalhos sobre hesitação, ou seja, abordada como se sua materialidade pudesse refletir o todo da comunicação verbal, observamos que isso só é possível porque esses estudos, especialmente aqueles de abordagem textual interativa, buscam regularidades, que caracterizariam o sistema de desempenho lingüístico no seu âmbito convencional, no ato da fala. Além disso, esses estudos podem ser remetidos ao que Pêcheux (1997a) chamou de "modelos informacionais", ou seja, esquemas que, colocando em foco os protagonistas e seus referentes, pressupõem uma transmissão de informações de um interlocutor para outro interlocutor. Nesse tipo de abordagem dos fenômenos lingüísticos, os estudos podem, então, sustentar a hipótese de que as unidades lingüísticas seriam fruto de esforços (cognitivos, conscientes) dos sujeitos falantes, de codificação e decodificação lingüísticas em situações socialmente determinadas. Ainda poderíamos destacar que esse recorte teórico-metodológico se baseia apenas em um dos espaços do funcionamento discursivo, conforme teorizado por Pêcheux (1990), ou sob apenas um dos eixos de formulação do dizer, segundo Tfouni (2005), aquele dos discursos "logicamente estabilizados".[36]

[36] Neste ponto, vale destacar que, onde há irrupções do real da língua na forma do equívoco, essas abordagens, conforme pudemos observar em **1.1**, empreendem uma exclusão, no sentido de que esses momentos são tidos como falhas, erros, descontinuidades do que seria um ideal da produção lingüística.

unesp

Outra questão que merece destaque é o tratamento do locutor/interlocutor como sujeito consciente, dotado de intenções objetivas, reduzido (embora não explicitamente) ao *Ego*, como única instância psíquica responsável pela produção lingüística. Retomando Authier-Revuz, esse tipo de tratamento dado ao sujeito aponta para uma reprodução da ilusão necessária; nesse sentido, os estudiosos da enunciação estariam se equivocando ao reconstruírem, teoricamente, esse sujeito autônomo, que só existiria no plano do imaginário. Tratar o sujeito omitindo-lhe sua instância inconsciente obriga os estudiosos a ignorarem os momentos em que em algum lugar da "cadeia significante" o real insiste em interferir, irrompendo outras possibilidades de significação. Cria-se, assim, "o efeito de um enunciador universal, que fala de um mundo semanticamente estabilizado, onde não existe discordância" (TFOUNI, 2005, p. 8).

É nesse quadro que situamos a literatura sobre hesitações, na medida em que, predominantemente, aborda a materialidade lingüística como produto que reflete intenções dos sujeitos falantes. Não por acaso, parece-nos, grande parte dos estudos estrangeiros sobre hesitações pode ser inserida nesse mesmo quadro, na medida em que, neles, privilegia-se do sujeito seu trabalho mental. Essa questão nos chamou mais particularmente a atenção, já que nos parece que o sujeito, nesses estudos, é visto de modo ainda mais reduzido: não exatamente à sua instância *Ego*, mas a um funcionamento cognitivo quase que fisiológico. A esse respeito, lembremos o comentário de Freud sobre a relação entre uma instância biológica – o cérebro – e outra imaginária – a consciência:

> Conhecemos duas espécies de coisas sobre o que chamamos nossa psique (ou vida mental): em primeiro lugar o cérebro (ou sistema nervoso) e, por outro lado, nossos atos de consciência, que são dados imediatos e não podem ser mais explicados por nenhum tipo de descrição. Tudo o que jaz entre eles é-nos desconhecido, e os dados não incluem nenhuma relação direta entre estes dois pontos terminais de nosso conhecimento [...] (FREUD apud FERRAZ E FERRAZ, 2001, p. 17/18).

Como colocado por Freud, a relação entre o bio-fisiológico e a consciência não se dá de forma direta. Ao ignorarem outros aspectos dos interlocutores e considerarem estritamente os aspectos ditos mentais (cognitivos), os estudos sobre hesitações de orientação mais cognitivista deixam escapar a possibilidade dessa relação direta entre o psíquico e o fisiológico, reduzindo ainda mais o estatuto do sujeito lingüístico.

Mais especificamente quanto ao tratamento das hesitações, observamos, na literatura lingüística, o tratamento predominante do fenômeno como descontinuidades, como indícios de problemas de formulação ou marcas de formulação do texto oral, bem como a busca das funções de cada marca de hesitação. A nosso ver, tal forma de abordar o fenômeno

unesp

hesitativo decorre, é claro, das questões que acabamos de problematizar. Tratando a materialidade lingüística como um todo, completo, fora de suas condições de produção e enquanto transmissão de informações, conforme nos lembra Pêcheux (1997a), é pertinente que todo e qualquer fenômeno lingüístico que "atrapalhe" essa seqüencialização informacional se constitua em descontinuidades. Além disso, no "esquema informacional" criticado por Pêcheux (1997a), se se concebe que um locutor (consciência) deve transmitir uma mensagem para um outro locutor (também consciência), então, quaisquer interferências nesse processo serão reflexo de dificuldades, desses sujeitos, em formular o texto informacional. Ocorre, nesses estudos, uma exclusão do real da língua para se priorizar o trabalho com os espaços normatizados do discurso.

Esses estudos sobre hesitação trazem, entretanto, algumas contribuições para a compreensão do fenômeno. Com efeito, destacaremos, neste ponto, duas dessas contribuições. Além de questionarem que a fala seja um elemento estritamente individual e aleatório, como postulado por Saussure, e proporem-na como fenômeno regulado por regras sociais de desempenho lingüístico, vêem as hesitações como fenômenos lingüísticos que desempenham, dentro de contextos convencionais, variados papéis. Inclusive, vários dos autores relacionam as hesitações às necessidades de escolhas lingüísticas, do ponto de vista estrito, escolhas entre paradigmas socialmente estáveis, durante a elaboração da fala. Por outro lado, a literatura não se ocupou de observar o fenômeno de modo mais global. Isso poderia se justificar pelo fato de os estudiosos se preocuparam com a caracterização das funções das hesitações, como se fossem determinadas por suas marcas lingüísticas, uma vez que "[...] o objeto da análise não [estaria] conceptualmente definido como o elemento de um processo do qual é preciso construir uma estrutura [...]" (PECHEUX, 1969, p. 67/68).

Antes de passarmos para a próxima sessão, na qual exporemos nossa proposta teórica de abordagem dos fenômenos hesitativos, destacaremos, resumidamente, os princípios teóricos que adotaremos (decorrentes dessa nossa problematização aos construtos teóricos sobre hesitações, predominantes na literatura lingüística), possíveis devido às contribuições dos estudos de Pêcheux (1990, 1997a, 1997b), de Bakhtin (2000), Authier-Revuz (1990, 2004) e de Tfouni (2005):

(a) conceberemos o sujeito lingüístico como constituído de *Id*, *Ego* e *Superego*, bem como permeado por um *inconsciente*; [37]

(b) adotaremos uma concepção de discurso como dialógico, produto de interdiscursos;

[37] Conferir, para um breve esclarecimento sobre *Id*, *Ego* e *Superego*, nota 31; sobre *inconsciente*, nota 32.

unesp

(c) entenderemos a materialidade lingüística como produto, complexo, da negociação do sujeito com os *outros* que constituem seu discurso e que constituem o próprio sujeito do discurso. Ou seja, como uma massa compacta que se mostra como lingüisticamente materializada e "organizada", mas que deve, necessariamente, ser remetida às condições reais de enunciação nas quais foi produzida.

1.3 Um outro olhar para as hesitações

A ponte não é de concreto, não é de ferro
Não é de cimento
A ponte é até onde vai o meu pensamento
A ponte não é para ir nem pra voltar
A ponte é somente pra atravessar
Caminhar sobre as águas desse momento
(LENINE. **A ponte**. 1997)

Contribuíram para a proposta que iremos fazer aqui não só os questionamentos de aspectos da literatura e os conceitos teóricos levantados a partir dos trabalhos de Pêcheux (1990, 1997a; 1997b), de Bakhtin (2000), de Tfouni (2005) e de Authier-Revuz (1990, 2004), mas também alguns dos resultados de estudos sobre hesitação cujo estatuto de contribuição (no sentido de uma abordagem diferenciada das hesitações) retomaremos a seguir.

Muitos dos autores cujos estudos indiciaram uma orientação mais cognitivista no tratamento das hesitações alegaram uma distribuição não aleatória do fenômeno hesitativo[38], aspecto destacado em toda literatura de orientação textual-interativa, salientando, ainda, uma determinação multifatorial das hesitações. Sobre este segundo aspecto, dentre os fatores que determinariam o aparecimento de hesitações, encontramos menções: a questões emocionais e à atividade reflexiva (memória) e articulatória em Goldman-Eisler (1956); a questões cognitivas, formais e interacionais em Marcuschi (1999a e b; 2004); a questões interacionais, emocionais (*stress*) e de planejamento em Levin e Silverman (1965); e a questões como a própria realização motora da fala ("slips of tongue") em Ragsdale e Sisterhen (1984).

Outra contribuição que podemos destacar se refere à relação estabelecida – especialmente por Tannenbaum, Williams e Wood (1967) – entre a maior ocorrência de hesitações e o que esses autores interpretam como *aumento da demanda cognitiva*. Além dessa relação com aspectos mentais, as hesitações, enquanto lapsos da mente, segundo Nooteboom (1980), denunciariam aspectos do controle mental da fala, e não teriam um

[38] Conferir, para discussão desse ponto como contribuição para nossa proposta, sessão **1.2** deste capítulo.

unesp

funcionamento somente segmental. Ou seja, elas estariam relacionadas a outros fatores lingüísticos, não exclusivamente ao segmental, como também destacou Taylor (1969), sobre a influência da determinação tópica na ocorrência das hesitações. Ainda nesse sentido, para Voss (1979), o processo de decodificação, e talvez o de codificação, não sendo linear, seria similar a um processo de escolhas entre a projeção do ouvinte e a informação acústica do dado. No que se refere às hesitações agora como marcas das escolhas dos falantes, Thuan (1983), relaciona esse fenômeno à solução/resolução da negociação de normas específicas, culturalmente definidas e mais ou menos permanentes, normas essas que implicariam na negociação do significado. Para ele, "quando uma pessoa fala, ela manifesta a habilidade de não meramente gerar e produzir um enunciado que é apropriado ao contexto, mas também necessariamente de balancear várias demandas potencialmente conflitantes que são específicas do momento da enunciação" (p. 75), questão que se aproxima à proposta dos autores brasileiros no estudo das hesitações.

Apontaremos abaixo três considerações que essas contribuições da literatura mobilizaram em nossa reflexão.

Em primeiro lugar, se nos referimos a um fenômeno cujas marcas apresentam funções relacionadas a variados aspectos, é necessário, segundo nosso ponto de vista, antes de buscar as especificidades de cada uma das suas formas de manifestação, compreender seu funcionamento mais global. A nosso ver, isso pode ser feito se nos posicionarmos num lugar com base no qual se possam buscar as características semelhantes indiciadas nas diversas ocorrências do fenômeno hesitativo.

Em segundo lugar, os comentários dos autores sobre as determinações multifatoriais das hesitações e sobre sua relação com situações que demandavam alternativas a serem escolhidas aguçaram nossa reflexão, agora num paradigma em que a materialidade lingüística seria constituída pela heterogeneidade e no âmbito das seleções que os falantes deveriam realizar para constituir sua fala, em direção à hipótese de que as hesitações mostrariam, de algum modo, relações estabelecidas pelo/ no sujeito entre os diversos fatores – "outros" – envolvidos no ato de construção de uma matéria fônica.

Lembremos que esses dois aspectos nos remetem a duas das contribuições que destacamos nas sessões anteriores, com relação à literatura de orientação mais discursiva, a saber, a relação estabelecida entre as hesitações (mais especificamente, pausas) e aspectos discursivos e a relação entre as hesitações (também mais especificamente, pausas) e dificuldades na enunciação.

unesp

Enfim, em terceiro lugar, nossa preocupação é com a relação, estabelecida pela literatura, entre a ocorrência das hesitações e um provável aumento de demanda cognitiva, bem como com sua relação com a realização motora da fala. Essa preocupação, somada às duas considerações anteriores, levou-nos à necessidade de questionar o estatuto das hesitações enquanto reflexo de esforços cognitivos do falante, tanto do âmbito da relação direta que os trabalhos parecem estabelecer, quanto de sua exclusividade. Ou seja, questionamo-nos (1) se esse trabalho cognitivo não se relacionaria inclusive ao do planejamento da realização motora, não mencionado em nenhum momento pelos autores e (2) se o próprio trabalho motor não poderia ser um dos fatores determinantes da ocorrência de hesitações, na medida em que nem mesmo a ação motora estaria fora de um trabalho cognitivo durante a atividade lingüística.

Esse nosso questionamento se relaciona, em parte, com outra das contribuições que destacamos da literatura de orientação mais discursiva: a relação estabelecida entre hesitações (pausas) e aspectos cognitivos, além de se relacionar ao estatuto de sujeito que adotamos, junto com Authier-Revuz, Pêcheux e Tfouni, um sujeito que vai além de sua consciência, um sujeito dotado de inconsciente, no sentido de "[...] conflitos esquecidos, demandas recalcadas – eventualmente portadoras de sofrimento – que agem, sem que o [próprio] sujeito saiba, na sua vida presente" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 50) e, portanto, na constituição de seu discurso.

Esses destaques nos remetem não só para a necessidade da consideração das hesitações dentro de um processo enunciativo, como também para a necessidade de abordagem das diversas marcas do fenômeno hesitativo no interior de uma teoria que o considere como organização estrutural de um fenômeno mais geral, que funcionaria sob determinação multifatorial, em sua causa e em suas funções, envolvendo "escolhas" por parte do sujeito falante. Ou seja, esses destaques nos chamam para a necessidade, conforme já nos havia alertado Pêcheux (1990), de se

> [...] construir procedimentos (modos de interrogação de dados e formas de raciocínio) capazes de abordar explicitamente o fato do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico. Isto é, a necessidade de trabalhar no ponto em que cessa a consistência da representação lógica no espaço dos mundos normais (p. 51),

espaço no qual predominam os trabalhos sobre hesitações, conforme acabamos de destacar. Desse outro lugar discursivo, as hesitações não se constituiriam como indícios descontinuadores do fluir temático, disfluências – como apontado na maioria dos estudos lingüísticos que levantamos no início deste capítulo. Em primeiro lugar, porque a natureza do

discurso seria dialógica, pressupondo diferentes modos de negociação do sujeito com os *outros* que o constituem, em diferentes graus de complexidade nessa relação – tanto nas situações consideradas como normais de fala quanto nas consideradas como alteradas; e, em segundo lugar, porque a fluência, vista como continuidade, seria, assim como o "eu", uma construção imaginária que daria ao sujeito a ilusão do controle sobre suas ações lingüísticas, na realidade, guiadas em grande medida por um *inconsciente* cujos conteúdos são desconhecidos ao sujeito. Sustentaremos aqui, teoricamente, e de modo breve, a hipótese de que a *hesitação* seria um processo discursivo que vem mostrado na materialidade do discurso por marcas características. Tal hipótese será exemplificada na análise dos dados de nosso *corpus*, no capítulo **IV.**.

É assim que, concebendo o texto oral, conforme propusemos (cf. sessão **1.2** deste capítulo), como a realização lingüística de enunciados, tomaremos as hesitações como marcas, mostradas no discurso, em sua forma lingüística, da negociação do sujeito do discurso com os múltiplos *outros* que lhes são constitutivos, negociação empreendida no sentido de domesticar e organizar, segundo as restrições de interpretação dadas pelos espaços imaginariamente estabilizados, o deslizamento, a instabilidade dos significados e, mesmo, dos próprios movimentos envolvidos na produção dos significantes lingüísticos. Ou seja, o processo discursivo que estamos propondo estudar se refere àquele que, colocando em evidência o princípio dialógico da linguagem e a limitação formal de sua realização, delataria a necessidade, imposta ao sujeito, de "organizar", segundo certas regras, não prescritivas, recortes, mobilizados de seu *inconsciente*, desses *outros* que lhe são constitutivos. É assim que nos remetemos à definição de Authier-Revuz (1990) sobre as formas de heterogeneidade mostrada marcada, entendendo as hesitações como uma delas, uma vez que, inclusive, a própria autora enquadrou, em seu trabalho, as hesitações nesse grupo. Diríamos ainda que as hesitações se constituiriam em pontos de deriva[39] aparentes, já que segundo Pêcheux (1990), "[...] toda seqüência de enunciados é [...] lingüisticamente descritível como uma série (léxico-semanticamente determinada)[40] de pontos de deriva possíveis [...]" (p.53). Com efeito, para Authier-Revuz (1990), esses pontos seriam aqueles "[...] através das quais se altera a unicidade aparente da cadeia discursiva" (p. 29) e nos quais se inscrevem os *outros*, cuja alteridade nem sempre está explícita nessa cadeia.

---

[39] Destacamos que entenderemos a "deriva" tanto relacionada ao significado, como abordado por Pêcheux, quanto relacionada ao significante. Assim, trabalhamos com uma construção teoria de deriva mais abrangente do que aquela abordada na literatura lingüística.

[40] Acrescentaríamos a essa determinação léxico-semântica também a determinação fonético-fonológica dos enunciados.

Entenderemos como *outros* discursivos não só os discursos socialmente sustentados que constituem os indivíduos; mas também argumentamos a favor de que a própria estrutura da língua, em seus diversos sub-sistemas – entendida como contraparte do funcionamento discursivo –, seja considerada como determinante da ocorrência das hesitações.

Visando relacionar a participação desses *outros* discursivos na ocorrência das hesitações, tomando cuidado para não simplificá-la, levantaremos a hipótese de que, durante uma atividade enunciativa, atividade que põe em jogo uma grande variedade de fatores – "outros" –, algumas questões estariam em foco para o sujeito, questões essas potencialmente conflitantes, cujas demandas o falante precisaria equilibrar, na tentativa de manter seu centro, o "eu", ilusão necessária. Assim, no momento em que ocorre uma hesitação, evidenciar-se-ia, para o sujeito, sua natureza dividida, dispersa. O fenômeno hesitativo na linguagem poderia, portanto, ser entendido como uma marca da insistência do outro como "lei do espaço social e da memória histórica" uma vez que, conforme destaca Pêcheux (1990), todo discurso é dependente das "[...] redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe [...]" (p. 56). As hesitações serão por nós tomadas, dessa forma, como lugares em que o sujeito se apóia diante de agitações nas filiações sócio-históricas de identificação "[...] na medida em que [todo discurso] constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço [...]" (PÊCHEUX, 1990, p. 56).

Colocadas deste modo, inseridas numa atividade que "obriga" o sujeito a negociar com esses *outros* que lhe são constitutivos, as hesitações apontariam para momentos de tensão com foco em vários elementos envolvidos no processo lingüístico-discursivo, momentos de tomadas de posição do sujeito. Dito de outro modo, as hesitações se constituiriam em pontos de ancoragem em momentos nos quais a negociação com *outros* específicos estaria sendo problemática para o sujeito, no sentido da manipulação, mais ou menos consciente, que esse sujeito empreende com significados e significantes para evitar que seu discurso se desloque de sentido e de forma, devido a uma proibição de interpretação própria do "logicamente estável".

Nesse viés, a cada ocorrência do fenômeno hesitação – ponto de deriva, local que marca "um eu que se perde" –, poderíamos localizar diferentes focos de tensão, que seriam interpretáveis, ao destacarmos a própria língua como elemento de tensão, pelas relações possíveis de serem estabelecidas entre os elementos que circundam a marca hesitativa. Em nosso caso específico, e uma vez que acreditamos ser impossível delimitar todos os discursos e/ou fatores que podem concorrer (co-ocorrer) para o aparecimento do fenômeno hesitativo,

unesp

delimitaremos alguns *outros* possíveis – no processo de deriva, algumas interpretações possíveis dessa irrupção do real da língua, já que o real está na falta – cujo estatuto verificaremos mais à frente, no capítulo **IV.**, na análise dos dados de nosso corpus. Priorizaremos fatos que, na linguagem, envolvem também sua contraparte cognitiva, inclusive a que diz respeito ao planejamento de sua atividade motora, (aspectos que levaremos em consideração em razão do destaque feito a elas pela literatura lingüística revisada, bem como em decorrência dos aspectos sobre parkinsonismo que destacaremos no próximo capítulo). É assim que, também essa contraparte cognitiva – que, a nosso ver, diz respeito a qualquer fato ligado aos sub-sistemas da língua, do fonológico ao semântico, bem como a sua integração – será vista como foco de tensão possível na medida em que os diversos subsistemas da língua também possibilitam irrupções nos/pelos significados e significantes durante a negociação discursiva, marcada pelas hesitações. Não ignoramos, entretanto, a existência de inúmeros outros fatores aos quais, acreditamos, nem sempre poderemos ter acesso.

Assim, a partir deste ponto, defenderemos o construto de que as hesitações, enquanto processo discursivo, constituem-se, durante a atividade enunciativa, em marcas que evidenciam a negociação do sujeito com os *outros* de seu discurso, em pontos em que o sujeito "[detém-se] para conter a deriva que sempre está prestes a se instalar, pela insistência do real [...]" (TFOUNI, 2005, p. 5) . Pleitearemos, ainda, que as diferentes formas de manifestação do fenômeno, bem como seus locais preferenciais de ocorrência, indiciariam diferentes focos de tensão mobilizados durante a atividade discursiva, no sentido de um controle da dispersão, pretendido através de mecanismos lingüísticos específicos, do dizer pleno almejado. Ressaltemos neste ponto que esse dizer almejado se relaciona ao "[...] efeito de um enunciador universal, que fala de um mundo semanticamente estabilizado, onde não exist[iria] discordância" (p. 8) conforme destacado por Tfouni (2005) a respeito dos mecanismos de ancoragem. Assim, as hesitações se constituem, para efeitos deste trabalho, em pontos em que o sujeito, atrelando-se à matéria lingüística, busca sustentar esse efeito de homogeneidade de seu dizer. É procurando evidências que sustentem esse construto que passaremos, na sessão seguinte, a levantar alguns aspectos teóricos sobre o parkinsonismo, uma vez que propusemos, no presente trabalho, analisar as hesitações na atividade verbal de um sujeito com doença de Parkinson em comparação com dados da atividade verbal de um sujeito sem alteração neurológica evidenciada.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

II. A DOENÇA DE PARKINSON

Em nossa revisão sobre hesitações, destacamos que, na grande maioria dos estudos lingüísticos, elas são relacionadas a descontinuidades de fala, ou seja, são consideradas disfluências de fala. Vimos que a essa caracterização subjaz o tratamento da linguagem do ponto de vista de sua materialidade, com um recorte prioritariamente estrutural, vista enquanto produto verbal de esforços cognitivos de um sujeito consciente. Também decorre dessa base teórica o tratamento das hesitações, e de seus diferentes papéis, como reflexo dos esforços cognitivos de formulação do texto oral.

Embora já tenhamos questionado tal abordagem, reduzida, da linguagem e das hesitações com base em estudos mais discursivos – e até mesmo apresentado qual será o nosso olhar para o fenômeno hesitativo –, esse recorte justificará, inicialmente, nossos destaques das descrições das características do parkinsonismo na literatura biomédica. Isso porque procuraremos destacar, nos trabalhos que mencionam as dificuldades de linguagem no parkinsonismo, aspectos que nos levarão a questionamentos "semelhantes" aos que levantamos nos estudos sobre hesitação[41]. Nesse sentido, e sabendo que tal patologia se caracteriza por afetar principalmente regiões cerebrais responsáveis pela execução e controle motor, destacamos na literatura sobre parkinsonismo a prioridade dada ao que ela entende como aspectos motores da linguagem.

Enfocaremos vários aspectos na descrição da doença de Parkinson, já que, para analisarmos as hesitações na atividade verbal de sujeitos com parkinsonismo, acreditamos ser imprescindível uma certa compreensão do que constitui a patologia em questão, principalmente quanto aos aspectos lingüísticos. Salientamos, ainda, que, tendo como foco de interesse a compreensão do fenômeno hesitativo, dos aspectos destacados da doença destacaremos a independência construída entre os aspectos definidos como cognitivos e os aspectos definidos como motores da linguagem, o que se relaciona com uma das hipóteses que levantamos anteriormente – as hesitações se relacionam a momentos de tensão entre vários elementos envolvidos no discurso – e com uma outra que construiremos a partir da análise dos dados – um dos elementos de tensão visto nas hesitações seriam os aspectos

[41] Relacionando os aspectos destacados nas duas revisões bibliográficas, sobre hesitações e sobre parkinsonismo, veremos que ambas as áreas reduzem a linguagem a um de seus aspectos – a materialidade estrutural e a execução articulatória da fala, respectivamente –, criam uma segregação entre aspectos motores e cognitivos e ainda vêm o sujeito lingüístico fora de sua complexidade – sujeito enquanto *Ego* para os lingüistas e uma quase anulação do sujeito pela doença na literatura biomédica.

unesp

fonético-fonológicos da fala, reduzidos, na literatura sobre parkinsonismo, a uma "execução motora da fala".

Também chamamos atenção, nessa revisão, para questões como a metodologia de coleta de dados lingüísticos, questão que será retomada na discussão metodológica do presente trabalho.

2.1 A doença de Parkinson: uma breve revisão da literatura

Quanto à organização desta sessão, destacaremos, inicialmente, os aspectos mais gerais relativos à doença de Parkinson, tais como suas causas e suas manifestações globais. Num segundo momento, enfocaremos especificamente as caracterizações relacionadas à cognição e à linguagem, para, por fim, levantarmos alguns questionamentos que nortearão a análise e discussão de dados nos capítulos seguintes.

O parkinsonismo é uma das principais afecções neurológicas presentes em idosos, e a prevalência de sua forma mais comum, o parkinsonismo idiopático ou doença de Parkinson, varia entre cinqüenta e cento e cinqüenta casos por cem mil pessoas (BARBOSA, 1989). Segundo a literatura especializada, essa afecção neurológica decorre de alterações progressivas ao nível do sistema extrapiramidal e núcleos da base (MACHADO, 1993), acometendo principalmente o sistema motor. Grande parte dos autores que tratam do parkinsonismo (BARBOSA, 1989; LIMONGI, 2001; MACHADO, 1993; MONTEIRO, 1997; SILVA, 1984) concorda que os tremores, a acinesia e a rigidez de movimentos compõem o quadro clinico sintomático básico da doença de Parkinson.

Para Limongi (2001), o tremor é a manifestação mais freqüente. Observado em 70% dos pacientes (MARSDEN, 1994 *apud* WITT, 2003), é a manifestação que mais chama a atenção, embora não seja a mais incapacitante. É descrito como sendo de repouso, exacerbando-se durante a marcha, no esforço mental e em situações de tensão emocional, embora desapareça durante o sono.

A acinesia é um distúrbio caracterizado por pobreza de movimentos e lentidão na iniciação da execução dos atos motores voluntários e automáticos, associada à dificuldade de mudanças de padrões motores (BARBOSA, 1989). Outros distúrbios motores associados a acinesia são: a aceleração involuntária na execução de movimentos voluntários rítmicos (festinação) e a perda abrupta da capacidade de iniciar ou manter uma atividade motora específica, manifestando-se como hesitação no início do movimento (*freezing*).

unesp

A hipocinesia, que também é um distúrbio correlato à acinesia, engloba a redução da expressão facial (hipomimia), a diminuição da expressão corporal, a redução da deglutição automática da saliva levando à sialorréia, uma caligrafia menos legível e de tamanho reduzido, marcha com passos mais lentos, dificuldades para equilibrar-se e uma postura geral modificada (BARBOSA, 1989). Esses sintomas também estão associados à rigidez muscular, que se apresenta na forma de uma hipertonia plástica e acomete preferencialmente a musculatura flexora, determinando alterações típicas da postura com ântero-flexão do tronco e semiflexão dos membros.

Nota-se que, do ponto de vista das ciências biomédicas, a doença de Parkinson (D.P.) se dá essencialmente como uma dificuldade motora, decorrente de uma lesão difusa que acomete o Sistema Nervoso Central, principalmente nas regiões responsáveis pela produção de dopamina[42]. A lesão geralmente ocorre na sexta ou sétima década de vida, sendo que os casos de início mais precoce[43], segundo Andrade *(apud* WITT, 2003), são descritos com uma proporção que vai diminuindo progressivamente em relação direta com a queda da idade de início. Os casos de início mais tardio são relativamente mais benignos, visto que a progressão da doença tem um curso mais lento.

Apesar de o enfoque da maior parte dos estudos encontrados ser sobre as dificuldades motoras da doença, manifestações tidas como não-motoras também são tematizadas na literatura, o que veremos a seguir.

Embora quem primeiro tenha descrito a doença de Parkinson (à época, "paralisia agitante"), em 1817, tenha admitido ausência de alterações mentais ou intelectuais, em 1882, Ball (apud SILVA, 1984) constatou alterações psíquicas em um grande número de parkinsonianos, e hoje os estudiosos já incorporaram como sintomas da doença possíveis alterações cognitivas. Andrade *et al (apud* WITT, 2003), por exemplo, citam diferentes tipos de distúrbios neuropsiquiátricos que podem estar presentes na doença. A demência é um deles. Sua prevalência na D.P. oscila em torno de 20%, sendo que o risco de desenvolver demência é duas vezes maior em indivíduos com a doença do que em sujeitos controles da mesma idade (MARSDEN *apud* WITT, 2003).

---

[42] Dopamina: neurotransmissor produzido principalmente pelos corpos celulares da substância negra, parte integrante dos gânglios basais, que, por sua vez, estão situados na região extrapiramidal do S.N.C. Atua nas sinapses entre a substância negra e o corpo estriado, importante estrutura motora, levando mensagens elétricas de um neurônio a outro (LIMONGI, s/d, *apud* WITT, 2003).

[43] Não existe um consenso entre os estudiosos. A maioria dos pesquisadores admite a idade de 40 anos como o limite abaixo do qual se passa a denominar a doença como de início precoce (ANDRADE *et al,* 1999, *apud* WITT, 2003).

unesp

Barbosa (1989) salienta que distúrbios mentais, demência e depressão são muito freqüentes na doença de Parkinson, e são provocados pelo comprometimento de estruturas fora dos gânglios da base.

Ainda sobre alterações cognitivas, para Limongi (2001), a maior parte dos parkinsonianos encontra-se com sua capacidade de raciocínio, percepção e julgamento intactos; entretanto, dificuldades com memória, cálculos e atividades que requerem orientação espacial podem ocorrer em qualquer estágio da doença, tendendo a ser mais intensas nas fases adiantadas e nos sujeitos mais idosos. Também Melaragno (1987) admite que, durante a evolução, na maior parte das vezes os pacientes começam a apresentar um decrescimento mais, ou menos, intenso da memória e de outras funções cognitivas. Esse autor observa que há certa semelhança entre a demência parkinsoniana e as demências do tipo subcortical, que se caracterizam por um alentecimento dos processos mentais, fácil esquecimento, alterações cognitivas, depressão. Do ponto de vista psiquiátrico, salienta o autor, uma demência subcortical identifica-se principalmente por déficits na atenção, no humor, na motivação, na linguagem, na memória e nas habilidades visuo-espaciais, sintomas esses que também são encontrados na doença de Parkinson.

Autores como Barbosa, Lefèvere e Comerlatti et al (1987) entendem o quadro demencial na doença de Parkinson como uma composição de disfunções neuropsicológicas. Esses autores, em um estudo no qual realizaram testagens de vários aspectos neuropsicológicos, obtiveram como funções neuropsicológicas mais freqüentemente afetadas no Parkinson: a memória imediata, a abstração, a gnosia visual, o cálculo, a função motora dinâmica das mãos, a praxia construtiva e a memória recente. Com esses resultados, os autores sugerem, assim como Melaragno (1987) e Limongi (2001), que a demência parkinsoniana seria do tipo subcortical, e que haveria uma relativa preservação da linguagem.

Vale ressaltar, neste ponto, que alguns estudos procuram estabelecer um vínculo entre o quadro de demência e outros sintomas do parkinsonismo, tais como sua progressão, a idade dos sujeitos parkinsonianos, a relação com os tratamentos medicamentosos. Os resultados desses estudos são pouco congruentes, mas bastante interessantes. Bine, Frank e McDade (1995), por exemplo, salientam que pessoas mais idosas com doença de Parkinson são mais propensas a terem um diagnóstico associado de demência. Os autores destacam, ainda, que sujeitos com demência parecem ter uma progressão mais rápida da doença. Por outro lado, Barbosa, Lefèvre, Comerlatti et al (1987) não encontraram em seu estudo uma relação entre, de um lado, a deterioração intelectual e, de outro, a idade de início da doença, idade atual do parkinsoniano ou ainda a duração da doença; mas observaram que o grau de

unesp

oligocinesia foi significativamente maior nos grupos dos pacientes com desempenho intelectual abaixo do normal. Há referência de que própria medicação antiparkinsoniana pode contribuir para a produção dessas alterações, e segundo Silva (1984), a medicação contribui para acentuar a variabilidade na intensidade dos sintomas, nas alterações do psiquismo e nas alterações da eficiência motora.

Um outro aspecto de que trataremos diz respeito à linguagem. Embora recentemente tenha aumentado o número de trabalhos que analisam o funcionamento da linguagem em sujeitos parkinsonianos e, nos últimos vinte anos, como pode ser verificado em Andrade *et al* (*apud* WITT, 2003), tenha surgido uma grande revolução na compreensão dessa doença, na evolução dos conhecimentos de sua etiopatogenia, fisiopatologia dos sinais e sintomas, nas estratégias de tratamento cirúrgico dentre outros, poucos foram os estudos encontrados que trazem informações sobre a linguagem nestes sujeitos. Passemos a relacioná-los.

As alterações de fala, como salientaram Robbins, Longemann e Kibshner (1986), estão presentes em mais de noventa e dois por cento dos parkinsonianos. Small, Lyans e Kemper (1997) observam que, por ser uma doença subcortical, as alterações de linguagem na doença de Parkinson envolvem déficits acústicos e articulatórios associados com o distúrbio de base motora.

O parkinsonismo, segundo Limongi (2001), não leva necessariamente a dificuldades em relação aos mecanismos de compreensão da fala ou da escrita, já que alguns parkinsonianos podem não apresentar quaisquer alterações de linguagem em virtude da localização predominantemente subcortical do processo degenerativo. Portanto, para o autor, parece que as alterações observadas na fala são explicadas em função do local e extensão da lesão. Outros autores, no entanto, destacam, nos sujeitos parkinsonianos, dificuldades na fala (UZIEL, BOHE, CADILHAC et al, 1975; LONGEMAN, FISHER, BOSHES et al, 1978; SCOTT e CAIRD, 1983) ou alterações vocais (FENTON, SHAIN`SCHLEY e NIIMI, 1982; ZWIRNER, MURRY, WOODSON, 1991) relativas à intensidade e à freqüência.

Com relação a essas dificuldades de fala, Barbosa (1989) destaca nos parkinsonianos um comprometimento da fonação e da articulação, configurando um tipo de disartria hipocinética. Também Fenton, Shain'schley e Niimi (1982) observam a presença de disartria, sintoma bastante freqüente da doença e que se caracterizaria por: redução do volume da fala; perda da capacidade de inflexão da voz, que se tornaria monótona; e distúrbios do ritmo, que podem consistir em episódios de hesitação inicial e cadência lenta, pontuada por pausas caracterizadas como inadequadas, hesitações ou acelerações involuntárias, levando,

unesp

ainda, ao que os autores nomeiam como um "embaralhamento" dos sons. Hofman e Streifler (1984), na mesma direção de Barbosa (1989) e de Fenton Shain'schley e Niimi (1982), salientam que a "monotonia" é uma característica marcante nas alterações de fala relacionadas à doença, e que alguns parkinsonianos tendem a acelerar o ritmo da fala de modo a encurtar o tempo de emissão de uma frase, embaralhando as palavras e dificultando a compreensão, pelo interlocutor, de sua fala[44].

Trata-se, portanto (e, sobretudo, em UZIEL, BOHE, CADILHAC et al 1975; LONGEMAN FISHER, BOSHES et al 1978; SCOTT e CAIRD, 1983; FENTON, SHAIN`SCHLEY e NIIMI, 1982; ZWIRNER, MURRY, WOODSON, 1991; HOFMAN e STREIFLER, 1984), de dificuldades vistas em relação a aspectos que os autores entendem como articulatórios e prosódicos – embora vistas sob uma ótica mais centrada em alterações orgânico-fisiológicas (velocidade de fala, freqüência e intensidade vocais) diretamente responsáveis, segundo os autores, pelos problemas de fala. Desse modo a rigidez, o tremor e a bradicinesia (tríade sintomática característica) também estariam presentes nas estruturas orais, conforme salientou Witt (2003), interferindo sobremaneira na realização dos atos motores da fala – podendo acrescentar aqui a escrita, que, nesta perspectiva, é vista também enquanto ato motor –, visão consoante com a descrição dos aspectos globais da doença.

Dessa visão centrada nos aspectos orgânicos da fala – ou seja, de uma visão da fala[45] vista enquanto ato motor e não enquanto uma das modalidades de uso da linguagem –, partem análises de amostras da fala dos parkinsonianos coletadas a partir de situações testes como metodologia predominante para o estudo de dificuldades de linguagem associadas ao parkinsonismo. A nosso ver, tal preferência metodológica reflete tanto a redução da linguagem aos seus aspectos acústico-motores quanto a quase anulação total do sujeito, que fica reduzido a sua doença, no caso o Parkinson.

Vê-se, portanto, a ausência de vínculos entre os aspectos tidos como essencialmente acústico-motores e os aspectos tidos como essencialmente simbólicos da linguagem, questão destacada também por Oliveira (2003). É nessa concepção que muitos autores[46] usam predominantemente estratégias como leituras de sentenças e repetições com o objetivo de analisar a produção ou a compreensão de elementos lingüísticos da fala de

---

[44] Tal aceleração também foi relatada por Preti (1992), trabalho que comentamos na primeira sessão do capítulo anterior, a respeito da fala dos idosos.

[45] Fala e linguagem são definidas dicotomicamente, conforme destacou Witt (2003), de tal modo que a primeira parece se referir aos aspectos vistos como exclusivamente motores do fenômeno lingüístico e a segunda aos aspectos vistos como exclusivamente simbólicos, representativos da comunicação.

[46] Por exemplo, Canter (1963), Kent (1999), Kempler e Van Lacker (2002) *apud* Oliveira (2003).

unesp

parkinsonianos, estratégias cuja pertinência será questionada mais adiante, em nossa discussão metodológica.

Como se pode verificar e conforme adiantamos na introdução desta sessão, há aspectos nos estudos sobre parkinsonismo que podemos assemelhar àqueles problematizados para os estudos sobre hesitações – principalmente àqueles de ordem mais cognitivista. Acabamos de destacar a questão metodológica de coleta de dados e, embora os estudos sobre hesitações com o decorrer das décadas tenham abrangido diferentes formas de coleta de dados, até a década de 80 a forma predominante de coleta de dados também era em atividades lingüísticas fechadas, tipo testes. Outra questão que se assemelha aos estudos sobre hesitações se refere ao tratamento da linguagem sob o ponto de vista de um de seus subsistemas. Nos estudos biomédicos, a linguagem é reduzida a aspectos acústico-motores do subsistema fonético-fonológico, enquanto que nos estudos lingüísticos, essa é vista restrita a seu aspecto de organização estrutural. Problematizamos, ainda, o tratamento do sujeito feito nessa literatura específica sobre o parkinsonismo. Lembremos que o sujeito que pudemos inferir das leituras dos artigos sobre hesitações era um sujeito consciente. Problematizamos esse tratamento do sujeito lingüístico devido à redução desse a seu estado de *Ego*, e não devido à sua quase anulação em favor da condição patológica como ocorre na literatura sobre o parkinsonismo. De qualquer modo, relacionamos a crítica ao tratamento do sujeito devido à redução de seu estatuto, embora em sentidos diferentes.

Por fim, e um dos aspectos centrais de nosso interesse, merece destaque a ausência ou quase ausência de relação entre aspectos tidos como motores e aspectos tidos como cognitivos, verificada não só nos estudos sobre hesitações, como já avaliamos, como, curiosamente[47], também nos estudos que abordamos nessa sessão. Conforme pudemos perceber, só mais recentemente se tem admitido alterações cognitivas como uma das manifestações do parkinsonismo. Porém, ao admitirem tais dificuldades cognitivas, os autores parecem não se atentar para a inter-relação existente entre as questões entendidas como cognitivas e as outras manifestações, entendidas como predominantemente motoras, do

[47] Não podemos deixar de ressaltar que, ao ignorar a relação entre subsistemas da língua no processo discursivo, as literaturas o fazem em diferentes direções. Mesmo assim, gostaríamos de destacar que tal abordagem tem intrínsecas relações com os desenvolvimentos de cada área. Já destacamos que os trabalhos que tratavam das hesitações tinham, grande parte deles, uma orientação mais voltada para questões textuais, desse modo sequer levantando, na maior parte dos trabalhos, aspetos cognitivos ligados à execução da fala na ocorrência das hesitações. Por outro lado, a biomedicina, sabemos empiricamente, está, em sua maioria, embasada em conhecimentos bio-fisiológicos. Esse tipo de abordagem científica a leva a dificuldades de relacionar aspectos de diferentes naturezas, tais como os biológicos e psíquicos, e, mais especificamente aqueles que ela entende como cognitivos e como motores.

unesp

parkinsonismo – como se as atividades motoras não tivessem, necessariamente, uma base cognitiva.

De modo geral, do recorte teórico-metodológico que a literatura biomédica faz nos estudos que trata da fala no parkinsonismo, destacamos: (a) a prioridade dada aos aspectos tidos como motores da linguagem; (b) a coleta de dados a partir de situações "tipo testes" de atividade de fala; (c) a redução da linguagem a um de seus aspectos; e (d) a aparente segregação, construída, entre algo entendido como puramente cognitivo e algo entendido puramente como execução motora, da fala em especial.

Outra questão que aqui se faz pertinente salientar é quanto ao nosso objeto específico de interesse, os fenômenos hesitativos. A literatura sobre parkinsonismo revisada não trata especificamente das hesitações, embora mencione a presença de disfluências na fala de parkinsonianos. Já a literatura, bem mais restrita, lingüística sobre parkinsonismo, dá destaque ao estudo do fenômeno de nosso interesse com enfoque específico nas pausas, trazendo, como vimos[48], uma série de contribuições para a compreensão do funcionamento das hesitações. É com base na importância dessas contribuições para a compreensão do fenômeno hesitativo e mesmo para a compreensão de aspectos mais gerais do funcionamento da linguagem, não só em contextos patológicos, e numa tentativa de modificar a direção daquele recorte teórico-metodológico predominante no estudo de questões lingüísticas na doença de Parkinson acima destacado que se justifica nosso empreendimento de realizar uma análise comparativa do funcionamento do fenômeno hesitativo na atividade verbal de um sujeito com doença de Parkinson e de um sujeito sem patologia neurológica diagnosticada.

É, portanto, a partir desse contexto, que o estudo das hesitações na atividade verbal de sujeitos com parkinsonismo embasará nossa mudança de direção no entendimento do fenômeno, o que também permitirá uma maior compreensão das modificações que essa afecção neurológica provoca nos seus portadores, e até mesmo, o que veremos adiante, permitirá o questionamento do estatuto da doença, no sentido de que essa, hipotetizamos, não gera alterações de fala não previstas no próprio funcionamento da linguagem. Lembramos neste ponto o que nos diz Jakobson (1970) a respeito das afasias:

> "[...] uma mudança afásica[49] pode ser considerada como um duplo fenômeno: [...] primeiramente uma deficiência [...] e, também, uma compensação [...]. Para o estudo da linguagem expressiva, esta abordagem é particularmente esclarecedora: a afasia [assim como outras doenças que levam a alterações de linguagem] pode levar a uma redistribuição das funções lingüísticas" (p. 43).

[48] Cf. capítulo **1**, sessão **1.1**, deste trabalho.
[49] E, para nós, também várias outras mudanças lingüísticas, como aquelas decorrentes do parkinsonismo.

unesp

III. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O material que usamos para o desenvolvimento do presente trabalho se constitui de parte de amostras de conversação que foram coletadas e estudadas por Zaniboni (2002). Este material está organizado, segundo a autora, de forma a manter um grupo de análise (composto por sujeitos parkinsonianos) e um de controle (composto por sujeitos sem patologias de ordem neurológica). A nossa opção por tal material está calcada em dois objetivos centrais de nosso empreendimento: (1) a verificação de nossa proposta teórica sobre o fenômeno hesitativo; e (2) a verificação de até que ponto as hesitações encontradas no discurso de parkinsonianos enquadram-se nos ou fogem aos parâmetros daquelas verificadas em sujeitos sem qualquer tipo de patologia neurológica.

3.1 Sobre os sujeitos

Para a realização da coleta das amostras de fala de seu trabalho (uma dissertação de mestrado), Zaniboni (2002) selecionou dois sujeitos com a doença de Parkinson, clinicamente diagnosticados por um médico neurologista, e dois sujeitos sem qualquer tipo de comprometimento neurológico. Para a seleção desses sujeitos, além de avaliação clínica, foram observadas, segundo a autora, correspondências entre variáveis como sexo, idade, grau de escolaridade e atividade profissional dos sujeitos. Trabalharemos com apenas um desses pares sujeito-alvo e sujeito-controle, opção que se deu devido ao montante de dados encontrados nas amostras, somado à limitação de tempo imposta para conclusão de uma dissertação de mestrado. Restringimos, desse modo, nossos dados a duas amostras de conversação, uma de um sujeito com doença de Parkinson e outra de um sujeito sem patologia neurológica.

O sujeito parkinsoniano, J., do sexo masculino, com 76 anos à época da gravação, é ex-funcionário do IBGE e cursou até a oitava série do primeiro grau. O sujeito sem comprometimento neurológico, V., do sexo masculino, 63 anos, é ex-bancário e comerciante e cursou até a sexta série do primeiro grau.[50]

A discrepância entre a faixa etária de J. e V. decorreu, segundo esclarece Zaniboni, da dificuldade de se encontrarem, à época das gravações, sujeitos com idade igual ou acima de setenta anos que tivessem cursado o primeiro grau completo. Todavia, a autora ressalta que a atividade profissional de J. e de V. exigia um significativo desempenho verbal, bem como proporcionava uma importante dinâmica social, o que, segundo ela, garantiu uma

[50] Em Zaniboni (2002) J. corresponde ao sujeito P2 e V. corresponde ao sujeito G2.



interação distensa e pouco formal quando esses sujeitos foram gravados. Assim, junto com Zaniboni (2002), não acreditamos que a diferença de idade entre os sujeitos irá interferir significativamente na comparação de dados de nosso trabalho.

3.2 Procedimentos de Registro

Consideramos de extrema relevância desenvolver um estudo baseado na conversação de um sujeito parkinsoniano, comparando-a à mesma atividade verbal de um sujeito sem qualquer tipo de lesão neurológica, dadas as análises de dados extraídos de situações de fala extremamente controladas verificadas nos estudos sobre parkinsonismo e em grande parte dos estudos sobre hesitações. Tal questão também justifica nossa opção em usar os dados de Zaniboni (2002), já que essa autora coletou amostras de conversação. Inclusive, preocupada em obter a maior fidedignidade possível quanto à espontaneidade da fala dos sujeitos, a autora realizou as gravações, que duraram em torno de 35 (trinta e cinco) minutos, na residência dos sujeitos, tanto na do parkinsoniano quanto na do sujeito do grupo controle, não exigindo que fosse alterada a rotina diária desses sujeitos.

Quanto ao equipamento de registro, foram usados um gravador SONY, tipo DAT (Digital Audio Tape), modelo TCD-D8, acoplado a um microfone SONY, modelo ECM-MS957, localizado a cerca de 30 cm (trinta centímetros) da boca dos sujeitos gravados.

O uso de equipamentos digitais, conforme salienta Zaniboni, teve como objetivo garantir uma melhor qualidade acústica das gravações, bem como a utilização de um microfone modelo multidirecional visou garantir uma maior fidedignidade dos sons captados para a gravação.

3.3 Sobre as transcrições dos dados

A transcrição[51] do *corpus* coletado, ou seja, a transcrição da conversação de cada um dos sujeitos gravados, foi feita, conforme salienta Zaniboni (2002), com base em trabalhos desenvolvidos por Preti e Urbano (1988), Marcuschi (1998) e Koch (1996).

[51] Nos anexos de nosso trabalho, constam as transcrições do *corpus*, com legendas relativas aos interlocutores que participaram de cada sessão da conversação.

unesp

Zaniboni salienta, também, que as entrevistas foram, em grande medida, realizadas sob prisma gnômico ou instrucional, uma vez que tais entrevistas, segundo Preti e Urbano (1988), "[...]contêm depoimentos de caráter impessoal e genérico sobre alguma atividade, constituindo-se em diálogos fortemente dirigidos pelo documentador" (p. 1).

Destacamos, ainda, que, com as gravações em mão, tivemos a preocupação de conferir, nas transcrições, a ocorrência e o registro das marcas de hesitação, já que esse é o fenômeno mais específico de nosso interesse. As transcrições foram organizadas em turnos conversacionais, definidos como aquilo que o falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo, a possibilidade do silêncio (MARCUSCHI, 1998; HILGERT, 2001). No entanto, nosso recorte das hesitações, conforme veremos em **3.4**, não será feito com base nos turnos conversacionais[52], mas sim com base na própria incidência das hesitações.

3.4 Seleção das hesitações

Iniciaremos esta sessão fazendo uma caracterização breve sobre as hesitações. Embora já tenhamos apresentado um levantamento sobre o assunto, o que propomos aqui é buscar uma caracterização mais formal das hesitações, especificamente no sentido de distinguirmos suas diferentes marcas. Salientemos, entretanto, que o recorte de dados que faremos não se baseará somente nesta caracterização, já que, como vimos na sessão **1.1** do primeiro capítulo, a essa caracterização subjaz uma preocupação não com o funcionamento das hesitações mas com as funções de cada uma das marcas que o representam, além de uma visão que estamos entendendo como restrita da linguagem. Delimitaremos, em seguida, nossos dados, segundo os recortes que fizemos nas amostras de conversação que constituíram nosso *corpus*.

3.4.1 Quanto à forma das hesitações

[52] Isso se deve, inclusive, ao modo como compreenderemos a linguagem durante a análise dos dados: um fenômeno heterogêneo em que um de seus aspectos, e não o único, é a troca de sujeitos falantes. Além disso, seria incoerente priorizarmos somente um dos aspectos que envolvem o fenômeno heterogêneo da linguagem, uma vez que nossa proposta é a de observar as hesitações como um fenômeno que seria marca de múltiplos "outros" que constituem o discurso.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Para uma caracterização formal das hesitações, vamos nos basear em alguns trabalhos de Marcuschi[53], uma vez que, e conforme já mencionamos, ele é um dos autores mais representativos do estudo desse fenômeno. Destacamos, anteriormente, e conforme já salientamos no capítulo **1.**, em revisão da literatura, que as hesitações são vistas, por esse autor, como fenômenos intrínsecos da oralidade, não se constituindo, para a abordagem textual-interativa[54], da qual Marcuschi é um importante representante, propriamente como uma estratégia de formulação textual, mas como atividade de processamento *on line*. A hesitação não teria, segundo Jubran (2004), outra representante da abordagem textual-interativa, um estatuto informacional e não faria parte da estrutura sintagmática do segmento no qual ocorre. No entanto, segundo esses autores, as hesitações teriam um importante papel na sinalização de processos cognitivos e de estratégias lingüísticas em elaboração. Embora esse não seja exatamente nosso ponto de vista sobre as hesitações, já que as vemos como marcas da heterogeneidade constitutiva da linguagem, e, portanto, também como estratégias de elaboração da materialidade lingüística (e do "texto") – no sentido de configurarem momentos nos quais o sujeito se apóia em suas tentativas de, atendo-se a espaços mais regulares do funcionamento discursivo, contornar a dispersão e de impedir deslizamentos na produção de seus enunciados –, vamos nos servir (sem, entretanto, assumir sua postura teórica) da caracterização das marcas de hesitação da abordagem textual interativa, uma vez que tal caracterização mostrou-se eficaz para nossos propósitos de análise dos dados (como se verá mais adiante). Acrescentaremos, à caracterização das hesitações feita pela abordagem textual-interativa, mais especificamente por Marcuschi, alguns elementos mais específicos – ou seja, elementos que também se constituíam em pontos de ancoragem e deriva – levantados a partir da observação de nossos dados.

Marcuschi (1999a e b; 2004) classifica as hesitações quanto a seus aspectos formais, apresentando-as divididas segundo as seguintes categorias: I - fenômenos prosódicos; II- expressões hesitativas; III- itens funcionais; IV- itens lexicais; V- marcadores conversacionais. Essas categorias são entendidas pelo autor como pontos nos quais hesitações podem ocorrer. Passemos aos tipos de marcas do fenômeno hesitativo, conforme descritos pelo autor, aspecto que interessa mais ao escopo deste trabalho.

Entre os fenômenos prosódicos, o autor (1999; 2004) inclui as pausas que ele categoriza como prolongadas e os alongamentos vocálicos. Além disso, segmentos como *eh*, *ah*, *ahn, mm* se constituiriam em expressões hesitativas. Por outro lado, itens funcionais –

[53] Marcuschi, 1994; Marcuschi, 1998; Marcuschi, 1999a e b; Marcuschi, 2004.

[54] Lembremos que uma das bases teóricas em que se apóiam os estudiosos da perspectiva Textual-Interativa é a da pragmática, o que lhes possibilita abordar a construção do texto como estratégias de formulação oral, já que as regras para a construção do dizer seriam normatizadas socialmente.

unesp

como artigos, preposições, conjunções, pronomes e verbos de ligação – e itens lexicais – como substantivos, advérbios, adjetivos e verbos – são os elementos morfológicos que podem receber as hesitações. Marcadores discursivos acumulados (*sei lá*; *quer dizer sabe; então né ah*, etc.), assim como fragmentos lexicais (palavras iniciadas e não concluídas), também são estruturas que, segundo Marcuschi (1999a e b; 2004), podem funcionar como marcas de hesitação.

Ainda quanto à configuração formal das hesitações, Marcuschi (1998) destaca, quanto aos tipos, que as marcas hesitativas podem se constituir de repetições de palavras de pequeno porte; de pausas (preenchidas ou não); e de alongamentos de vogais, consoantes ou sílabas. Em 1999, o autor soma a essas marcas outras duas: gaguejamentos e falsos inícios.

Passemos a uma caracterização de cada um desses tipos, observando os recortes[55] no quadro abaixo[56]:

QUADRO 01 – TIPOS DE MARCAS DE HESITAÇÃO

TIPO DE MARCA DE HESITAÇÃO	RECORTES (RETIRADOS DE NOSSO CORPUS)
R – repetições	(sujeito V., p.133[57]) ***que eu deixei há:: + que eu deixei há*** *+ uns vinte anos felizmente deixei de* (sujeito J., p. 148) *+ ele conseguiu a criação + (da atual) filosofia + nos anais aí* ***deve deve dar deve dar*** *o nome dele*
P – pausas não preenchidas	(sujeito V., p. 142) *++ é porque ele tinha dois cunhado lá nos Estados Unidos né +* (sujeito J., p. 145) *+ não deixar eu não deixo ++ não totalmente como deveria se/ fazer né ++ mas eu procuro aproximar*

[55] Todos os recortes, inclusive os que virão mais adiante neste capítulo, foram retirados de nosso *corpus*.

[56] Observe-se que as marcas de hesitação estão em destaque (negrito). As repetições configuram palavras ou segmentos de frases repetidos; as pausas são marcadas por "+" quando têm duração de até meio segundo e por "++" quando maiores; as pausas preenchidas são marcadas por estruturas como "*éh*, *eh*, *ah*, *uh*, *hum*"; os alongamentos são apresentados por "::" seguindo o segmento alongado; os gaguejamentos foram representados pela repetição do segmento separada por hífen e os falsos inícios estão representados por uma barra (/) após o segmento cuja construção sintático-semântica foi abandonada. Essa notação se baseia em Marchuschi (1999; 2004).

[57] "p." corresponde à página, nas transcrições em anexo.

unesp

QUADRO 01 – TIPOS DE MARCAS DE HESITAÇÃO	
TIPO DE MARCA DE HESITAÇÃO	RECORTES (RETIRADOS DE NOSSO CORPUS)
PP – pausas preenchidas	(sujeito V., p. 137) *corretor imobilário ne/ ne/ nesse e/ entre o:: o tempo da ULTRAGÁS + **eh** + da:: Canguru veículos que foi uma que eu trabalhei + eu trabalhei numa:: numa imobiliária +* (sujeito J., p. 146) ***eh** estatística*
Ah - alongamentos	(sujeito V., p. 142) *+ **ele::** o mais velho às vezes vai no no Palestra né **mais::** ele **num::** os caçula nunca foram +* (sujeito J., p. 145) ***m::ais** perto **de::** Barretos ++ Bebedouro*
G - gaguejamentos	(sujeito V., p. 141) *+ aí tem que depositar né + **a-alguma** coisa que estiver ali principalmente mulher que sempre carrega alguma coisa + um alicate de unha mesmo trava a porta + né +* (sujeito J., p. 152) *++ mas era era **cho - chocante** viu ++ mas eu **ch - cheguei** lá + hoje eu não tenho (nenhuma vontade de:: vontade de)*
F – falsos inícios	(sujeito V., p. 137) *+ e nós queremos muito emprego + **num/** e tem que ser o emprego com trabalho né (...)* (sujeito J., p.149) *+ porque ele imita o português muito bem + <então o senhor desce quinhentos metros aqui e depois volta mil e oitocentos de novo> ((risos)) **ele olhou pro/** ah eu não entendi nada vou embora ((risos))*

- R (repetição): são reduplicações de palavras, de partes de palavras ou de frases. Caracteriza-se por reproduções ditas "não significativas semanticamente", podendo incidir sobre itens funcionais e lexicais. (MARCUSCHI, 1999a e b; 2004);
- P (pausas não preenchidas ou hesitativas): as pausas de hesitação são, conforme Marcuschi (1998), pausas não sintáticas, idiossincráticas, que podem estar servindo para o planejamento verbal (dependendo de sua posição, estarão servindo para o planejamento sintático ou para a busca lexical). Enquanto fenômenos prosódicos que têm uma motivação cognitiva, essas pausas ditas não preenchidas possuiriam uma certa duração e, auditivamente,

seriam percebidas como silêncio. Desse modo, constituem-se em silêncios prolongados que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe (MARCUSCHI, 1999a e b; 2004). As pausas hesitativas, para esse autor, diferem dos silêncios interturno, que são manifestações discursivas que podem até mesmo constituir um turno. Diferem, também, das pausas de juntura, já que essas seriam sintaticamente previstas (MARCUSCHI, 2004) ;

- PP (pausas preenchidas): estas diferem das pausas não preenchidas por se manifestarem como reduplicações de artigos, de conjunções ou de sons não lexicalizados, em locais onde pausas não preenchidas seriam longas. A sua função e localização é a mesma que a das pausas silenciosas. São geralmente preenchidas por expressões hesitativas, vindo, em geral seguidas de pausas breves;
- Ah (alongamentos hesitativos): o alongamento hesitativo se constitui num fenômeno dito prosódico que viria, sobretudo, em final de palavra, principalmente em palavras monossilábicas ou em sílabas finais átonas. Marcuschi (1999a e b; 2004) destaca que há alongamentos que funcionam como coesão rítmica, freqüentes, sobretudo, na formação de listas, bem como alongamentos (geralmente acompanhados de elevação do tom) que operam como ênfase. Em geral, conforme salienta o autor, quando no interior de uma palavra os alongamentos são coesivos ou enfáticos e recaem em sílabas tônicas, não se constituiriam, desse modo, em hesitações;
- G (gaguejamentos): são repetições truncadas de fonemas ou de sílabas, "não significativas para a compreensão da mensagem" (MARCUSCHI, 1999a e b);
- F (falsos inícios): são interrupções, não necessariamente bruscas, do que se fala, sem retomada adiante (MARCUSCHI, 1999 a e b). Seriam todos os inícios de unidades sintáticas oracionais com algum problema e refeitos ou retomados, porém com mudança de direção sintático-semântica.

Não tomando a relação acima como uma classificação, questão para a qual, inclusive, Marcuschi (2004) nos chama atenção, tivemos a necessidade de criar outras categorias para enquadrar as hesitações das amostras de fala que propusemos analisar, já que o critério primeiro que usamos para selecionar as hesitações não foi sua configuração formal, mas, sim, o seu estatuto de ponto de deriva e ancoragem e, portanto, o de um lugar em que o sujeito se apóia para tentar controlar a dispersão. Descreveremos, desse modo, mais duas possíveis configurações formais[58]:

[58] Fenômenos como as correções e reformulações, embora possam não ser vistos, pela literatura, como hesitações, devido a suas peculiaridades, a nosso ver, também se constituem em momentos de negociação com os outros discursivos, assim como as hesitações. Esses fenômenos não serão incluídos em nossa amostra pois merecem uma discussão à parte, que será deixada para uma outra oportunidade.

unesp

▪ D (deslizes): são significantes aparentemente "sem" relação fonético-fonológica com segmentos imediatamente anteriores ou imediatamente posteriores a sua ocorrência, como os segmentos em negrito nos recortes abaixo:

Recorte. 01: (sujeito V.; p. 133)

+ eu **f/** tive que fazer uma pequena cirurgia né +

Recorte. 02: (sujeito J.; p. 152)

+ Marília tem **s/**quarenta e cinco mil prédios +

▪ B (interrupção brusca): constitui-se de uma parada abrupta na fala, sem a ocorrência de interrupção sintática, porém com quebra prosódica. Veja alguns recortes:

Recorte. 03: (sujeito V.; p. 139)

isso + **que/** cruza com a Pedro Amaral+

Recorte. 04: (sujeito J.; p. 145)

+ não totalmente como deveria **se/** fazer né +

Como se pode observar, são várias as configurações formais que as hesitações podem assumir. Além disso, essas marcas podem se combinar constituindo uma única ocorrência de hesitação[59], como nos recortes de nosso *corpus* a seguir:

Recorte. 05: (sujeito V.; p. 133)

+ então catou o mesmo juiz de direito + nos q/t/ quatorze anos + quinze anos eu trabalhei **com + com::** autorização do Juiz de direito+

Na parte em destaque, encontramos três marcas de hesitação acumuladas, uma repetição, uma pausa e um alongamento vocálico, embora tenhamos uma única ocorrência de

[59] Marcuschi (2004) também chama atenção para esse fato, destacando que as hesitações, em geral, se constituem de vários elementos acumulados ou repetidos.

hesitação, relacionada, mais evidentemente, à seleção lexical do trecho que segue a ocorrência[60].

Recorte. 06: (sujeito J.; p. 147)

+ conserto um:: guarda-roupa + **faço:: +** alguma peça que tem vontade de fazer

Nesse recorte, na parte em negrito, temos duas marcas de hesitação (um alongamento e uma pausa) e uma só ocorrência de hesitação, relacionada tanto com a organização semântica quanto com a organização sintática do trecho que a segue.

Tomando essa possibilidade de acúmulo de marcas numa só ocorrência de hesitação, propomos, além das categorizações de Marcuschi, uma outra divisão: marcas combinadas e marcas simples. As marcas combinadas seriam aquelas que, para uma ocorrência do fenômeno hesitativo, ou seja, conforme propusemos, para um foco de tensão que justifique a ocorrência de uma hesitação, várias marcas se mesclam, enquanto que as marcas simples seriam aquelas em que a negociação com os outros discursivos, com um foco de tensão principal, é mostrada por apenas um dos tipos de hesitação. Entendemos que cada um desses dois tipos tem suas peculiaridades, embora ainda não trabalhadas pela literatura. Como este trabalho se constitui numa tentativa preliminar de abordar as hesitações pelo viés de seu funcionamento discursivo, não entraremos nas especificidades de cada um desses dois modos de ocorrência das marcas de hesitação.

3.4.2 Quanto à delimitação dos dados

O primeiro passo de nossa análise, tendo em mãos a transcrição da conversa com nossos sujeitos, foi a realização de cuidadosas sessões de escuta da fita e de leitura do texto transcrito, em que demarcamos cada ponto onde apareciam hesitações.

Observamos, durante essas sessões, que alguns alongamentos e repetições não se constituíam em momentos hesitativos, mas sim, e conforme Marcuschi (1999a e b, 2004) já havia observado, em momentos de ênfase, como nos casos abaixo:

[60] Nosso objetivo com as breves explicações dos recortes é somente o de demonstrar a possibilidade de combinação ou não, do acúmulo ou não, dos tipos de hesitação, diferenciação cuja importância não será enfatizada para efeitos do presente trabalho.



Recorte 07: (sujeito V., p. 133)

***CHEGUEI** + não na sinfônica não + eu toquei na orquestra aqui Orquestra Para Todos +*

Recorte 08: (sujeito J., p. 148)

***AH** o Parkinson tira muito a:: + a alegria da gente*

Em 07 e 08, trata-se de alongamentos de tipo enfático, na sílaba tônica da palavra, o que, segundo Marcuschi, não seria característico de hesitações, que incidiriam, na maioria dos casos, sobre elementos átonos – por isso essas ocorrências de alongamento estão marcados em maiúsculas e não com "**::**". Já em 09,

Recorte. 09: (sujeito V., p. 141)

não não não essa eu vou passar

as repetições estão funcionando como marcadores de ênfase.[61]

Assim, esses casos – nos quais uma marca que poderia se constituir numa hesitação funcionava como uma marca de ênfase sobre algum aspecto – foram desconsiderados como dados de nosso trabalho. Ainda outras exclusões, no recorte dos dados, tiveram que ser feitas: não foram consideradas as marcas de hesitação que ocorreram em trechos de sobreposição de vozes ou em trechos de fala ininteligível dos sujeitos, devido à nossa dificuldade de caracterização acústica desses trechos, até porque a seleção foi feita a partir de nossa percepção auditiva, sem auxílio de quaisquer dispositivos eletrônicos. No entanto, mesmo com essa limitação, poucos foram os casos que desconsideramos, principalmente para o sujeito sem lesão neurológica.

Ao identificarmos as marcas de hesitações em seus diversos tipos, observamos que várias delas estavam associadas com a ocorrência de outras, possibilidade que já havíamos previsto, uma vez que a hesitação pode se mostrar por marcas simples ou por uma combinação de marcas. Não fizemos, conforme já adiantamos, uma distinção entre essas ocorrências, sendo ambas, marcas simples ou combinadas, consideradas como recorte para

[61] Esses momentos só foram vistos na amostra do sujeito V. e preferencialmente com a palavra "não".

unesp

análise. Deixaremos para um trabalho posterior a observação de uma possível distinção entre essas configurações formais, simples ou combinadas, em sua relação com o funcionamento do fenômeno hesitativo, uma vez que o entendimento desse funcionamento tem prioridade no presente estudo.

Cada um dos pontos da transcrição que continham marcas de hesitação foi selecionado, de forma que o recorte dos trechos foi feito considerando-se movimentos de sentido localizados nos textos. Estamos chamando de movimentos de sentido os assuntos gerais ou algumas de suas características mais específicas que podem ser localizados no texto conversacional de modo mais ou menos bem definido. Vejamos os casos abaixo:

Recorte. 10 (sujeito V., p. 132)

V. não mas eu sempre fui músico + a vida toda + mas nunca profissional + sempre foi paralelo a um trabalho né + e no trabalho + eu **fui::** + peão de boiadeiro + meu pai
L. [ãh]
era capataz de boiada + fui alfaiate + (...)
L. foi alfaiate também?
V. fui alfaiate + eu fui alfaiate **de::** cinqüenta a sessenta + de sessenta a sessenta e sete + eu fui bancário
L. verdade o senhor trabalhou no banco + tinha esquecido disso

Nesse recorte, o assunto (que entenderemos aqui como movimento mais global do sentido) que estava sento tratado era a experiência de V. como músico. O movimento mais específico do sentido no primeiro momento de hesitação destacado ("+ eu **fui:: +** peão de boiadeiro**"**) era o de enumerar as profissões que haviam sido experimentadas paralelamente à profissão de músico; no segundo destaque ("+ eu fui alfaiate **de::** cinqüenta a sessenta +"), esse movimento mais específico era o de precisar o tempo de uma das experiências profissionais do sujeito. Já no recorte abaixo, agora do sujeito J., o movimento mais global do sentido, o assunto em construção, era quanto ao perfil de um dos participantes da conversação (**T.**), que acaba por abrir espaço para um segundo movimento de sentido, que é o das origens geográficas dos sujeitos (**T. e J.**):

Recorte. 11 (sujeito J., p. 145)

L. a T. + se ela pudesse assim + andar com + com uma nuvem num pé e uma nuvem no outro + de tão calma assim

E. [ê beleza]
L. ela anda na mansidão + o senhor (...)
J. [(puxa vida) + é bem próprio do estado dela né? + (...)
L. [da onde o senhor é?
J. [**mi - mineiro**
L. a Juliana é mineira e o senhor?
J. sou de Colina
L. Colina?
J. São Paulo
L. fica perto da onde?
J. **m::ais** perto **de::** Barretos ++ Bebedouro
L. ah:: a terra da laranja
J. terra + da CUTRALE

Desse modo, as hesitações não necessariamente estarão circunscritas a um movimento de sentido de direção única, questão que é de extrema relevância para a análise que proporemos em **3.5**. Observe-se que, no primeiro ponto destacado (grifo), o sujeito J. estava num movimento que mudava o sentido específico que vinha sendo construído, ou seja, a enumeração de características do perfil de **T.,** e, no segundo momento destacado, esse movimento específico já havia se deslocado para os locais de origem de **J.**

Salientemos, neste ponto, que nossa opção por tratar as variações do sentido como movimentos se constitui numa tentativa de uma delimitação, não categórica, das orientações semânticas do dizer[62], lembrando sempre que na base desses movimentos está a possibilidade dos significados e dos significantes virem a ser outros. Esse modo de recorte dos dados, baseado nos movimentos de sentido, será de extrema importância para a forma de análise que proporemos a seguir.

3.5 Forma de análise dos dados

Três são os aspectos pivôs que propomos observar para uma caracterização do funcionamento do fenômeno hesitativo. Esses aspectos nos permitirão tanto uma verificação do que teorizamos como um funcionamento mais geral do fenômeno hesitativo, quanto nos possibilitarão a observação do que chamaremos, por enquanto, de subfuncionamentos das hesitações, ou seja, funcionamentos diferenciados e mais específicos nos aspectos enfocados,

[62] Definimos como estamos entendendo "assunto", movimentos de sentido, para nos distanciarmos de uma outra forma possível de delimitação baseada em aspectos semânticos, mais especificamente, para nos afastarmos da caracterização de tópico conforme definido no projeto Gramática do Português Falado, projeto que é parte dos esforços da abordagem textual-interativa em caracterizar um desempenho lingüístico.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

- mas que não fogem ao processo geral do fenômeno hesitação: o de se constituir num ponto no qual o sujeito se apóia para tentar controlar deslizamentos do seu dizer, e, para obedecer às regras sócio-historicamente estabelecidas, mais ou menos estáveis.

Lembremos que é devido à insistência do outro como lei nos espaços discursivos que o trabalho de formulação do texto se faz numa dupla tentativa: a de "controlar, através de mecanismos lingüísticos adequados, a dispersão, que ameaça – na enunciação – a unidade [desse] texto; e por outro lado, [a de] procurar mecanismos de ancoragem [...]" (TFOUNI, 2005, p. 3). Esses dois eixos serão tomados por nós como um primeiro ponto de observação das hesitações, ou seja, observaremos se as marcas de hesitação se encontram em pontos em que o sujeito consegue controlar a deriva ou em pontos em que os significados e/ou os significantes acabam por deslizar para outros lugares. Vejamos algumas ocorrências dessas duas possibilidades, mantendo em mente o fato de que o sujeito, ao se mover em espaços lingüístico-discursivos, tenta de controlar a irrupção dos outros que o constituem:

Recorte. 12 (sujeito V., p. 132)

L. conta do carnaval ué + o senhor não estava falando de carnaval? + que ainda toca + de toda sua vida + de músico + não pode pensar muito
V. ++ está ligado já?
L. já já estamos conversando + ((risos)) pode contar não precisa ficar com vergonha não

Nesta ocorrência, a pausa – sinalizada pelo sinal "++" – está num ponto em que, poderíamos dizer, o sujeito se encontra entre o desenvolvimento da conversação conforme proposto por **L.** e a própria situação enunciativa – situação em que seria registrada em fita DAT e *videotape* toda a conversação empreendida. Localizamos aí dois outros possíveis dentre tantos que poderiam gerar (materializar) sentido nesse momento enunciativo, sendo um desses pontos aquele que corresponderia ao normatizado da situação proposta – o de dar continuidade a conversação – e o outro ponto possível, proposto pelo sujeito, o de apontar para um movimento que desloca a materialidade/sentido em relação a esse espaço normatizado. Assim sendo, neste caso, a hesitação, uma pausa longa, se constitui num ponto em que o sujeito se ancora na tentativa de controlar um deslizamento que acaba por ocorrer. Diremos que a hesitação marca um momento de abertura para a deriva, como ocorre também com o recorte abaixo, em que o que estava em foco anteriormente, conforme está desenvolvendo **L.**, é o tempo de estudo do sujeito J.:

unesp

Recorte. 13 (sujeito J., p. 146)

L. + com toda certeza sabe por quê? + tem alguns outros que:: que eu + conversei para fazer entrevista + só o seu C. + que pode estudar um pouquinho mais + e agora o senhor os outros não
J. ((riso)) ++((murmúrio)) **i::** i::sso me:: dificultou muito a:: exercer o cargo que eu + exerci

No trecho grifado, especialmente na primeira marca de hesitação – "**i::**" –, evidencia-se um movimento do sujeito não de manter a orientação do dizer (materialização/sentido) que vinha sendo desenvolvido mas sim de estabelecer outra orientação, embora ainda relacionada de algum modo ao foco *estudos*. Esse alongamento destacado está num ponto em que o sujeito se perde e é levado pela deriva possível.

Retomando nossa linha argumentativa, haveria ainda aqueles momentos em que a hesitação pontuaria lugares em que o movimento do dizer se manteve em sua orientação semântica prévia. Nesses momentos, diremos que a deriva foi controlada. Assim, a hesitação seria a marca de outros sentidos/formas possíveis que não se deixam ver, a não ser por seu ponto de ancoragem – as hesitações –, por sua possibilidade de vir a ser:

Recorte. 14 (sujeito V., p. 134)

V. não já estou pegando já tomando posse + e o mais velho que eu te falei + o Vinícius + com 17 anos + sem cursinho + passou em três universidades + São Paulo na USP Uberlândia +
L. [que glória]
que me falha o nome da universidade + **e:: Londrina::** na UEL

Nesse recorte temos, no enunciado de V., a partir da primeira pausa (+), o início de um movimento em que a ordem semântica se refere aos vestibulares nos quais o neto, Vinícius, passou. Os dados destacados nesse trecho se constituem em alongamentos – "**e:: Londrina::** na UEL" – cujos trechos de discurso circundantes acompanham o movimento de sentido ao qual acabamos de nos referir. Assim sendo, esses pontos de apoio, os alongamentos, marcam as possibilidades de outros significados/significantes que, entretanto, são sufocados no momento da hesitação e marcam também um controle efetivo dessa dispersão possível, já que a orientação do dizer se mantém.

Com este raciocínio, aquele que observa o movimento dos dizeres, estaremos, uma vez mais, argumentando em favor de um funcionamento discursivo das hesitações. Observaremos quando as hesitações estão em momentos em que os significados/significantes

foram controlados ou quando elas estão em momentos em que, apesar dos esforços do sujeito, há um deslizamento dos significados/significantes. A partir dessa linha argumentativa, pontuaremos o que definimos, por ora, como subfuncionamentos do fenômeno hesitativo, que, na verdade, são características mais específicas passíveis de detalhamento. Essas características se referem (1) às possibilidades de relações semânticas entre os trechos de discurso que se relacionam na/pela hesitação, (2) aos eixos de relações nos quais se baseia o discurso, conforme alguns aspectos descritos por Saussure (1979a e b) e por Jakobson (1975a e b), e (3) a uma perspectiva antecipatória ou reparadora da marca hesitativa. Todas essas características estão relacionadas entre si, mas, para facilitar nossa exposição, falaremos de cada uma separadamente. Iniciemos, não seguindo a seqüência apontada acima, que, entretanto, será a ordem priorizada na análise, por uma revisão do que seriam os eixos relacionais do discurso, para podermos, posteriormente, argumentar sobre a possibilidade de ocorrência das hesitações remeter predominantemente a um ou a outro deles, ou, talvez, a ambos, de modo mais equilibrado.

Tomando a língua como objeto de estudos da lingüística, objeto caracterizado como homogêneo, exterior ao indivíduo, um sistema de signos cuja união do conceito – significado – e da imagem acústica – significante – é essencial, Saussure (1979a) postula um estado de língua baseado em relações. Segundo ele, essas relações, como duas formas de atividade mental, gerariam, por oposição, certa ordem de valores. Para o autor (1979a), essas relações estariam baseadas "[...] no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo" (p. 142). Assim, Saussure (1979a) elenca uma possibilidade de combinação de elementos da língua que se apoiaria na extensão – relações sintagmáticas – e outra que se apoiaria em associações mnemônicas – relações associativas. Como se vê, Saussure define essas relações, enquanto coordenação (combinação, oposição) entre termos presentes no sintagma, de forma que cada elemento só tem valor por sua relação com os outros termos nele igualmente presentes. Já enquanto associação (aproximação, oposição), essas relações gerariam uma comunidade dupla do sentido e da forma, comunidade essa que estaria fora do discurso. Especificamente quanto a esse segundo tipo de relação, o autor destaca que as associações podem ter por base a forma – significante –, o sentido – significado – ou ambos, de modo que uma família associativa poderia não apresentar nem número nem ordem definidos. Tomando por base essas solidariedades possíveis entre os elementos da língua, Saussure (1979b) afirma que "nossa memória tem de reserva, [na forma de recordações concretas], todos os tipos de sintagmas mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser, e no momento de empregá-los, [faz-se] intervir

grupos associativos para fixar nossa escolha" (p. 150/151). E é assim que, por meio de um "sistema latente", os indivíduos realizariam a operação de "[...] eliminar mentalmente tudo quanto não conduza à diferenciação requerida no ponto requerido [...]" (p. 151)

Num viés, a nosso ver, um tanto mais amplo, Jakobson (1975a) discorre sobre o que poderia ser a relação entre a palavra e o mundo, destacando que seria necessário explorar "os problemas possíveis de relação entre o discurso e o universo do discurso: [segundo ele] o que, deste universo, é verbalizado por um determinado discurso e de que maneira" (p 120). O autor insere, em seu discurso, o comentário de que "[...] toda cultura verbal implica empenhos normativos de programação e planejamento" (p. 121) e, nesse sentido, estabelece que uma unidade de língua é necessária e que essa se caracterizaria por sistemas de sub-códigos funcionando de modo hierarquizado, delimitados segundo a interdependência das diversas estruturas no interior de uma língua (JAKOBSON, 1975a, p. 122). Esses sistemas se baseariam em fatores que determinariam diferentes funções da linguagem, de modo que a variedade das funções residiria na ordem hierárquica dos fatores, e a estrutura verbal dependeria, assim caracterizada, da função predominante. Os fatores dessa hierarquia tratados por Jakobson (1975a) são: o objeto de um dizer – seu contexto –, seu destinatário, o meio físico em que se realiza o dizer – o contato –, o remetente, o código em que se processa a mensagem verbal e a própria mensagem. Não iremos aqui nos deter nessa questão desenvolvida pelo autor, embora a passagem breve por ela nos permitirá uma reflexão que se associa ao modo como pretendemos olhar para nossos dados. Passaremos nesse momento, na problemática das relações entre "o discurso e o universo do discurso" postulada pelo autor, a fazer alguns apontamentos sobre o que, em sua perspectiva, caracterizaria o funcionamento da linguagem.

Segundo Jakobson (1975b), "falar implica a seleção de certas entidades lingüísticas e sua combinação em unidades lingüísticas de mais algo grau de complexidade" (p. 37). Assim sendo, há uma concorrência e uma concatenação de unidades, modos segundo os quais os falantes combinariam os constituintes lingüísticos, ressalvando-se o fato de que essas combinações não seriam, segundo salienta o autor (1975b), completamente livres aos falantes. Dir-se-ia que quem fala tem à disposição um fichário de representações pré-fabricadas. Neste ponto é possível estabelecer algumas aproximações com o que fala Saussure (1979a e b) sobre as formas de relação das estruturas da língua: as relações associativas apresentam aproximações com a concorrência das unidades enquanto que as relações sintagmáticas se aproximam da concatenação. Também para Jakobson (1975b), toda unidade

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

lingüística serve de contexto para unidades tidas como mais simples e ao mesmo tempo ancora seu próprio contexto em uma unidade lingüística tida como mais complexa. Por outro lado, constituintes lingüísticos em concorrência remetem, ainda para Jakobson, à seleção entre termos alternativos e à possibilidade de se substituir um pelo outro. Esses dois modos de relação seriam, o primeiro, baseado na contigüidade, e o segundo, baseado na similaridade dos elementos, e ambos funcionariam em todos os níveis hierarquizados da língua.

Tomando por base as sugestões de Saussure e Jakobson, sem, entretanto, assumir sua posição teórica, quanto a um funcionamento lingüístico baseado em dois eixos, um paradigmático (associativo, baseado nem similaridades) e outro sintagmático (baseado na concatenação de elementos lingüísticos), propomos definir as hesitações conforme a predominância de seu funcionamento num ou noutro eixo, ou, de modo mais ou menos equilibrado, nos dois eixos. Salientamos, em nossa releitura desses autores, o fato de que esses dois eixos, mesmo que em diferentes predominâncias, estariam sempre presentes no embate lingüístico-discursivo, no jogo entre o real da língua e os espaços mais estabilizados do dizer. Elucidemos melhor tal proposta:

Recorte. 15 (sujeito V., p. 134)

L. [o Vinícius é filho (...)
V. [é o **f/ o caçu/** é o mais velho e filho do Valdo né dos meus netos +
seis netos + **o Viní/** o Vinícius é número um né + o:: Frederico
L. [então vai]
número dois + o **Guilherme::** número três + a Amanda + número quatro + a Isa/ a Marina
L. [quero ver até]
número cinco e a Isabela + número seis com três anos
L. é a loirinha?
V. é a loirinha linda aquela que está ali que você falou que parece comigo né + que eu quero um documento + registrado em cartório

Observe-se que, no segundo momento de hesitação destacado ("**+ o Viní/** o Vinícius é o número um né +") a questão que parece tensionar, mais evidentemente, o sujeito é a da concatenação dos elementos lingüísticos em seu subsistema fonético-fonológico (seqüência de formas e/ou sílabas da palavra "Vinícius"), enquanto que no terceiro caso destacado ("+ o Guilherme:: número três") o alongamento parece marcar uma tensão que se referiria às associações possíveis de preencher o lugar que se segue à hesitação (a dúvida sobre qual

posição cronologia, dentre a terceira, a quarta, a quinta e a sexta, ocupa o neto Guilherme se considerados os espaços discursivos mais estabilizados do dizer).

Recorte. 16 (sujeito J., p. 146)

L. e o senhor chegou fazer alguma coisa assim ou não? + na oficina do senhor?
J. + conserto **de::** principalmente de casa eu faço tudo **++ conse::/** um pouco de eletricidade + um pouco de encanamento
L. [ah:]
L. mas e de marcenaria mesmo?
J. é:: só esse **serviço::** corriqueiro né +++

Já nesse outro trecho, agora do outro sujeito de nossa amostra, os casos de hesitação em negrito parecem estar predominantemente envolvidos em movimentos entre elementos concorrentes, ao passo que, no caso sublinhado ("++ conse::/ um pouco de eletricidade +"), a questão que parece mais se colocar é a da concatenação lingüística dos elementos se consideradas as concatenações mais estabilizadas do dizer. Diríamos, ainda, que as marcas de hesitação, nos dois casos, e em ambos os recortes, delatam a "busca" por relações que preservem a orientação segundo normas mais ou menos estabelecidas para a comunicação verbal, conforme discorrido por Bakhtin (1990) a respeito dos Gêneros do Discurso, "busca" que se processa em diferentes planos, tensionando os diversos subsistemas lingüísticos. Há, ainda, aqueles casos em que essa busca parece colocar em foco os dois planos de relação dos elementos lingüísticos, como ocorre com as marcas que destacamos abaixo, retiradas do recorte 15:

"é o **f/ o caçu/** é o mais velho e filho do Valdo né dos meus netos +"

É importante destacarmos, neste ponto da proposta sobre o modo de análise dos dados, que não devemos perder de vista nossos objetivos teóricos em função dessas delimitações, que não pretendem ser, de modo algum, categorizações rígidas do fenômeno hesitativo. Queremos, com isso, salvaguardar nosso lugar teórico: aquele que entende as marcas hesitativas como um lugar em que o sujeito se ancora na tentativa de controle da

deriva significado/significante[63]. Assim, observando a predominância nos eixos de similaridade e contigüidade, podemos definir os "outros" que a hesitação, como ponto de deriva, escancara, deixa ver. Podemos delimitar esses "outros" ainda de outra forma, relacionando-os ao aspecto que poderíamos dizer semântico entre os trechos que circundam as marcas de hesitação ou que a 'provocam', ponto que colocaremos, adiante, como linha organizadora da análise dos dados. Ou seja, observaremos o jogo das diferenças de orientação de significado/significante que se marcam nas/pelas hesitações. Essa forma de observação ficará mais elucidativa no momento em que estivermos analisando os dados, quando observaremos alguns tipos mais recorrentes dessas relações semânticas.

Por fim, como terceiro ângulo de observação a partir do qual olharemos os momentos de hesitação, falamos sobre a possibilidade de a atitude do sujeito falante, no sentido de controle da dispersão, poder vir a ser reparadora ou antecipatória. Chamaremos reparadora aquela atitude em que parte dos outros sentidos possíveis podem ser localizados em algum ponto da materialidade lingüística enunciada antes do momento de hesitação, e antecipatória, as atitudes em que o sujeito se antecipa ao aparecimento dos "sentidos que podem vir a ser" e projetam um controle, que se dirá eficaz, desses outros. Nas atitudes tidas como antecipatórias, os outros sentidos só podem ser inferidos, conforme se entenderá melhor durante a análise, no capítulo **IV.**.

Definimos, até este ponto, os aspectos que serão enfocados com o objetivo de olharmos para o fenômeno hesitativo em seu funcionamento discursivo, sem nos preocuparmos com as especificidades de nossos sujeitos. Desse modo, num segundo momento de nossa análise, buscaremos as possíveis diferenças no funcionamento das hesitações na conversação do sujeito sem patologia neurológica e naquela do parkinsoniano.

Assim definida uma forma de análise dos dados, partiremos, no próximo capítulo, para a análise propriamente dita. Observaremos, então, os momentos hesitativos, segundo as relações semânticas entre os trechos que "provocam" uma marca hesitativa, destacando como *outro* discursivo a própria língua. Para cada uma das relações que observarmos como mais recorrentes, procuraremos caracterizar o movimento do sentido quanto à deriva (abertura ou controle), e o localizaremos, conforme sua predominância, nos

---

[63] Ressaltamos que o conceito de significante, para efeitos deste trabalho, se refere à materialização lingüística em seus diversos aspectos: sintáticos, morfológicos, fonético-fonológicos – incluindo-se aí os aspectos prosódicos, necessariamente em relação com o significado.

unesp

eixos paradigmático e/ou sintagmático, além de destacarmos se as ações sujeito/língua se processam antecipadamente aos deslizamentos do dizer ou se se processam reparando uma dispersão. Por fim, faremos algumas considerações sobre as possíveis diferenças de funcionamento das hesitações, comparando dos discursos do sujeito sem patologia neurológica diagnosticada e do sujeito com doença de Parkinson.

IV. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme propusemos, num primeiro momento desta análise, observaremos características mais específicas do que estamos postulando como um funcionamento discursivo das hesitações e, num segundo momento, faremos uma comparação dessas características entre as amostras de conversação do sujeito sem patologia neurológica e do sujeito parkinsoniano.

Quanto às características mais específicas do funcionamento do fenômeno hesitativo, conforme havíamos adiantado em **3.5**, usaremos, para o direcionamento da análise, a relação entre as ocorrências das hesitações e os trechos que as circundam, a partir da qual pontuaremos alguns dos *outros* em concorrência, especificamente aqueles relacionados à própria língua. Ressaltaremos que todas as características que serão pontuadas na análise, e que enumeraremos abaixo, são determinantes no funcionamento hesitativo. Desse modo, com base nos vínculos entre as marcas hesitativas e os trechos que as circundam, relacionaremos as hesitações:

(a) à direção que o dizer do sujeito toma em relação à deriva – abertura ou contenção;

(b) à mobilização dos eixos da similaridade e contigüidade, aspectos de funcionamento da linguagem durante a produção do dizer; e

(c) à atitude antecipatória ou reparadora do sujeito referente aos deslizamentos do dizer.

Ainda sobre o aspecto que direcionará nossa análise, o das relações, de base interpretativa, entre os trechos que se ligam, de algum modo, também, pela marca de hesitação, observamos nos dados algumas recorrências semânticas, o que nos possibilitou um agrupamento das marcas em cinco "classes": (1) especificação; (2) avaliação; (3) mudança de orientação; (4) retomada; e (5) tropeço. Não anteciparemos aqui uma definição de cada uma dessas "classes", já que elas serão mais bem definidas a partir dos dados que exploraremos adiante. Adiantaremos, entretanto, a fórmula interpretativa que usamos para essa caracterização – que não pretende, de modo algum, ser taxonômica – das relações entre os trechos ligados por hesitações. Com efeito, chamaremos **A** o trecho do enunciado que antecede a ocorrência de uma hesitação ou algum aspecto relacionado às condições de produção do discurso – como aspetos relacionados à situação enunciativa – materializado lingüisticamente ou não e **B** o trecho que se segue ao fenômeno hesitativo (**H**). Tal que **H** pode estar marcando uma relação significado/significante **A - B** em que:

- **B** complementa **A** – especificação;
- **B** se constitui numa reflexão sobre **A** – avaliação;



- **B** se constitui num deslizamento do dizer, de relação aparentemente "fraca" com **A** – mudança de orientação;
- **B** remete a um dizer **A** enunciado mais anteriormente do que o dizer que antecede imediatamente a **H** – retomada; e, finalmente,
- **B**, bem como **A**, apresentam uma relação aparentemente "fraca" com **H** – tropeços.

Passemos, então, à observação dos dados. Lembremos que, para cada um dos *modos* de relação **A-B**, os aspectos (a), (b), (c), interpretados principalmente a partir de **H**, serão caracterizados.

Observemos, nas linhas 9 e 24 do trecho de conversação abaixo[64], uma relação tal que **B** complementa **A**, ou seja, uma relação do tipo que caracterizamos como **especificação**:

Trecho 01 (sujeito V., p. 138)

1 L. ô seu V. falando do dos baile de carnaval + o senhor tocava no no Palestra também não
2 tocava?
3 V. toquei + dos clube de Rio Preto eu toquei em todos + Monte Líbano + Palestra +
4 Automóvel Clube + **aquele::** como é que chama lá do japonês + lá na Ercília +
5 L. [ixi] [i::xi]
6 toquei um ano lá + né + toquei no sindicato **do do do dos** comércio
7 L. [japonês?]
8 L. mas de japonês?
9 V. de japonês fica **ah** lá na vila Ercília + éh eu lembro o nome dele já já toquei um ano
10 lá + foi o carnaval mais cômod/ cômico que eu toquei na vida + porque
11 L. [por que? ((risos))]
12 japonês não consegue dançar samba + então + tinha dificuldade de tocar que tinha
13 vontade de rir + então foi um:: + um carnaval cômico
14 L. [((risos))]
15 L. mas só vai japonês? (...)
16 V. [só japonês só japonês
17 L. na Ercília o senhor fala aonde? ali: tem o cemitério + tem a escola (...)
18 V. [para cá do cemitério
19 L. pra baixo?
20 V. isso bem pra baixo (...)
21 L. [ali na curva? + quem vem da Murchid pra cá + pra:: pra vila Ercília para o
22 Bom Jesus + tem um pedaço que faz uma curva grande antes de atravessar a avenida da
23 Saudade ali
24 V. não é **aqui::** descendo pra pegar a Pedro Amaral + tem um posto de gasolina na
25 esquina + é à direita ali eu não me lembro com é que chama aquilo lá + é uma avenida
26 que vem lá da Murchid Honsi

[64] Os trechos de fala mais diretamente relacionados às hesitações que estão sendo consideradas estarão, em todos os trechos selecionados, grifados. As hesitações estarão em negrito.

unesp

A ("de japonês fica" e "não é **aqui**") se relaciona a **B** ("lá na vila Ercília +" e "descendo pra pegar a Pedro Amaral +", respectivamente) tal que **H** (**ah** na linha 09 e o alongamento em **aqui**, no trecho da linha 24) evidencia, na produção do dizer, uma ação da língua sobre o sujeito e dele sobre a língua no sentido da precisão de expressões semânticas, fato característico dos momentos de especificação. Essa mesma relação **A-H-B** pode ser observada nos recortes abaixo, retirados da amostra de conversação do sujeito parkinsoniano:

Trecho 02 (sujeito J., p. 145)

1 L. a T. é mineira e o senhor?
2 J. sou de Colina
3 L. Colina?
4 J. São Paulo
5 L. fica perto da onde?
6 J. m::ais perto **de::** Barretos ++ Bebedouro

A ("m::ais perto **de**") se relaciona a **B** ("Barretos") tal que **H** (o alongamento em **de**, no trecho da linha 6) evidencia uma ação recíproca sujeito-língua no sentido da precisão de expressões semânticas.

Veremos, no recorte seguinte, a mesma relação **A-H-B** apontada acima. Destacaremos, entretanto, uma outra característica peculiar a esse sub-funcionamento, a saber, a do tipo de noção semântica que estaria em concorrência no momento das hesitações:

Trecho 03 (sujeito J., p. 146)

1 L. qual que é o cargo?
2 J. eu fui agente do IBGE [++]todo/ tempo/ + praticamente aqui em Marília ++ trabalhei só
3 L. [ah::]
4 um pouquinho **em::** Pompéia + **e::** Quintana + e aqui foi (quase quanto?) 25 anos né E.?
5 L. e o que que o senhor fazia lá? o que que é isso?
6 J. IBGE::: + é o que se fala sinônimo de mentira
7 T./E. ((risos))
8 J. éh estatística
9 L. cuidado que está gravando hein
10 T./E. ((risos))
11 J. está? então limpa aí ((risos))
12 T. nã::o agora vai deixar ((risos))
13 J. ((risos)) ah estatística:: + estatística porque o pessoal +
14 o:: informante na hora que ele quer os dados ele e::lê quer como que ele quer + e

15 não como é + e na hora de fornecer ele sonega o que pode + então é uma briga constante
16 viu
17 ++ serviço muito:: ++ massante

Na linha 4, temos dois momentos de hesitação, tal que **B** ("Pompéia" e "Quintana") complementa **A** ("+trabalhei só um pouquinho **em::**" e "trabalhei só um pouquinho **em::** Pompéia +") com expressões cuja noção semântica pode ser interpretada como de localização, assim como nos outros casos de especificação discutidos acima. Há ainda outras possibilidades de noções semânticas em concorrência, as quais apresentaremos a seguir.

Nas linhas 4 e 6 do trecho 01, do sujeito V., observamos uma relação **A** ("**aquele**" e "+ toquei no sindicato do") e **B** ("como é que chama lá do japonês +" e "comércio", respectivamente) tal que **H** marca a concorrência, no eixo paradigmático da conversação, de expressões que podem ser interpretadas semanticamente como identificadoras. A mesma interpretação pode ser feita para os trechos de J. abaixo (trecho 04, linhas 6 e 8/9), em que **H** (as pausas preenchidas por "**eh**") marca a concorrência de expressões identificadoras.

Trecho 04 (sujeito J., p. 150)

1 L. ele olha assim de rabo de olho pra ela + e conta outra coisa como que era o trabalho do
2 senhor lá lá no IBGE? o senhor disse que era cansativo tudo mas o que que o senhor fazia
3 lá?
4 J. coleta de dados
5 L. na rua?
6 J. + **éh** junto ao informante
7 E. licenciamento
8 J. ++ fala+ fazia de toda a toda a:: área de educação + **éh** agricultura + comércio +
9 indústria ++ o que mais? ((volta-se para E.))

Observemos, ainda, que, tanto nos casos em que interpretamos as relações semânticas como identificadoras como naqueles em que as interpretamos como de localização, as ações sujeito-língua se dão em direção à contenção da dispersão do dizer, já que o movimento do sentido do dizer parece manter sua orientação. Veja-se também, para efeitos de uma maior elucidação deste aspecto – aspecto (a) conforme propusemos acima –, os recortes abaixo:

Trecho 05 (sujeito V., p. 134)

1 L. [o Vinícius é filho (...)
2 V. [é o f/ o caçu/ é o mais velho e filho do Valdo né dos meus

3 netos +
4 seis netos + o Viní/ o Vinícius é número um né +
5 o:: Frederico
6 L. [então vai]
7 número dois +o **Guilherme::** número três + a Amanda + número quatro + a Isa/ a Marina
8 L. [quero ver até]
9 número cinco e a Isabela + número seis com três anos
10 L. é a loirinha?
11 V. é a loirinha linda aquela que está ali que você falou que parece comigo né + que eu
12 quero um documento + registrado em cartório
13 L. eu não depois o senhor quer pegar ela para o senhor ((risos)) a Vivian me mata
14 V. não já estou pegando já tomando posse + e o mais velho que eu te falei + o Vinícius +
15 com 17 anos + sem cursinho + passou em três universidades + São Paulo na USP
16 L. [que glória]
17 Uberlândia + que me falha o nome da universidade + e:: Londrina:: na UEL
18 L. lá em Londrina ele está morando como seu V.? ele está morando em república:: (...)
19 V. não meu filho comprou um pequeno apartamento numa região + só de universitários +
20 são predinhos de **tre::/** de três andares + e ele está morando tem dois
21 L. [a:i:: ele tá no céu]
22 quartos né + ele montou um para ele e dois ele pretende alugar + para dois colega né +
23 L. [ãh]
24 de preferência de Rio Preto e do mesmo curso

O movimento do dizer do sujeito V. na primeira linha desse segmento da conversação inicia com a definição de quem seria o pai de Vinícius, conforme proposto por L., e logo toma uma outra direção possível, proposta pelo próprio V. a partir da linha 2, sobre os seus netos. Observe-se que os momentos hesitativos destacados nas linhas 5 e 7, por exemplo, não provocam uma modificação da orientação semântica que V. havia proposto, enumeração dos netos. Assim, essas hesitações, assim como a dos recortes discutidos acima, evidenciam uma ação recíproca sujeito-língua em que há contenção dos deslizamentos do dizer.

Voltando à questão que vinha sendo tratada anteriormente, a da interpretação das noções semânticas **A-H-B**, diremos que, na linha 5 do trecho 05 acima, a concorrência se relaciona a expressões que definiriam pessoas.

Já enumeramos, até este ponto, três das relações semânticas **A-H-B**, as de localização, identificação e pessoa. Observamos, em todas essas três classes, que as ações recíprocas sujeito-linguagem se processam com a efetivação da pretendida contenção da deriva. Assim, a partir deste ponto, poder-se-á observar que, nos casos de especificação, **A** e **B** estão num mesmo movimento de sentido. **Hs** de especificação são, desse modo, nessa ação de contenção dos deslizamentos do dizer, marcas que evidenciam tanto a concorrência, predominantemente em ausência, ou seja, no eixo da similaridade, de elementos lingüístico-discursivos, quanto uma atitude antecipatória do sujeito à deriva, ou seja, as outras formas

paradigmáticas em concorrência não se materializam, sendo as hesitações a evidência da renúncia do sujeito à elas. Tal funcionamento também será observado nos trechos abaixo, que se constituem em uma relação **A-H-B** cuja noção semântica é representativa de quantidade, tempo, causa-efeito, foco, tradução e confirmação.

Passemos à caracterização dessas outras sub-classes de especificações.

Nas linhas 7 e 20 do trecho 05 (do sujeito V.) acima, temos, marcada por **H** (um alongamento ao final da palavra "**Guilherme**", na linha 7, e um alongamento com uma parada brusca – "**tre::/**" – na linha 20), a concorrência, entenda-se, paradigmática, de elementos cuja noção semântica interpretamos como sendo a de quantidade. A atitude do falante, nos dois casos, foi, como é para os diversos tipos de especificações, a de controlar, antecipadamente, o aparecimento de elementos concorrentes, considerando-se uma organização sintagmática pretendida.

Também para o sujeito parkinsoniano a relação A-H-B pode envolver a noção semântica de quantidade:

Trecho 06 (sujeito J., p. 152)

1 L. Marília? que que o senhor conta na monografia?
2 J. + bom + primeiramente a verdade né? ++ ((risos))
3 L. aí eu desisto desse jeito ((risos))
4 J. ((risos)) porque hum diz que:: es – estatística + a gente falava que era sinônimo de
5 mentira +
6 L. [ãh]
7 agora eu não menti + (...) uma parte da:: da estatística + porque o:: + o meu maior
8 sofrimento no no IBGE foi + não mentir ++
9 isso me esgotou muito + então:: lutava contra o informante + terminava recenseamento +
10 o pessoal ficava brigando <por que Bauru e::/ deu mais/ + maior população que Marília?
11 ++ por que:: + Rio Preto é maior que Marília?> falava <por quê? + vai lá contar + eu não
12 sou obrigado a saber por quê + foi feito o recenseamento com o maior rigor + deu maior
13 população + agora + por que que é maior?> então era uma guerra viu + a gente tinha
14 atrito aí + principalmente com autoridade + na câmara municipal + porque:: na época os
15 vereadores não eram remunerados + eles e/ vinham eh me procuravam + para atestar
16 maior população + <eu lá vou fazer isso né> + então a gente tinha muito atrito + entende
17 o que:: o que eu falava? + estatística + só é boa pra eles quando favorece +
18 na hora de fornecer os dados + u:: corretos + eles n::um fornece +
19 (no fim depois de muita briga ele chegava a um) acordo porque:: + quem mente no fim
20 sempre aparece né ++ chegava um lá <ah eu queria o número de veículos de Marília +
21 ah **tem::** sessenta mil +
22 ah o senhor está louco tem mais tem cento e vinte mil + mas como assim? ah quem é que
23 não vê? mas isso não serve de base + qual foi o levantamento que vocês fizeram? +
24 Marília tem s/ quarenta e cinco mil prédios + como é que pode **ter::** cem cento e

25 cinqüenta mil veículos? éh ++ mas era era cho- chocante viu ++ mas eu ch - cheguei lá +
26 hoje eu não tenho (nenhuma vontade de:: vontade de)
27 L. [era desgastante]
28 (ir naquela parte) + não vou mesmo

Nas linhas 21 e 24/25 acima, **B** ("sessenta mil+", na 21, e "cem cento e cinqüenta mil veículos?", na 24/25") complementa **A** ("ah eu queria o número de veículos de Marília? +" e "Marília tem s/ quarenta e cinco mil prédios + como é que pode", respectivamente) tal que, em **H** (o alongamento nas palavras **tem,** da linha 21, e **ter**, da linha 24) o sujeito se antecipa ao aparecimento dos elementos que concorrem para ocupar um lugar cuja noção semântica seria a de quantidade.

Já nos trechos 07, do sujeito V., bem como 08 e 09, do sujeito J., observamos ocorrências de hesitações cuja noção semântica do lugar de concorrência é de tempo:

Trecho 07 (sujeito V., p. 132)

1 L. foi alfaiate também?
2 V. fui alfaiate + eu fui alfaiate **de::** cinqüenta a sessenta + de sessenta a sessenta e sete +
3 eu fui bancário
4 L. verdade o senhor trabalhou no banco + tinha esquecido disso
5 V. [trabalhei sete anos num banco + depois:: +
6 desliguei do banco + mon/ comprei um restaurante + tive esse restaurante até **setenta + e**
7 três + sempre tocando pistão +né + paralelo ao trabalho +depois entrei numa empresa de
8 gás + trabalhei alguns anos na empresa de gás também + É

Nas linhas 2 e 6/7 temos

A = "eu fui alfaiate" e "+ tive um restaurante até sessenta"
H = "**de::**" e "+" (pausa que interrompe constituinte sintático)
B = "cinqüenta a sessenta +" e "**três +**"

tal que **A** e **B** estão num mesmo movimento semântico, e **H**, ponto que evidencia a concorrência de elementos, se antecipa, como lugar de aconragem, à ocorrência do único paradigma selecionado, **B**, que representa tempo. De maneira semelhante, em:

Trecho 08 (sujeito J., p. 156)

1 L. se puder comer os dois o senhor come?
2 J. eu já controlei controlei porque eu tomava muito sorvete + agora eu vou tomar água +
3 senão a Juliana vai falar o que?

4 T. está gelada?
5 J. + num está
6 T. não?
7 F. vocês querem água?
8 T. não obrigada
9 E. depois do bolo elas tomam ((risos))
10 L. pode beber
11 J. {vocês querem tomar?
12 T. não obrigada
13 J. esse aqui minha:: (minha) filha trouxe + dos Estados Unidos no **mês:: de::** outubro +
14 diz que achou que era que era mais prático para mim era isso

Trecho 09 (sujeito J., p. 150)

1 L. o senhor nunca fez outro tipo de atividade assim? porque o seu Célio disse que fazia:::
2 como é que fala? + fazia esporte + nadava + o senhor num fazia nada disso?
3 J. nunca +++
4 L. nunca nunca?
5 J. nunca porque na:: na:: bom na infância + eu morei na:: na lavoura né + até **os::** dez
6 anos

na linha 13 do trecho 08 (I) e nas linhas 5/6 do trecho 09 (II), ambos do sujeito parkinsoniano (J.), temos

A (I) = "esse aqui (minha) filha trouxe + dos Estados Unidos no"
H (I) = "**mês:: de::**"
B (I) = "outubro +"

e

A (II) = "eu morei na:: lavoura + até"
H (II) = "**os::**"
B (II) = "dez anos"

A relação **A-H-B** é tal que **B**, tensionado em **H**, antecipatoriamente ao aparecimento de outros elementos do paradigma tempo, completa **A** com uma noção de tempo. Sendo que **A** e **B** compartilham do mesmo movimento de sentido.

Há ainda fórmulas cuja ação sujeito-linguagem de especificação trabalha em outras noções semânticas; entretanto, essas foram encontradas predominantemente, no sujeito sem lesão neurológica (V.):

Trecho 10 (sujeito V., p. 133-34)

1 V. não não m::udou o juiz e o outro nem tocou no assunto aí eu trabalhei né + eu devo ter
2 tocado uns quarenta carnavais na minha vida
3 L. e está querendo voltar?
4 V. e estou querendo voltar agora o médico me liberou né + mas a esposa ainda não
5 L. mas aí o:: + oh seu V. quando o senhor toca toca a noite inteira ou reveza?
6 V. não **+ o:: baile +** nós trabalhamos menos né + porque aí há um bom
7 L. [ãhã]
8 revezamento + agora carnaval nós fazemos duas e o cantor faz + aliás nós fazemos uma e o
9 cantor faz duas+ nós tocamos uma vez e ele canta duas vezes né + mas revezando também+

Nesse trecho, temos:

A = "+ oh seu V. quando o senhor toca toca a noite inteira ou reveza?"
H = "**o::**"
B = "baile + nós trabalhamos menos né + porque aí há um bom revezamento+"

A relação **A-H-B** no trecho 10 é tal que **H** evidencia a tensão acionada na relação sujeito-linguagem para o "preenchimento" de um lugar entendido como o de foco discursivo. Veja-se que **A** corresponde a um questionamento de L., e **H**, a um lugar de ancoramento, de uma ação antecipatória, diante do que poderia ser a necessidade de se precisarem aspectos não explicitados na pergunta de L.

No trecho 11, abaixo, teremos, nas linhas 4 e 5:

A = "a escala cromática é a divisão das notas em tonalidade"
H = "**eh**"
B = "meio ponto acima um ponto acima né"

Trecho 11 (sujeito V., p. 140)

1 L. escala o quê?
2 V. cro-má-ti-ca
3 L. que que é isso?
4 V. a escala cromática é a divisão das notas em tonalidade **+ eh** meio ponto acima um
5 ponto acima né
6 L. ah::o si bemol (...)
7 V. [ISSO + é porque tem o:: fusa semi fusa colcheia semi colche semi
8 colcheia né +
9 então a escala da música + da da o o:: pistão mesmo tem vinte e
10 L. [tem]
11 cinco notas na escala cromática + e a natural sete né dó ré mi fá sol lá si



Observe-se que **B** se constitui numa outra forma paradigmática de se realizar **A**. Esse seria um caso mais peculiar de especificação, já que duas formas paradigmáticas se materializam, e a tensão da segunda com a primeira, e dessas duas com outras possíveis, se evidencia em **H**. O que ocorre poderia ser entendido como uma tradução de **A** em **B**.

Já no trecho 12 abaixo:

Trecho 12 (sujeito V., p. 141)

1 L. mas hoje em dia + eu perguntei isso pro senhor porque eu vejo assim + a ambição hoje
2 em dia prevalece sobre qualquer coisa + sobre até a:: própria vontade até o próprio sonho
3 o: ideal de vida até
4 V. ++ prevalece sim + mas o:: o que muito faz da ambição + é uma premonição que a
5 pessoa tem e não sabe dar valor + porque se ele tivesse a ambição de fazer o bem + que
6 maravilha que seria + mas ele tem a ambição com egoísmo né + só ele só eu ou tem ele ou
7 ele e a família + e tem outros que nem a
8 L. [aí]
9 família num é + que é o que nós vamos ter no futuro né Lilian um mundo bom + porque
10 nós vamos + ser mas mais irmãos + é o que nós não somos + uma
11 L. [tomara]
12 filosofia que eu boto muita fé é que nós vivemos num mundo de prova e de expiação né
13 + e que num futuro + que não se sabe quando mas com certeza + nós vamos entrar num
14 mundo de re-ge-ne-ra-ção + e pode observar que já tá tendo muita gente se regenerando
15 melhorando + aliás nós temos mais + melhor do que ruim

temos:

A = "+ a ambição hoje em dia prevalece sobre qualquer coisa + sobre até a:: própria vontade até o próprio sonho o: ideal de vida até"
H = "++"
B = "prevalece sim +"

Vê-se que a relação é tal que **A** se constitui num enunciado de L. (interlocutor) e **B** se constitui numa confirmação do que é dito pelo interlocutor, de modo que, numa atitude antecipatória do sujeito, **H** evidencia a renúncia a outras formas paradigmáticas possíveis em relação à de confirmação do dizer do outro, como podemos observar na continuação do dizer de V.

Todos os recortes que discutimos acima constituem, portanto, em *modos* de funcionamento do fenômeno hesitativo, tal que, conforme expusemos, **B** complementaria, dentre esses modos enumerados acima, **A**. A partir da interpretação desses recortes, pudemos, então, definir as características (a), (b) e (c) – apontadas no início deste capítulo – desse

funcionamento que nomeamos como especificação. As hesitações que consideramos como especificações são aquelas que marcam momentos nos quais, na produção do dizer, a ação da língua sobre o sujeito e dele sobre a língua se dá no sentido da precisão de noções semânticas como as de localização, de identificação, de pessoa, de quantidade, de tempo, de foco, de tradução e de confirmação[65]. A produção do dizer, nesses momentos, constitui-se, conforme pudemos constatar, na efetivação da contenção da deriva por uma renúncia que se antecipa à materialização das formas em concorrência no eixo paradigmático do discurso.

Continuando nossa exposição, relembremos os outros tipos de relação **A-H-B**, além das especificações:

- se **B** se constituir numa reflexão, geralmente sobre **A,** chamaremos a relação **A-H-B** de avaliação;
- se **B** se constituir num deslizamento do dizer, de relação aparentemente "fraca" com **A**, chamaremos a relação **A-H-B** de mudança de orientação;
- se **B** for tal que retoma um dizer (**A**) enunciado mais anteriormente do que o dizer que antecede imediatamente a **H**, então a relação **A-H-B** será de retomada; e, por fim,
- se **A** e **B** apresentarem uma relação aparentemente "fraca" com **H**, teremos tropeços.

Lembremos, ainda, que, para cada uma dessas relações **A-H-B**, observaremos, a fim de caracterizarmos os funcionamentos mais gerais de cada um dessas classes de hesitações:

(a) a direção que o dizer do sujeito toma em relação à deriva – abertura ou contenção;

(b) se a tensão marcada nas/pelas hesitações se dá predominantemente entre elementos relacionados por similaridade, por contiguidade ou pelos dois modos; e

(c) se as ações sujeito-linguagem se dão de modo antecipatório em relação aos deslizamentos do dizer ou reparando esses deslizamentos.

Analisando aqueles recortes em que **B** se constituía numa **reflexão**, geralmente sobre **A**, observamos que as hesitações marcavam muito mais uma ação do sujeito em relação à língua/discurso, do que sua recíproca. Observamos, ainda, que, nessas ações do sujeito, **B** poderia constituir-se tanto numa reflexão sobre o dizer do próprio sujeito ou do interlocutor[66], quanto numa reflexão sobre a situação enunciativa. Vejamos algumas ocorrências dessa reflexão:

---

[65] Um outro tipo de especificação de que não trataremos neste estudo, dada sua maior complexidade explicativa, é a de causa-efeito. No entanto, computaremos suas ocorrências, como se verá mais adiante, no Quadro 02.

[66] Entende-se por interlocutor uma das pessoas da situação enunciativa marcada como "tu".

Trecho 13 (sujeito V., p. 134)

1 L. dos filhos do senhor tem + tem um que trabalhou no banco também
2 V. trabalha + o meu caçula **trabalha::/** + o Paulo Roberto + trabalha na Caixa
3 L. [é o Paulo?]
4 Econômica Federal

Nas linhas 2 e 4:

A corresponde ao trecho "+ o meu caçula **trabalha**"
H corresponde ao alongamento com parada brusca seguida de pausa em "**trabalha::/** +", e
B corresponde ao trecho "+ o Paulo Roberto + trabalha na Caixa Econômica Federal "

H constitui um ponto em que o sujeito "suspende" seu dizer, uma vez que depara com uma falta, falta que podemos caracterizar pela atitude de retroação do sujeito em relação a **A** e de projeção em relação ao seu interlocutor – será que L. teria a informação de quem seria o filho caçula de V.? Desse modo, o sujeito se antecipa e, numa ação retroativa e projetiva, explicita o que projeta como falta, ou seja, **B**. Já no recorte do sujeito parkinsoniano, abaixo, essa ação retroativa-projetiva parece se relacionar a uma falta que poderíamos entender como de maior precisão dada ao dizer:

Trecho 14 (sujeito J., p. 145)

1 T. o senhor vai vai deixar de fazer os exercícios para me ver brava é?
2 J.+ não deixar eu não deixo ++ não totalmente como deveria se/ fazer né ++ mas eu procuro
3 aproximar

A = "+ não deixar eu não deixo"
H = "++"[67]
B = "não totalmente como deveria se/ fazer né +"

H evidencia uma suspensão do dizer em que, numa atitude reflexiva, o sujeito parece estar, em **B**, projetando-se no sentido de dar maior precisão a **A**.

Nos dois trechos acima, essa atitude retroativa-projetiva baseou-se numa reflexão sobre o próprio dizer do locutor. Há ainda, conforme já havíamos adiantado, a possibilidade de uma reflexão sobre o discurso do interlocutor, tal como nas linhas 31-33 do trecho 15 do sujeito V. e nas linhas 8/9 e 13/14 do trecho 16 do sujeito J.:

[67] Embora se trate de uma pausa de final de constituinte, sua longa duração pode caracterizá-la como uma pausa hesitativa.

unesp

Trecho 15[68] **(sujeito V., p. 138-39)**

1 V. toquei + dos clube de Rio Preto eu toquei em todos + Monte Líbano + Palestra +
2 Automóvel Clube + aquele:: como é que chama lá do japonês + lá na Ercília +
3 L. [ixi] [i::xi]
4 toquei um ano lá + né + toquei no sindicato do do do dos comércio
5 L. [japonês?]
6 L. mas de japonês?
7 V. de japonês fica ah lá na vila Ercília + éh eu lembro o nome dele já já toquei um ano
8 lá + foi o carnaval mais cômod/ cômico que eu toquei na vida + porque
9 L. [porque? ((risos))]
10 japonês não consegue dançar samba + então + tinha dificuldade de tocar que tinha
11 vontade de rir + então foi um:: + um carnaval cômico
12 L. [((risos))]
13 L. mas só vai japonês? (...)
14 V. [só japonês só japonês
15 L. na Ercília o senhor fala aonde? ali: tem o cemitério + tem a escola (...)
16 V. [para cá do cemitério
17 L. pra baixo?
18 V. isso bem pra baixo (...)

---

19 L. + ó ali tem consultório (...)
20 V. olha + Nipo + Brasileiro + clube Nipo Brasileiro + ou Nipônico Brasileiro + mas acho
21 que é Nipo
22 L. porque ali eu sei que tem consultório veterinário + tem consultório dentário + tem um
23 posto de gasolina na esquina (...)
24 V. então é bem antes dali

---

25 L. uma escola de primeiro grau ali:: (...)
26 V. [que fica o:: a esquerda ali fica o SESI + e logo na primeira rua
27 entra à direita
28 L. + então agora é a faculdade sim (...)
29 V. [é? + então ali sai no no:: no Nipo Brasileiro + nesse clube
30 (...)
31 L. ah vou até passar lá para ver nunca vi
32 V. ++ eles tem eu sei porque eu tenho uma amiga aí que:: que é casada com um
33 japonês e a filha dela está tomando aulas de dança lá sabe +
34 eles não eles não perdem a origem + né então eles tem/ tem dança

Nesse trecho:

A = "ah vou até passar lá para ver nunca vi"
H = "++"
B = "eles tem eu sei porque eu tenho uma amiga aí que:: que é casada com um japonês e a filha dela está tomando aulas de dança lá sabe +"

---

[68] Os traços no decorrer dos trechos significam que uma parte da transcrição foi omitida.

H marca uma suspensão do dizer, ponto em que V., numa atitude reflexiva sobre **A**, pode estar interpretando que L. estaria duvidando da existência do clube, projetando em **B** comprovação da existência do referido lugar. De modo semelhante, no recorte de J. abaixo:

Trecho 16 (Sujeito J., p. 148)

1 J. e depois a gente começou a::querer namorar em:: São Paulo + nós tivemos um
2 congresso (em::) lá no Mackenzie + e a portuguesa conseguiu me conquistar (heim)
3 ((risos)) ++
4 L. [uhm]
5 L./T. ((risos)) ++
6 L. é portuguesa?
7 J. éh portuguesa ((risos))
8 L. o meu é português
9 J. ++ num vou falar mais nada não
10 L. ((risos))
11 J. viu
12 ++ que que o Nabuco ah não não foi o Nabuco não que falou foi o douto::r ++ delegado
13 (incompreensível) + <português é inteligente mesmo> ((risos)) agora eu num vou falar
14 nada porque o pai dela o pai dela é por:: o pai (...)

temos que

A = "o meu é português"
H = "++"
B = "num vou falar mais nada não viu [...] agora eu num vou falar nada porque o pai dela o pai dela é por:: o pai (...)"

Nesse caso, **H** evidencia uma atitude suspensiva de J., que, voltando-se para **A**, estaria projetando, em **B**, uma proibição – "falar mal" de português. Como se pode confirmar, nas linhas 13 e 14, J. fala ironicamente da inteligência dos portugueses e logo explicita uma proibição para esse tipo de dizer.

Como um terceiro modo peculiar de ocorrência dessa ação retroativa-projetiva, temos, nos trechos abaixo, aquela em que a hesitação evidencia uma atitude antecipatória do sujeito em relação a uma abertura para deriva, que se dá por reflexão sobre a situação enunciativa:

Trecho 17 (Sujeito V., p. 132)

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto
T. 1397/05

1 L. conta do carnaval ué + o senhor não estava falando de carnaval? + que ainda toca + de
2 toda sua vida + de músico + não pode pensar muito
3 V. ++ está ligado já?
4 L. já já estamos conversando + ((risos)) pode contar não precisa ficar com vergonha não

Nesse trecho 17, temos:

A = o fato de que, conforme a proposta de L., a conversação seria gravada.
H = "++"
B = "está ligado já?"

Na linha 03, a relação **A-H-B** é tal que **B** se constitui num retorno a/numa projeção de **A**, sendo **A** a própria situação enunciativa. Já no recorte da linha 04 do trecho 18 abaixo, **H** se constitui num ponto de ancoragem no qual as ações do sujeito, ao se voltarem para **A**, projetam o que se constituiria numa auto-imagem positiva de si mesmo:

Trecho 18 (Sujeito J., p. 147)

1 T. a dona E. é de lá seu J.?
2 J. é de São Paulo
3 T. de São Paulo
4 J. + nasceu e criou + criou **u::** só saiu pra casar++ **e muito::** e muito bem
5 T. [como que +
6 T. como que f:: ((risos)) ah:: modéstia à parte muito bem
7 J. [modéstia à parte ((risos))

Nesse trecho, temos:

A = o que poderia ser a imagem que J. faz de si próprio e "+ nasceu e criou + criou **u::** só saiu pra casar"
H = "**++ e muito::**"
B = " e muito bem"

Portanto, nas avaliações, a hesitação como ponto de ancoragem, marca uma volta do sujeito para seu próprio enunciado, para o enunciado de seu interlocutor ou mesmo para a situação enunciativa, conforme observamos na análise seis recortes acima. A partir dessa reflexão, abrem-se os sentidos: justificando, produzindo jogo de humor, retificando. Desse modo, as escolhas possíveis de serem feitas no eixo paradigmático, que não necessariamente acompanham a orientação que os sentidos vinham tomando, aparecem. A hesitação marca

essa abertura, geralmente de maneira antecipatória, de tal modo que os pontos de hesitações se constituem em pontos de reflexão e não de materialização da deriva.

Outro modo de ocorrência das hesitações que também "deixa" a deriva tomar conta dos discursos são as **mudanças de orientação do sentido** predominante. Nesses casos, **B** não tem relação de complementação ou de reflexão sobre **A**; dir-se-ia que a relação entre **A** e **B** é tal que esses termos compartilham entre si apenas a presença de um tema mais geral. Conforme veremos abaixo, em **B** se processa uma mudança de orientação do sentido que decorre de uma troca de sentido dominante ou de uma troca de interlocutor.

Os quatro primeiros recortes que apresentaremos se referem às mudanças de orientação de sentido.

Trecho 19 (Sujeito V., p. 143)

1 L. não eu acho até que é + mas é que eu vejo muita gente assim:: + se fechando mesmo
2 pro mundo + porque:: existe uma certa comodidade né + você fica ali na
3 V. [não aí não pode] [hum-hum]
4 frente do computador você conversa com todo mundo ao mesmo tempo não vê ninguém
5 (...)
6 V. [não aí não pode aí é meio fuga
7 né tem que que viver os todos os meios (...)
8 L. é: vive vive + exatamente + vive nessa fuga + vive nessa coisa de irreal porque
9 V. [vive]
10 você não tem nada de concreto na mão + e aí? (...)
11 V. [então + você vê o::s meus netos eles viajam muito
12 no
13 Palestra disputando natação **+ ganham ca/ +** tem várias medalhas eles participam assim

Nesse recorte, temos:

A = "ganham ca[da]"
H = "**ganham ca/**" – falso início
B = "+ tem várias medalhas eles participam assim"

Observe-se entre **A** e **B**, na linha 13, a possibilidade de se dizer sobre as medalhas dos netos em pelo menos duas direções: uma em que os garotos ganhariam as medalhas e outra em que os garotos teriam as tais medalhas. O falso início (**H**) marca essa mudança da direção do dizer, de tal modo que, embora o sujeito tente evitar o deslizamento que poderíamos chamar de mais completo do dizer, parte de outra escolha paradigmática, que não a "pretendida",

possível, é materializada. Semelhante interpretação podemos conferir aos três trechos que se seguem.

Trecho 20 (Sujeito V., p. 136)

1 V. ++ é o:: o:: o tempo de estudo é muito grande+ pra fazer um:: uma escola você
2 veja a faculdade é cinco + né meu meu neto mesmo parece que é cinco e mais um de
3 mestrado + cinco anos de de de de superior?
4 L. uai e não é bom?
5 V. é bom mas eu acho muito demorado + e hoje está acontecendo muito o que você disse
6 agora mesmo a dificuldade do trabalho + e você sabe **que::** eu acho + uma das
7 L. [ah::]
8 dificuldades de trabalho + foi a mulher entrando no mercado + é porque a mulher era
9 L. [((risos))]
10 cem por cento do lar + é um direito que ela conquistou + tinha menos concorrente
11 L. [tinha menos concorrente ((risos))]
12 porque a mulher é mais capaz e inteligente do que o homem + e mais esforçada + né + o
13 homem é mais:: boa vida + e a mulher é mais dedicada +
14 então hoje qualquer empresa que se vai + sempre tem mais mulher do que homem +
15 então isso que dificultou + o:: emprego + e deu nesse desemprego que nós estamos
16 vivendo hoje

Nas linhas 5/6 e 8, encontramos:

A = "é bom mas eu acho muito demorado + e hoje está acontecendo muito o que você disse agora mesmo a dificuldade do trabalho +"
H = "+ e você sabe **que::** eu acho +"
B = "uma das dificuldades de trabalho + foi a mulher entrando no mercado +"

A relação **A-B-H** é tal que **B** se constitui, em relação a **A**, numa mudança de orientação do sentido. O sujeito parece estar propondo, com uma atitude antecipatória em **H**, uma mudança de assunto – a repercussão da entrada da mulher no mercado de trabalho – na medida em que esse assunto se relaciona, de algum modo, ao tema que vinha sendo tratado anteriormente – o fato de a especialização profissional ter longa duração. O alongamento e todo o trecho que selecionamos como **H**, poderia ser interpretado como um ponto em que o dizer se ancora e, ao mesmo tempo, como um dizer que introduz a deriva.

Já na linha 5 e 6, do trecho 21:

Trecho 21 (Sujeito J., p. 154)

1 T. como é que ela chama a supervisora?
2 J. a supervisora
3 T. como que ela chama?
4 J. Virgínia
5 T. Virgínia
6 J. ++ muito boa como vocês
7 T. ((risos)) imagina
8 L. estou começando a ficar encabulada
9 J. ((risos))
10 T. eu falei pra ele que ele me deixa com vergonha
11 L. eu estou começando a acreditar já

temos:

A = "Virgínia"
H = "++"
B = "muito boa como vocês"

A pausa seria um ponto da materialidade lingüística no qual o sujeito, numa atitude de se antecipar à deriva que tomará lugar em **B**, ancora o seu dizer. **A** e **B** estão em diferentes direções de sentido, de modo que **B** é uma escolha paradigmática que, nos espaços mais normatizados do discurso, deveria ser renunciada em favor da manutenção dos sentidos que vinham sendo "tratados".

Na linha 17 do trecho 22, de J.:

Trecho 22 (Sujeito J., p. 154-55)

1 L. deixa para depois a gente comer + ou o senhor quer comer agora? a gente pára
2 T. [é depois a gente come]
3 E. [não é para elas (voltando-se para J. que queria o pedaço de torta)
4 F. [eu não trouxe nem pra ele eu trouxe para vocês
5 J. [eu acho que eu (vou…)
6 L. [já aproveita e traz um pedaço para ele
7 F. ah é?
8 L. é ele come aqui com a gente pode ser?
9 J. + pode
10 F. para você ver a mastigação dele?
11 L. é já aproveita e já vê tudo num é?
12 T. [é]
13 J. vê tudo ((risos))
14 L. ah já que está aqui
15 E. é:: isso mesmo
16 T. {é mesmo
17 J. {**ma::s (eu::)** você falou que vinha pra:: almoçar ou jantar

18 T. eu volto depois seu J. não tem problema pode comer agora que eu volto de novo
19 depois

vimos que:

A = "vê tudo"
H = "**ma::s (eu::)**"
B = "você falou que vinha pra:: almoçar ou jantar"

Observamos que os alongamentos evidenciam uma mudança de orientação de sentido em relação a **A** (o dizer na linha 13 somado ao contexto, em que se estava discutindo se não se atrapalharia a gravação se J. comesse torta); assim, **H**, introduz **B**, um deslizamento do dizer para um sentido, paradigmaticamente possível – já que T. havia combinado que iria almoçar com J. para observar aspectos relacionados à mastigação e à deglutição, parte da conduta clínica fonoaudiológica da instituição a qual T. estava vinculada–, que não estava em questão naquele momento enunciativo.

Observe-se, com base nos quatro recortes acima, que as hesitações, nos casos de modificação da orientação do sentido, podem se constituir em ações sujeito-linguagem tanto antecipatórias (trechos 20, do sujeito V., e 21, do sujeito J.) quanto reparadoras (trechos 19, do sujeito V., e 22, do sujeito J.), uma vez que nestas últimas há materialização de escolhas paradigmáticas recusadas em favor de outras.

Ainda quanto às mudanças de orientação, observemos dois recortes que só ocorreram para o sujeito J., pelo fato de que, na gravação desse sujeito, havia outros participantes (T., E. e F.) além de L. e de J.:

Trecho 23 (Sujeito J., p. 153)

1 J. + eu tenho uma sobrinha (que vai estar) fazendo estágio lá
2 L. lá onde?
3 J. em Rio Preto
4 L. estágio em quê?
5 J. em:: t – terapia
6 L. terapia?
7 J. é + formou esse ano
8 L. fisioterapia?
9 J. fisioterapia ++
10 L. ah ela se formou onde?
11 J. aqui
12 L. na Unimar?

unesp

13 J. é + está contente lá viu
14 L. onde que é? no hospital?
15 J. no hospital ++ né E.?
onde:

A = "no hospital"
H = "++"
B = "né E.?"

e

Trecho 24 (Sujeito J., p. 151)

1 L. eu nunca fui mas dizem que é muito bonito mesmo + principalmente quando é lua
2 cheia
3 J. que?
4 L. dizem que é muito bonito + principalmente quando é lua cheia
5 J. + ((risos)) por que?
6 L. não sei já me falaram isso que [lá é muito bonito
7 J. [acho:: é:: o (panorama) que tem nela
8 + **você** + **você** não gostou
9 E. [é:::]
10 aquele dia? (voltando-se para a esposa)
11 E. eu gostei

onde:

A = **L.** dizem que é muito bonito + principalmente quando é lua cheia
J. + ((risos)) por que?
L. não sei já me falaram isso que [lá é muito bonito
J. [acho:: é:: o (panorama) que tem nela
H = "**você** + **você**"
B = "você não gostou aquele dia?"

Nesses dois recortes, o sujeito parkinsoniano, em **B**, se dirige para um dos outros interlocutores (E.) participantes da conversação. Tal mudança de interlocutor, nos dois casos, é marcada por **H** ("++" no primeiro recorte e "você + você" no segundo recorte). Observe-se que, nessa troca de interlocutor, o sujeito, numa atitude antecipatória, parece buscar uma confirmação de algum aspecto de **A**.

Assim, essas mudanças de orientação podem decorrer de trocas do sentido predominante e também de trocas de interlocutor – nesse segundo caso, em situações nas quais, na enunciação, mais de um interlocutor dialoga com o sujeito. Nos primeiros casos, há

uma mudança de orientação do sentido que decorre de mudanças no "eixo central", "estabilizado", da enunciação – abertura para a deriva. Em alguns momentos, mas não em sua maioria, as mudanças de orientação, especialmente aquelas marcadas por expressões que são interrompidas (falsos inícios), funcionam, sem predominância definida, tanto no eixo paradigmático quanto no sintagmático, permitindo-nos não só supor outras possibilidades de escolha como também ver/ouvir parte de uma dessas outras escolhas possíveis, rejeitada. Neste último caso, a ação do sujeito sobre a língua opera no sentido de reparar o dizer.

Conforme antecipamos, outros dois tipos de hesitação são aqueles de retomada e de tropeços. Ambos aparecem nos discursos em momentos em que há contenção da deriva, ou seja, em momentos em que o processo hesitativo sufoca a irrupção dos elementos lingüístico-discursivos em concorrência. Vejamos, primeiramente, alguns trechos com **retomada**:

Trecho 25 (Sujeito V., p. 132)

1 L. verdade o senhor trabalhou no banco + tinha esquecido disso
2 V. [trabalhei sete anos num banco + depois:: +
3 desliguei do banco + mon/ comprei um restaurante + tive esse restaurante até setenta + e
4 três + sempre tocando pistão +né + paralelo ao trabalho + depois entrei numa empresa de
5 gás + trabalhei alguns anos na empresa de gás também + É
6 L. [que é aquela lá em:: em Gonzaga num é?]
7 ULTRAGÁS + lá em Gonzaga de Campos + não vou precisar o tempo senão dá mais que
8 a minha idade né + então vamos falar um tempo + não é ((risos)) **+ depois::**
9 L. [((risos))]
10 fui para uma empresa de carro + uma concessionária da:: Volkswagen + aonde:: + eu
11 encerrei a minha carreira profissional + e SEMPRE + tocando pistão né

Nesse recorte, temos:

A = "ULTRAGÁS + lá em Gonzaga de Campos"
H = "**depois::**"
B = "fui para uma empresa de carro +"

No trecho imediatamente anterior a **H**, temos um momento em que ocorre um deslizamento do dizer em relação a **A**. **H**, como ponto de ancoragem, evidencia uma atitude reparadora em relação a outras escolhas que poderiam irromper a partir do trecho que está imediatamente anterior a **H**, e, assim, **B** se constitui numa seqüência do assunto em relação a **A**.

Também na linha 14 do trecho 26 abaixo, do sujeito V., observaremos uma retomada, paradigmática:

Trecho 26 (Sujeito V., p. 133)

1 L. mas aí no: no caso assim + o senhor tocava em barzinho também o senhor (...)
2 V. [tocava violão né + porque eu toco
3 também violão
4 L. tudo de ouvido ou o senhor fez escola? (...)
5 V. não eu conheço música né/ não eu fiz escola/ na época nós estudávamos tinha + sempre
6 os maestros das cidades pequenas né + e a cidade pequena na minha época + era:: era
7 fábrica de músico + porque toda cidade pequena tinha sua bandinha + né
8 L. o senhor é + de Paulo (...)
9 V. [Paulo de Faria + eu sou de Barretos né + natural de Barretos + mas fui
10 pra Paulo de Faria com oito anos + de idade né +
11 lá que **eu:: f/** fiz o curso
12 L. [ãh]
13 primário fiz um pouco do + do ginasial na época né +
14 e:: comecei a estudar música

Nesse recorte, temos:

A = "tudo de ouvido ou o senhor fez escola?"
H = "**e::**"
B = "comecei a estudar música"

O alongamento (**H**) na linha 14 constitui-se num ponto da materialidade lingüística no qual o sujeito se apóia, e também uma evidência da ação, recíproca, sujeito-linguagem, de resgate da orientação do dizer. É assim que em **B** o sujeito responde **A**, enquanto o trecho que está antecedendo imediatamente a **H** se constitui no movimento de deriva sujeito-linguagem em direção à escolha paradigmática que dá seqüência, normatizada, ao discurso **A**.

Também ocorrem retomadas, marcadas por hesitação, em enunciados de J., como veremos a seguir:

Trecho 27 (Sujeito J., p. 146)

1 J. IBGE::: + é o que se fala sinônimo de mentira
2 T./E. ((risos))
3 J. éh estatística
4 L. cuidado que está gravando hein
5 T./E. ((risos))
6 J. está? então limpa aí ((risos))
7 T. nã::o agora vai deixar ((risos))
8 J. ((risos)) **ah estatística:: +** estatística porque o pessoal +
9 o::informante na hora que ele quer os dados ele e::lê quer como que ele quer + e não como
10 é + e na hora de fornecer ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu

11 ++ serviço muito:: ++ massante

Nesse recorte, temos as seguintes correspondências:

A = "éh estatística"
H = "**ah estatística::** + estatística"
B = "+ estatística porque o pessoal + o::informante na hora que ele quer os dados ele e::lê quer como que ele quer +"

Vê-se, em **H**, uma atitude de recuperação do sentido em curso antes dos enunciados transcritos entre as linhas 4 e 7, que parecem configurar um procedimento parentético, fato que também pode ser verificado no trecho a seguir:

Trecho 28 (Sujeito J., p. 151)

1 J. lá tem o panorama muito bonito viu ++ e:: o:: distrito naquela época era super **popu/**
2 populoso
3 L. qual que é a diferença de populoso e povoado?
4 J. ++ populoso **é::: s/s** + é super povoado ++ porque lá naquele tempo a gente
5 considerava **éh s – su/** populoso (incompreensível)
6 L. [o senhor trabalhou no]
7 L. [te peguei de calça curta agora ó:: o senhor trabalhou tudo esse tempo lá no
8 IBGE e não aprendeu?
9 J. vou:: vou aprender agora
10 L. num vai porque eu também num sei explicar ((risos))
11 E./T. ((risos))
12 ((risos)) você fala
13 L. eu ((risos)) (...)
14 T. eu acho que é populoso quando é::: o número de habitantes total e povoado é o
15 número de habitantes por quilômetro quadrado
16 L. está vendo que primor de menina
17 E. [falou e disse
18 J. é porque agora **(pode) pode** ser considerado povoado lá ++ o êxodo:: rural foi muito
19 grande ++ e é uma curiosidade lá:: a:: ma:: - maior população + não a maior mas
20 acredito que quase que 90% + eram japoneses + aprendemos muito com japonês viu?

em que a hesitação marcada na linha 18 – "**(pode) pode**" – recupera, mais especificamente, sentidos em curso no enunciado de J. nas linhas 1 e 2.

Conforme pudemos observar, nas retomadas, o movimento marcado pelas hesitações é de reparação e paradigmático. Já nos **tropeços**, último dos tipos específicos de funcionamento das hesitações encontrados em nossa amostra, esse movimento, embora se dê

também de modo reparador, marca-se também (e principalmente) no eixo da contigüidade (sintagmático):

Trecho 29 (Sujeito V., p. 132)

1 L. o senhor tocava só no carnaval?
2 V. não já toquei em orquestra + tive conjunto um bom tempo
3 L. o senhor chegou tocar na orquestra daqui da prefeitura?
4 V. [CHEGUEI + não na sinfônica não + eu toquei na
5 orquestra aqui Orquestra Para Todos + era do meu amigo Reinaldo hoje já falecido +
6 então mas uma orquestra completa com quatro saxss três trombones três pistãos + cantor +
7 ritmo + violão na época né + contrabaixo + antes + de ter o
8 L. [ãh]
9 denorex + o teclado que parece que é mas não é + né + então sempre na música + agora +
10 eu **f/** tive que fazer uma pequena cirurgia né + quatro safena + e uma
11 L. [nossa]
12 mamária + e estou tirando umas férias da música (...)
13 L. [mas já faz três anos que o senhor fez a cirurgia não
14 faz? (...)
15 V. [três anos que eu fiz a safena +
16 mas eu tive dois infartos nesse tempo né

Nos casos de tropeço, **A**, ou seja, os trechos que antecediam **H**, não parecem determinar mais diretamente o funcionamento das hesitações; entretanto, em **B** encontramos, na maior parte dos casos, ocorrências dos paradigmas tensionados em H. Assim, na linha 10 do segmento acima, temos:

H = "**f/**"
B = "tive que fazer uma pequena cirurgia né + quatro safena + e uma mamária + estou tirando férias da música (...)"

em que **H** se configuraria como evidência de uma tensão, principalmente, em relação a um significante de um paradigma, no caso o "f". Assim, os tropeços, de natureza reparadora, seriam pontos de ancoragem que marcam, na constituição sintagmática, uma tensão paradigmática na qual insistência do "logicamente estável" está fortemente presente. Tal funcionamento ocorre, também, nas linhas 4 e 8 do trecho abaixo:

Trecho 30 (Sujeito V., p. 133)

unesp

1 L. no caso o pai a mãe do senhor deixava:: (...)
2 V. deixava com autorização de pai e mãe com o:: autorização judicial +
3 que quatorze anos não podia e não ficava + na noite né +
4 então catou o mesmo juiz de direito + **q/ t/** quatorze anos + quinze anos eu trabalhei com
5 + com:: autorização do juiz de direito +
6 agora depois:: já era outro juiz aí não precisou mais
7 L. aí o senhor já era amigo dele
8 V. não não **m::udou** o juiz e o outro nem tocou no assunto aí eu trabalhei né + eu devo ter
9 tocado uns quarenta carnavais na minha vida

Aqui, **H** são os deslizes na linha 4 ("**q/ t/**") e o alongamento na linha 8 ("**m::udou**"). **B** seria "quatorze + quinze anos", na linha 4, e "mudou o juiz e o outro nem tocou no assunto", na linha 8, de modo que **H** se constitui na irrupção de um *outro* fonético-fonológico específico, que, fruto de uma tensão paradigmática de forte restrição aos deslizamentos do dizer, geram uma concatenação problemática em relação ao que estaria estabilizado na língua.

O mesmo podemos observar nos recortes que se seguem:

Trecho 31 (Sujeito J., p. 152)

---

1 + Marília tem **s/** quarenta e cinco mil prédios +
2 como é que pode ter:: cem cento e cinqüenta mil veículos? éh ++ mas era **era era cho –**
3 chocante viu ++ mas eu **ch** - cheguei lá + hoje eu não tenho (nenhuma vontade de::
4 vontade de)

---

na linha 1:

H = "**s/**"
B = "quarenta e cinco mil prédios + como é que pode ter:: cem cento cinqüenta mil veículos?";

nas linhas 2 e 3:

H = "**era era cho-**"
B = "chocante viu ++ mas eu **ch**-cheguei lá"

e na linha 3:

H = "**ch-**"
B = "cheguei lá +"

Um fator que interpretamos como peculiar aos tropeços refere-se a um dos focos de tensão que se evidencia em sua ocorrência: aquele de uma possível dificuldade de realização motora da fala. Isso porque, nos casos acima, observamos alongamentos em consoantes – fato curioso, já que a literatura descreve alongamentos somente em vogais – e deslizes – marca para a qual não encontramos referência na literatura. Além desse tipos de ocorrências, observamos um caso em que esse foco se constituiu não numa concatenação de termos não esperada, mas numa omissão de parte de uma palavra:

Trecho 32 (Sujeito J., p. 146)

1 L. e o senhor chegou fazer alguma coisa assim ou não? + na oficina do senhor?
2 J. + conserto de:: principalmente de casa eu faço tudo
3 ++ conse::/ um pouco de eletrecidade + um pouco de encanamento

Nesse caso, **H** seria um alongamento ("**conse::/**") no qual, diferentemente dos outros casos anteriores de tropeços, há omissão de parte da palavra, talvez em favor da concretização material do restante do enunciado.

É com base nesses recortes que podemos caracterizar os tropeços como momentos em que a deriva está sendo contida. As hesitações desse tipo são evidências de movimentos reparadores marcados no eixo da contigüidade, na medida em que indiciam uma dificuldade paradigmática que se projeta numa concatenação de elementos não esperada.

Caracterizados cada um desses cinco subfuncionamentos das hesitações – especificações, avaliações, mudanças de orientação, retomadas e tropeços –, partiremos para o que definimos como um segundo momento de nossa análise: a observação das diferenças de ocorrência das hesitações nos dois sujeitos da análise. Tal análise será feita com base nos três fatores principais que procuramos observar, em cada um dos funcionamentos hesitativos: (a) a relação entre hesitações e a direção da deriva; (2) a relação entre hesitações e os eixos sintagmático e paradigmático envolvidos no processo lingüístico-discursivo; e, (3) a relação entre hesitações e ações, recíprocas, sujeito-linguagem diante da deriva. Para tanto, observemos os dados do Quadro 02:

unesp

QUADRO – 02 TIPOS DE FUNCIONAMENTOS HESITATIVOS						
SUB-FUCIONAMENTOS DAS HESITAÇÕES	SUB-TIPOS	Nº MARCAS SUJ. V.	% MARCAS SUJ.V.	Nº MARCAS SUJ. J.	% MARCAS SUJ.J.	TOTAL
ESPECIFICAÇÃO (ESP.)	Localização	12	17,91%	10	14,93%	22
	Identificação/Caracterização	32	47,76%	36	53,73%	68
	Pessoa	4	5,97%	9	13,43%	13
	Quantidade	3	4,48%	4	5,97%	7
	Tempo	4	5,97%	5	7,46%	9
	Estabelecimento de foco	4	5,97%	–	–	4
	Tradução/sinônimo	2	2,99%	–	–	2
	Confirmação	1	1,49%	–	–	1
	Causa e efeito	5	7,46%	3	4,48%	8
	total de ESP.	67	62,04%	67	44,08%	–
AVALIAÇÃO (AVAL.)	Volta-se para o seu próprio discurso	2	33,33%	2	28,57%	4
	Volta-se para o discurso do interlocutor	3	50%	4	57,14%	7
	Volta-se para situação enunciativa	1	16,6%	1	14,29%	2
	total de AVAL.	6	5,56%	7	4,61%	–
MUDANÇA DE ORIENTAÇÃO (MUD.)	Mudança de sentido	18	100%	35	94,6%	53
	Mudança de interlocutor	–	–	2	5,4%	2
	total de MUD.	18	16,67%	37	36,18%	55
RETOMADA (RET.)	total de RET.	11	10,19%	12	17,13%	23
TROPEÇO (TROP.)	total de TROP.	6	5,56%	29	23,03%	35
TOTAL DE HESITAÇÕES	–	108	–	152	–	–

Ao caracterizarmos os tipos de especificação, observamos que, na amostra do sujeito V., as ações sujeito-linguagem de especificação envolveram uma maior variedade de noções semânticas do que aquelas do sujeito J., conforme se pode constatar no Quadro acima. Aventamos, como hipótese explicativa para essa diferença, a questão da relação entre as hesitações e o que seria uma contraparte cognitiva do processo discursivo. A fim de trabalharmos tal hipótese, lembremos, segundo a literatura biomédica, que os parkinsonianos podem apresentar um alentecimento "dos processos mentais", "alterações cognitivas" e "esquecimentos freqüentes" (cf. MELARAGNO, 1987). Retomemos, também, a tese, defendida por grande parte dos autores que se ocupam do estudo das hesitações, de que elas

estariam, de algum modo, relacionadas à cognição, em especial ao que seriam dois de seus aspectos: a memória e a produção lingüística (ver sessão **1.1** do Capítulo **I.** deste trabalho). Retomemos, ainda, o que nos dizem Greene, Lindsey e Hawn (1990) a respeito de "mensagens com mais objetivos sociais". Segundo esses autores, esse tipo de mensagem se caracterizaria por requerer uma maior capacidade de processamento para sua formulação, ou seja, um aumento do que eles chamam de demanda cognitiva. Com base nessas três noções levantadas, poderíamos relacionar a menor variedade de noções semânticas relacionadas às especificações no sujeito parkinsoniano com uma lentificação do que seria uma atividade mental-cognitiva – fator característico da degeneração cerebral causada pela doença –, contraparte importante do/no processo discursivo. O sujeito sem lesão neurológica não apresentaria, desse modo, tal lentificação – por não apresentar doenças neurológicas – e, portanto, suas ações cognitivo-lingüísticas, ou seja, ações que estariam em jogo durante a enunciação, abrangeriam uma maior variedade de noções lingüísticas, no caso semânticas, do que aquelas do sujeito parkinsoniano.

Ainda outra das diferenças observadas a partir do Quadro 02 poderia ser relacionada às ditas alterações cognitivas do parkinsonismo, a saber: a maior ocorrência de hesitações no sujeito parkinsoniano (152) do que no sujeito sem lesão neurológica (108)[69]. Assim, se as hesitações se relacionam aos aspectos entendidos como memória e produção lingüística, no sentido de haver uma relação, conforme a literatura lingüística destaca, entre uma maior ocorrência de hesitações e o aumento do que se constituiria num trabalho cognitivo durante a "produção lingüística", então, quaisquer problemas que afetem uma cognição, como é o caso da diminuição de produção de dopamina na doença de Parkinson, como ocorre para o sujeito J., poderiam funcionar como hipótese explicativa de uma maior freqüência de aparecimento do fenômeno hesitativo.

As explicações que acabamos de discutir nos permitem reafirmar a existência de uma relação entre as hesitações e o que seriam os aspectos lingüístico-cognitivos relacionados com o processo discursivo. Não poderíamos, entretanto, deixar de pontuar que a questão cognitivo-lingüística influencia, a nosso ver, o que poderíamos entender como a capacidade do sujeito de conter a deriva, ou ainda, de manter-se nos "espaços de aparência logicamente

---

[69] Outra questão que seria interessante observar é o fato de que não só o sujeito parkinsoniano tem maior ocorrência de hesitações do que o sujeito sem lesão neurológica, como essa ocorrência seria ainda maior se considerássemos o que poderíamos definir como a quantidade de conversação desse sujeito em relação à quantidade de conversação do sujeito V. O sujeito V. se estende e dá muito mais detalhes dos assuntos tematizados durante a conversação com L. do que o sujeito J., conforme se pode constatar por uma leitura das transcrições, em anexo. Deixaremos, entretanto, uma caracterização mais precisa dessa relação para outra oportunidade.

unesp

estáveis", mesmo sob a lei do "outro", que rege os processos discursivos, conforme destacam Pêcheux (1990) e Authier-Revuz (2004a). É assim que, e talvez, a ilusão subjetiva de um "eu centrado" se mostraria um pouco mais frágil. Para esclarecer ainda mais tal questão, observemos a diferença, ainda no quadro 02, em relação ao funcionamento das hesitações que caracterizamos como mudanças de orientação de sentido. Veja-se que o sujeito J. apresenta uma ocorrência significativamente maior (37 ocorrências) desse funcionamento do que o sujeito V (18 ocorrências). Lembremos que, nesse funcionamento, as hesitações evidenciam momentos em que os deslizamentos do dizer tomam lugar, e, portanto, momentos em que, ao "eu centrado", escancara-se sua condição de sujeito clivado porque ele se perde. Se consideramos que esse funcionamento centrado do eu tem uma contraparte cognitiva, problemas relacionados à "cognição" estariam, também, relacionados a dificuldades em manter a "ilusão de centro, necessária", e a maiores dificuldades de impedir a irrupção do real da língua.[70] Assim, portador de uma doença neurológica que, segundo descrições da literatura, se caracteriza por alterações mentais e cognitivas, o sujeito J. apresenta uma maior ocorrência de hesitações que evidenciam uma abertura para a deriva – conferir Quadro 03 abaixo –, ou seja, o ponto de ancoragem em que se constitui as hesitações não é suficiente como ponto de apoio para que J. contenha a materialização de "outros" dizeres:

QUADRO – 03 RELAÇÃO ENTRE HESITAÇÕES E DIREÇÃO DA DERIVA

sujeito V.	**ESPECIFICAÇÃO**	**AVALIAÇÃO**	**MUDANÇA DE ORIENTAÇÃO**	**RETOMADA**	**TROPEÇO**	**TOTAL**
Abertura para deriva		6	18			24
Contenção de deriva	67			11	6	84
sujeito J.	**ESPECIFICAÇÃO**	**AVALIAÇÃO**	**MUDANÇA DE ORIENTAÇÃO**	**RETOMADA**	**TROPEÇO**	**TOTAL**
Abertura para deriva		7	37			44
Contenção de deriva	67			12	29	108

[70] Não pretendemos, de modo algum, definir qual desses aspectos discursivos, o cognitivo ou a dificuldade de manter um eu centrado, é causa e qual seria efeito. Estamos tomando esse cuidado uma vez que postulamos, logo

Por outro lado, não podemos também perder de vista que ambos os sujeitos apresentaram uma maior ocorrência de hesitações associadas à efetivação do impedimento dos deslizamentos do dizer, conforme o Quadro 03 acima. Tal dado nos leva a argumentar que as hesitações se constituem, segundo teorizamos na sessão **1.3** do capítulo **I.**, em pontos de ancoragem nos quais, diante da possível irrupção dos "outros", o sujeito se apóiam na tentativa de conter a deriva, embora nem sempre tal contenção se efetive.

Observamos, ainda, quanto aos outros dois fatores (b e c) que propusemos analisar, semelhanças e diferenças entre os sujeitos. Quanto ao que se constituiria num funcionamento paradigmático/sintagmático do discurso e, portanto, das hesitações, vejamos os dados expostos no Quadro 04:

QUADRO – 04 RELAÇÃO ENTRE HESITAÇÕES E OS EIXOS DO DISCURSO

sujeito V.	**ESPECIFICAÇÃO**	**AVALIAÇÃO**	**MUDANÇA DE ORIENTAÇÃO**	**RETOMADA**	**TROPEÇO**
Similaridade	67	6	9	11	
Contigüidade e Similaridade			9		6
sujeito J.	**ESPECIFICAÇÃO**	**AVALIAÇÃO**	**MUDANÇA DE ORIENTAÇÃO**	**RETOMADA**	**TROPEÇO**
Similaridade	67	7	19	12	
Contigüidade e Similaridade			8		29

Observamos, acima, uma predominância de ações sujeito-língua no que seria o eixo paradigmático, ou das similaridades, tanto para o sujeito parkinsoniano quanto para o sujeito sem lesão neurológica. As hesitações parecem estar, desse modo, mais envolvidas com as seleções de elementos lingüístico-discursivos, associados – segundo Saussure – na memória, do que com sua concatenação. Tal dado se direciona em favor do que entendemos, no capítulo **I.**, como sendo um dos aspectos do funcionamento hesitativo: o de evidenciar a *negociação* do sujeito com os *outros* lingüístico-discursivos que o constituem. É assim que, conforme salientamos, com apoio de Tfouni (2005), no processo discursivo se estaria, a todo momento e, destacamos, nos momentos de hesitações, renunciando a escolhas paradigmáticas – *outros* – possíveis. Entretanto, os focos de tensão lingüístico-discursiva evidenciados nas

hesitações podem projetar-se não só no eixo paradigmático, como também o podem no eixo sintagmático, fato que é destacado tanto por Saussure (1979) quanto por Jakobson (1979).

Segundo Saussure (1979), a operação que envolve o funcionamento simultâneo das formas de agrupamento lingüístico, sintagmáticas e associativas, "[...] consiste em eliminar mentalmente tudo quanto não conduza à diferenciação requerida no ponto requerido [...]" (p. 151) já que uma "idéia invoca[ria], não uma forma, mas todo um sistema latente [...] na memória. Jakobson (1979), por outro lado, destaca que o funcionamento da linguagem tem um duplo caráter. Segundo ele, "falar implica[ria] a seleção de certas entidades lingüísticas e sua combinação em unidades lingüísticas de mais alto nível lexical [...]" de modo que a combinação de unidades lingüísticas se faria em liberdade ascendente conforme a complexidade do que, em nosso trabalho, estamos chamando de subsistemas lingüísticos.

É com base no que apontam esses dois autores, e na observação do funcionamento dos tropeços e das mudanças de orientação que envolvem interrupções sintagmáticas, que salientamos o fato de que, embora tenhamos destacado, no funcionamento dos tipos hesitativos, sua atuação predominante numa das duas solidariedades lingüísticas, as associativas, as hesitações envolvem ações recíprocas sujeito-linguagem nos dois eixos discursivos. No caso dos tropeços e das mudanças de orientação de sentido com interrupções sintagmáticas, uma/algumas das renúncias paradigmáticas se projeta no eixo sintagmático, ou seja, há materialização de mais de uma das escolhas paradigmáticas possíveis.

Nossos dados dão evidências, ainda, de que essas "escolhas", que entenderemos como momentos de tensão lingüístico-cognitiva, evidenciadas nas hesitações, se dariam nos diversos subsistemas lingüísticos, e, como hipotetizamos, com predominâncias diferenciadas. Os tropeços, por exemplo, parecem se constituir numa evidência de um funcionamento hesitativo que teria como foco de tensão – entenda-se, tensão significado/significante – aspectos referentes ao subsistema fonético-fonológico. As especificações parecem indiciar tensões lexicais. As mudanças de orientação de sentido que geram interrupções na concatenação de elementos lingüístico-discursivos parecem ter como foco de tensão, predominante, aspectos sintático-semânticos, enquanto que as mudanças de orientação sem interrupção na seqüência lingüística, as avaliações e as retomadas parecem, por outro lado, evidenciar conflitos semânticos. Com base nesses dados, e lembrando que nosso olhar priorizou a língua como *outro*, argumentamos a favor da tese de que o que seriam momentos, de tensão, organizadores dos "outros" dizeres não envolve somente "escolhas" lexicais ou sintáticas, mas sim todos os subsistemas lingüísticos, sendo suas diferenças marcadas, nas hesitações, por uma predominância de um e/ou outro(s) desses subsistemas. Nesse sentido,

unesp

Saussure (1979) destaca que o procedimento que faz intervir grupos associativos para fixar uma escolha, "[...] governa as mínimas unidades e até mesmo os elementos fonológicos, quando estão revestidos de um valor" (p. 151). Desse modo, o funcionamento dos tropeços, que, mais evidentemente, envolve um subsistema fonético-fonológico, dá evidências do que seria uma integração, no processo discursivo, e na hesitação, dos diversos subsistemas lingüísticos. Argumentamos, novamente, que cada um dos tipos de hesitação que enumeramos estaria funcionando predominantemente num ou noutro desses subsistemas, sem, entretanto, ignorar que os outros subsistemas lingüísticos estariam necessariamente em processo durante qualquer atividade enunciativa.

Voltemos-nos a uma diferença entre as hesitações dos dois sujeitos, V. e J., depreendidas, ainda, a partir do Quadro 04. O sujeito J. apresenta um número significativamente maior (29) de hesitações do tipo tropeços do que o sujeito V. (6). Ainda com base na hipótese de que as hesitações funcionam nos diversos subsistemas lingüísticos, envolvendo o que seria um aspecto cognitivo na linguagem, recuperamos, na busca de uma possível explicação para tal diferença, o que afirma a literatura sobre parkinsonismo, a respeito do que se constitui um dos principais sintomas do parkinsonismo: as alterações motoras. Em nosso caso específico, interessa-nos a descrição da repercussão desse sintoma no que os autores entendem como fala: alterações, de base motora, na fonação e na articulação (UZIEL, BOHE, CADILHAC et al 1975; LONGEMAN FISHER, BOSHES et al 1978; SCOTT e CAIRD, 1983; FENTON, SHAIN`SCHLEY e NIIMI, 1982; ZWIRNER, MURRY, WOODSON, 1991; HOFMAN e STREIFLER, 1984). Baseando-nos nisso que é entendido como uma dificuldade motora de realização da fala, e que entenderemos como uma das contrapartes que integram o funcionamento lingüístico, hipotetizamos que a maior ocorrência de tropeços em J. se deva também a uma dificuldade de realização dos movimentos motores, sem ignorar, é claro, sua integração, principalmente, com o subsistema fonético-fonológico e, portanto, com uma contraparte cognitiva. Assim, um outro domínio em foco envolvido na ocorrência das hesitações seria a contraparte motora do subsistema fonológico. Afirmamos tal possibilidade, observando, também, aqueles momentos de tropeço do sujeito parkinsoniano em que havia tremores de fala, em que ocorriam o que classificamos como deslizes, em que os alongamentos ocorriam em segmentos consonantais e num caso interessante de omissão de parte de uma palavra (recorte referente ao trecho 32).

unesp

Antes de finalizarmos esta sessão, passemos à caracterização das ações sujeito-língua evidenciadas nas hesitações[71], aspecto (c), cujo funcionamento é integrado aos anteriores. Como podemos observar no Quadro 05 abaixo, as hesitações têm um funcionamento que evidencia atitudes predominantemente antecipatórias nos dois sujeitos, conforme nos havia adiantado Hilgert (2001), para quem as hesitações seriam marcas projetivas:

Quadro – 05 RELAÇÃO ENTRE HESITAÇÕES E AÇÕES SUJEITO-LÍNGUA

sujeito V.	ESPECIFICAÇÃO	AVALIAÇÃO	MUDANÇA DE ORIENTAÇÃO	RETOMADA	TROPEÇO
Antecipatória	67	6	9		
Reparadora			9	11	6
sujeito J.	ESPECIFICAÇÃO	AVALIAÇÃO	MUDANÇA DE ORIENTAÇÃO	RETOMADA	TROPEÇO
Antecipatória	67	7	19		7
Reparadora			8	12	22

Hilgert (2001) não se atentou, entretanto, para a possibilidade de um funcionamento de retrospecção nas/das hesitações, funcionamento que acreditava diferenciar paráfrases e correções. Mas, conforme os dados, aquelas mudanças de orientação que se constituíam em interrupção de elementos lingüísticos, as retomadas e a maior parte dos tropeços (momentos em que as tensões lingüístico-discursivas se projetaram no eixo sintagmático) provocaram ações sujeito-língua reparadoras: o sujeito, diante de um ponto de deriva que se materializou, esforça-se em "realinhar" o dizer na direção indicada por normatizações sócio-históricas, reparando aquilo que poderia ser visto como um lapso, um ponto de deriva.

As semelhanças entre o funcionamento do fenômeno hesitativo nos sujeitos parkinsoniano e sem lesão neurológica apontadas acima – (1) as hesitações ocorrem, em sua maioria, em momentos nos quais a deriva é efetivamente contida; (2) as hesitações

[71] Estamos nos referindo, com "atitudes do sujeito falante" à atuação sujeito-língua nos espaços socialmente mais estabilizados do dizer. Não estamos, entretanto, deixando de levar em conta o fato de que a língua/linguagem também exerce uma ação sobre o sujeito, ao contrário, o que estamos colocando em causa são justamente aqueles momentos em que a língua/linguagem captura o sujeito e este tenta capturá-la.

unesp

evidenciam tensões predominantemente no eixo paradigmático do funcionamento lingüístico; (3) as hesitações marcam tensões que predominam num ou noutro(s) dos subsistemas lingüístico-discursivos; (4) as tensões evidenciadas pelas/nas hesitações podem se projetar no eixo sintagmático do discurso; (5) as hesitações evidenciam atitudes predominantemente antecipatórias do sujeito "frente" à deriva –, fundamentam nossa hipótese inicial:

(I) de que o fenômeno hesitativo se constitui em marcas da negociação com *outros* constitutivos do sujeito e do discurso;

(II) de que as marcas de hesitação são, ao mesmo tempo, ponto de deriva e ponto de ancoragem, uma vez que as ações recíprocas sujeito-linguagem movimentam-se, sob a lei do outro, em espaços "logicamente estáveis";

Essas semelhanças mostraram, ainda, algumas questões mais específicas do funcionamento hesitativo:

(A) o processo hesitativo envolve tensões que seriam mais características do eixo paradigmático da conversação, tensões essas que, entretanto, também poderiam se projetar em concatenações não esperadas de elementos lingüísticos;

(B) as tensões marcadas nas/pelas hesitações se dariam nos diversos subsistemas lingüístico-discursivos, sendo que, geralmente, um ou outro(s) deles pode ser visto como foco (domínio) da negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva;

(C) as hesitações funcionam, predominantemente, como pontos de ancoragem que evidenciam atitudes antecipatórias do sujeito em relação à materialização de pontos de deriva, mas, com menor freqüência, essas atitudes podem ser reparadoras.

No entanto, também as diferenças de ocorrência das hesitações entre as amostras de conversação dos dois sujeitos – (1) a maior variedade de noções semânticas envolvidas nas especificações do sujeito sem lesão neurológica (V.) em comparação com aquelas do sujeito parkinsoniano (J.); (2) a maior ocorrência de hesitações no sujeito J. do que no sujeito V.; (3) a maior ocorrência de abertura para a deriva no sujeito parkinsoniano; e, (4) o maior número de tropeços encontrados na amostra de J. –, trouxeram à luz uma questão importante relacionada ao funcionamento hesitativo: a evidência da integração, na enunciação, daquilo que, na literatura sobre o parkinsonismo, se chama de aspectos motores, cognitivos e lingüísticos, vistos como independentes na doença.

Apresentados os resultados de nossa análise, em meio a outros que, embora considerados relevantes, devido ao escopo deste trabalho, não serão detalhados, reafirmamos que as hesitações são marcas "heterogêneas" da heterogeneidade constitutiva do discurso, que se constituem em pontos de tensão que põem em jogo vários aspectos lingüístico-discursivos,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

e, inclusive, a integração desses aspectos. Com base nisso que seria uma das contribuições de nosso trabalho para o estudo das hesitações e do parkinsonismo, passaremos, na próxima sessão, a discorrer, brevemente, sobre o que entendemos como contribuições e limitações deste estudo, no sentido daquilo que ainda há por pesquisar.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo destacando as contribuições dos trabalhos sobre hesitação e, num outro momento, apresentamos as principais manifestações clínicas da doença de Parkinson – tais como descritas pela literatura especializada. Observamos, nesse tipo de literatura, concepções em que: (1) produto e processo discursivo estão desvinculados; (2) as descrições sobre linguagem são restritas ao que seria seu aspecto "cognitivo" – na literatura lingüística – ou "motor" – na literatura sobre parkinsonismo: e (3) um sujeito livre se movimentaria em espaços discursivos convencionais – na literatura lingüística – ou estaria determinado por sua condição patológica e restrito a ela – na literatura biomédica. Como contraponto a essas concepções, apresentamos, na sessão **1.3** do capítulo **I.**, com a contribuição de trabalhos baseados na Análise do Discurso de linha francesa, a proposta de um outro olhar sobre o fenômeno hesitativo, o que consideramos uma das principais colaborações de nosso trabalho: argumentamos que as hesitações se constituiriam em pontos de deriva/ancoragem, lugar da negociação do sujeito com os outros constitutivos da linguagem, em que se evidenciariam diferentes focos de tensão lingüístico-discursiva.

Ao apresentarmos as contribuições dos trabalhos sobre hesitação e as descrições sobre o parkinsonismo, observamos, ainda, por diversas vezes, uma série de dissociações entre o que se poderia entender como fatos lingüísticos, fatos cognitivos e fatos motores. Uma vez que vimos a necessidade de repensarmos as concepções de linguagem subjacentes a esses trabalhos, o que foi feito no capítulo **I.**, em **1.2** e **1.3**, retomaremos, brevemente, essas dissociações e destacaremos como nosso estudo comparativo sobre o processo hesitativo pode contribuir para a desconstrução dessas dissociações e como ele pode contribuir para exemplificar nossa proposta sobre o funcionamento hesitativo, respondendo àquelas indagações feitas durante a apresentação deste trabalho, a saber:

(a) os aspectos referentes à chamada realização motora da fala poderiam, também, além dos chamados aspectos cognitivos, estar relacionados à ocorrência de hesitações?

(b) decorrente de (a), haveria outros aspectos, além dos entendidos como cognitivos e interacionais, descritos pela literatura, envolvidos na ocorrência das marcas de hesitação no discurso?

(c) como se poderia estabelecer uma relação entre os diferentes fatores que concorrem na/para a ocorrência de marcas de hesitação?

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

A literatura lingüística sobre hesitações destaca, conforme vimos, que as hesitações seriam determinadas por "processos cognitivos". Assim, segundo Henderson, Goldman-Eisler e Skarbek (1966), "se o planejamento ocorre na fala espontânea e se essa atividade cognitiva continua nas hesitações no interior do fluxo da fala espontânea, então, um padrão [de fala] representaria bem o arcabouço cognitivo subjacente ao [seu] *output* final [...]" (p. 210). Observamos que, nesses estudos, além disso que se chama "arcabouço cognitivo" se referir estritamente a questões que os autores pontuam como planejamento, elaboração ou mesmo codificação da fala/escrita[72], a "cognição" não estaria envolvida em outras ou com outras atividades, como as emocionais e interacionais: segundo Goldman-Eisler (1961), por exemplo, as pausas preenchidas, diferentemente das pausas não-preenchidas, parecem não ser estimuladas por aspectos cognitivos, mas sim por aspectos interacionais. Williams e Wood (1967), por outro lado, destacam uma determinação das hesitações por questões emocionais. Permeia, desse modo, as explanações dos autores, a não integração entre aspectos que seriam cognitivos, interacionais, emocionais e lingüísticos, afora a restrição da noção de cognição à de codificação/decodificação lingüística.

Com efeito, pudemos verificar em nossa análise que os momentos de hesitação se dão num ponto de encontro do cruzamento de fatores que a literatura entende como lingüísticos, cognitivos e motores – bem como, e talvez, emocionais e interacionais[73]. Não nos esquecendo de que os parkinsonianos apresentam, em função do processo neurodegenerativo, alterações de memória e lentificação de processos mentais – entendidos pela literatura como alterações cognitivas – e alterações motoras (rigidez muscular, dificuldade de iniciar movimentos, tremores) – que se manifestariam por alterações do que seriam aspectos articulatórios da fala –, é que argumentamos a favor de que a ocorrência de maior número de hesitações no sujeito parkinsoniano do que no sujeito controle e a maior freqüência de tropeços no sujeito J. do que no sujeito sem lesão neurológica constituem fatos que reforçam essa integração, e que respondem à questão (a). Nossa diferença em relação à literatura especializada é, portanto, que entendemos que os aspectos tidos como cognitivos, motores,

[72] Esses termos, a nosso ver, destacam uma ação que se processa em um único sentido, de um sujeito que manipula um objeto língua. Em nossa perspectiva, proposta feita em **1.3**, destacamos outro modo de relação sujeito-língua/linguagem, aquela que se processa com ações recíprocas das partes em relação.

[73] Embora não tenhamos destacado as contrapartes emocional e interacional como focos de tensão evidenciados na ocorrência do fenômeno hesitativo durante a análise dos recortes, acreditamos que um olhar mais detalhado sobre os dados poderia destacar esses e, provavelmente, outros domínios das hesitações. Um exemplo disso são os casos de mudanças de orientação, especificamente as mudanças de interlocutor ou os casos de avaliação, em que há uma projeção de sentidos baseada no interlocutor, nos quais poderíamos destacar uma contraparte interacional do processo hesitativo.

unesp

interacionais e emocionais são constitutivos do processo hesitativo e funcionam de modo, necessariamente, integrado.

Outra dissociação observada, mais especificamente nos autores que estudam as hesitações, é aquela dos subsistemas lingüístico-discursivos. A maioria dos trabalhos estrangeiros sobre hesitação buscava caracterizar cada um dos tipos de marcas de hesitação, o que os levava a conclusões sobre a existência de uma relação dessas marcas: com aspectos lexicais ou emocionais (entre outros, GOLDMAN-EISLER, 1956 e 1958; TANNEMBAUM, WILLIAMS e WOOD, 1967); com aspectos gramaticais/sintáticos ou lexicais (WILLIAMS e HILLIER, 1965; RUDER e JENSEN 1972); com aspectos sintáticos ou semânticos (BEATTIE, 1979; TAYLOR, 1969); com aspectos interacionais (THUAN, 1983; GREENE, LINDSEY e HAWN, 1990); com aspectos metalingüísticos (ILLES e NEPOULOUS, 1986; AL-ARISHI, 1996); com aspectos prosódicos (HAWKINS, 1971; VOSS, 1979). Vimos que essas referências não sustentam, nos trabalhos, uma integração entre os diversos aspectos que se evidenciam e as hesitações. Mesmo os trabalhos de Marcuschi (1999 e 2004) – autor, representante da abordagem textual interativa, que trabalha na busca de uma caracterização das hesitações –, nos quais ele argumenta em favor do envolvimento de aspectos de diferentes naturezas, tais como os prosódicos e os sintático-gramaticais – tanto que o autor divide as marcas hesitativas em prosódicas e outros tipos e, ainda, divide suas explicações em "aspectos cognitivos", "aspectos formais" e "aspectos interacionais" – não se preocuparam em ressaltar as integrações entre esses aspectos na caracterização das hesitações. Assim é que, com base na literatura, vemos as hesitações como um processo "multideterminado". Entretanto, diferimos no modo de observação, disso que seria um funcionamento "multideterminado", em relação à abordagem textual-interativa em especial, porque partimos do ponto de integração dos aspectos que estão envolvidos no funcionamento hesitativo. Tal integração se evidenciou em nossa proposta de olhar as hesitações como um processo discursivo, o que serviu de base para analisarmos, nos dados, as especificidades desse processo de um ponto que as articulava. Desse modo, entendemos, com a análise dos dados, (1) que as hesitações têm uma *tendência* para se constituírem em pontos de efetivação da contenção da deriva, (2) que elas envolvem um funcionamento *predominantemente* paradigmático e (3) que as ações sujeito-linguagem *tendem* a antecipar-se à materialização da deriva. E, ainda dessa perspectiva, observamos que haveria diferentes domínios de funcionamento do fenômeno hesitativo, ou seja, os focos de tensão evidenciados nas hesitações variariam entre os aspectos integrados em seu funcionamento. Dessa maneira, o subsistema lexical, como foco de negociação, caracterizaria as especificações, o subsistema sintático-semântico caracterizaria as mudanças de orientação

unesp

de sentido e as retomadas, mais especificamente o subsistema semântico se constituiria em foco de tensão nas avaliações e, por fim, o subsistema fonético-fonológico tensionaria na/a ocorrência de tropeços. Veja-se que trabalhamos no campo das predominâncias, o que significa que, ao pontuarmos o domínio de alguns modos de hesitação, não estamos deixando de considerar a tensão dos/nos outros subsistemas integrados; somente estamos estabelecendo o foco das renúncias significado/significante durante a negociação, na enunciação, sujeito-linguagem.

Descartamos, então, a possibilidade de observar as hesitações sem considerar uma integração dos aspectos lingüístico-discursivos que são colocados em jogo; apresentamos, em contrapartida, uma possibilidade de responder à questão sobre o tipo de relação entre esses diversos fatores que estariam em processo durante o funcionamento hesitativo. Assim, no fenômeno hesitativo, há um funcionamento integrado dos subsistemas lingüístico-discursivos e de suas contrapartes cognitiva e motora, de modo que as diferenças na ocorrência de hesitações estão relacionadas a tensões que predominam numa ou noutra das regiões em integração.

A partir da análise de nossos dados, destacamos, por fim, o fato de que não só a análise comparativa de dados da conversação de um sujeito parkinsoniano e de outro sem doença neurológica permitiu propor um funcionamento discursivo para as hesitações, como nos levou a repensar a forma como as alterações lingüísticas são abordadas na literatura especializada, buscando uma integração do sujeito e de sua condição, no caso, discursiva. Partindo dessa integração, reafirmamos o estatuto de contribuição de nossa forma de coleta de dados – gravações de sessões de conversação – em relação às coletas predominantes na literatura lingüística e na literatura biomédica – situações enunciativas extremamente controladas. Afirmamos a necessidade de se observar a relação sujeito-linguagem – inclusive (e principalmente em condições patológicas) em situações dialógicas.

Embora as contribuições que apontamos nos pareçam significativas, sabemos da necessidade de se empreenderem outros estudos visando um maior embasamento teórico-prático das questões que levantamos. Há dados que poderiam, nesse sentido, ser explorados, tais como as relações entre os tipos de marcas hesitativas e aqueles tipos de subfuncionamento hesitativo que delimitamos e, ainda, aquelas marcas de hesitações nas quais pudemos observar mais de um subsistema lingüístico tensionando na/para sua ocorrência, ou seja, em que localizamos mais de um subfuncionamento hesitativo. Esses dados não foram explorados em virtude do escopo deste trabalho e em virtude das limitações de tempo para se concluir uma dissertação de mestrado. Destarte, este trabalho constitui um primeiro esforço para se

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

visualizarem as hesitações como processo discursivo – fato que nos permite vislumbrar a necessidade de se empreenderem outras pesquisas sobre o fenômeno hesitativo.

BIBLIOGRAFIA

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido.Tradução de Marlene Teixeira. Revisão de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. cap. 1.

AL-ARISHI, Ali Yahya. Subsequences of Self-initiated Self-repair Repetition in the Speech of Arab EFL Students. **Review of applied linguistics**, [S.l.], n. 113-114, p. 221-44, 1996.

ALVES, Maria Isolete P. M.; CASTRO, Maria Guadalupe de. O fenômeno da hesitação na língua falada. **Anais de seminários do Gel**, São Paulo, v. 1, p. 485-492, 1994.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: _____.Estética da criação verbal.Tradução de Maria Ermantina Galvão. Revisão Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. cap. 3.

BARBOSA, Egberto Reis. Parkinsonismo. **Revista Brasileira de Neurologia**, [São Paulo], v.25, n. 1, p. 27-32, 1989.

BARBOSA, Egberto Rei et al. Disfunções Neuropsicológicas da Doença de Parkinson: estudo de 64 casos. **Arquivo de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 109-118, 1987.

BARROS, Diana Luiz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino. (Org.). **Análise de Textos Orais**. 5. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. cap. 6.

BEATTIE, Geoffery W. Planning units in spontaneous speech: some evidence from hesitation in speech and speaker gaze direction in conversation. **Linguistics**, [S.l.], v. 17, n. 1/2, p. 61-78, 1979.

BINE, Jill E.; FRANK, Elaine M; MacDADE, Hiram L. Dysphagia and dementia in subjects with Parkinson's disease. **Disphagia**, [New York], v. 10, p. 160-164, 1995.

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino. (Org.). **Análise de Textos Orais**. 5. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. cap. 9.

CHACON, Lourenço. **Relação entre aspectos motores e cognitivos nas dificuldades de linguagem de Parkinsonianos**. Veredas, Juiz de fora (UFJF), v.6, n. 1, p. 141-152, 2002.

_____. e SCHULZ, Geralyn. Duração de pausas em conversas espontâneas de Parkinsonianos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 39, p. 51-71, jul./dez. 2000.

CHAFE, Wallace. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. In: LI, C. **Subject and topic**. New York: Academic Press, p. 26-55, 1976. cap. 2.

COUDRY, Maria Irma Hadler. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

FÁVERO, Leonor Lopes. Processos de formulação do texto falado: a correção e a hesitação nas elocuções formais. In: PRETI, Dino. (Org.). **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999. cap. 6.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

FENTON, Elaine; SCHLEY, W. Shain; NIIMI, Seiji. Vocal Symptoms in Parkinson Disease Treated With Levedopa: a case report. **An. otol.**, New York, v.1, p. 119-121, 1982.

FERRAZ E FERRAZ, Maria da Graça Chamma. Noções básicas de psicanálise freudiana. In: _____. **Sujeito psíquico e sujeito lingüístico**: uma introdução à psicopatologia aplicada à fonoaudiologia. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2001. cap. 1.

FIRBAS, Jan. Some aspects of the czechoslovak approach to problems of functional sentence perspective. In: Danes, F. (Ed.). **Papers on functional sentence perspective**. Prague: Academic Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, p. 11-37, 1974.

GOLDMAN-EISLER, Frieda. The determinants of the rate of speech output and their mutual relations. **Journal of psychosomatic research**, London, v. 1, p. 137-143, 1956.

_____. Speech production and the predictability of words in context. **Quarterly jornal of experimental psychology**, London, v. 10, p. 96-106, 1958a.

_____. The predictability of words in context and the length of pauses in speech. **Language and speech**, London, v. 1, p. 226-31, 1958b.

_____. A comparative study of two hesitation phenomena. **Language and speech**, London, v. 4, n. 1, p. 18-26, Jan./Mar. 1961.

GREENE, John O.; LINDSEY, A. E.; HAWN, John J.. Social goals and speech production: effects of multiple goals on pausal phenomena. **Journal of language and social psychology**, Indiana 47907, USA, v. 9, n. 1-2, p. 119-134, 1990.

HAWKINS, P. R. The syntactic location of hesitation pauses. **Language and speech**, [S.l.], p. 277-88, 1971.

HENDERSON, Alan; GOLDMAN-EISLER, Frieda; SKARBEK, Andrew. Sequential temporal patterns in spontaneous speech. **Language and speech**, London, v. 9, n. 4, p. 207-216, Sep./Dec. 1966.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino. (Org.). **Análise de Textos Orais**. 5. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. cap. 5.

HOFMAN, S. e STREIFLER, M. Disorders of verbal expression in parkinsonism. **Advances in Neurology**, New York, v. 40, p. 385-93, 1984.

ILLES, Judy; NESPOULOUS, Jea-Luc; LECOURS, André R. Hesitation patterns in neologistic jargonaphasia: a longitudinal study. **La Linguistique**, Montreal, v. 22, n. 2, p. 75-93, 1986.

JAKOBSON, Roman. Lingüística e Poética. In: JAKOBSON, Roman. Lingüística e Comunicação. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1975a, p. 118-162.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, Roman. Lingüística e Comunicação. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1975b, p. 34-62.

JERNUDD, Björn H.; THUAN, Elizabeth. Control of language though correction in speaking. **Int'l soc. lang**, [Amsterdam], v. 44, p. 71-97, 1983.

JONES, Pauline A. Elaborated speech and hesitation phenomena. **Language and speech**, [Newfoundland], p. 199-203, 1974.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. A perspectiva textual interativa. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. **Gramática do português falado**: construção do texto falado. 2004. No prelo.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza. Atividade de composição do texto falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. e BASÍLIO, M. (Org.) **Gramática do Português Falado**: estudos descritivos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996, p. 379-410.

LENINE. A ponte. Lenine e Lula Queiroga [Compositores] In: _____. O dia em que faremos contato. Produção: Chico Naves, [S.l.]: BMG/Ariola, p1997.1 CD (52 minutos). Faixa 1.

LEVIN Harry; SILVERMAN, Irene. Hesitation phenomena in children's speech. **Language and speech**, [S.l.], p. 67-85, 1965.

LIMONGI, J. C. P. Principais sintomas, causas e formas clínicas. In: _____. (Org.) **Conhecendo melhor a Doença de Parkinson**: uma abordagem multidisciplinar com orientações práticas para o dia-a-dia. São Paulo: Plexus Editora, 2001. cap. 1.

LOGEMANN, J. A et al. Frequency and co-occurrence of vocal tract dysfunction in the speech of a large sample of Parkinson patients. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 43, p. 47-57, 1978.

MACHADO, Ângelo B. M. **Neuroanatomia funcional**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1993.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **O alongamento da vogal na produção textual falada**. UFPE, 1994. No prelo.

_____. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, Dino. (Org.). **Estudos de língua falada**. 2. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999a. cap. 1.

_____. A hesitação. In: NEVES, Maria Helena Moura (Org.). **Gramática do português falado**: novos estudos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1999b, p. 159-194.

_____. Fenômenos Intrínsecos da Oralidade: a hesitação. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. **Gramática do português falado**. 2004. No prelo.

MARSHALL, Robert C.; TOMPKINS, Connie A. verbal self-correction behaviors of fluent and nonfluent aphasic subjects. **Brain and language**, [Portland], v. 15, n. 2, p. 292-306, 1982.

MELARAGNO FILHO, Roberto. Parkinsonismo e demência. **Revista de Assistência Médica do Brasil**, São Paulo, v. 33, n. 1-2, p. 29-35, 1987.

MONTEIRO, Wilma. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e UNOEST. **Doença de Parkinson**: manual para parkinsonianos e seus familiares. 2. ed. Presidente Prudente, 1997, 85p.

NASCIMENTO, Julyana Chaves. Hesitações: algumas considerações sobre seu funcionamento discursivo. In: V SIMPÓSIO EM FILOSOFIA E CIÊNCIAS. 2003, Marília. **Resumos...** Marília: Unesp Marília Publicações, 2003b.

_____. Aspectos discursivos das hesitações na atividade verbal de parkinsonianos. **Revista do Gel**, Taubaté, 2003a.

NOOTEBOOM, Sieb G. Speaking and unspeaking: detection and correction of phonological and lexical errors in spontaneous speech. In: FRONKIM, Victoria A. **Errors in linguistic performance**. New York: [s.n.], 1980. cap. 6.

OLIVEIRA, Elaine Cristina. **Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos Parkinsonianos. 2003,** 177f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" , São José do Rio Preto.

_____. e CHACON, Lourenço. Aspectos prosódicos da fala de sujeitos Parkinsonianos. **Alfa,** São Paulo, n. 43, p. 203-228, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. cap. 3.

PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b. cap. 4.

PRETI, Dino. A linguagem dos idosos: o fenômeno da hesitação. **Anais de seminários do Gel**, Franca, v. 2, p. 1132-140, 1992.

_____. Alguns problemas interacionais da conversão. In: PRETI, Dino (Org). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002. cap. 2.

_____. e URBANO, Hudinilson. (Org.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo.** São Paulo: T. A. QUEIROZ, EDITOR/FAPESP, 1988.

RAGSDALE, J. Donald; SISTERHEN, Daniel H. Hesitation phenomena in the spontaneous speech of normal and articulatory-defective children. **Language and Speech**, [S.l.], v. 27, n. 3, p. 235-44, 1984.

ROBBINS, Jo Anne; LOGEMANN, Jerelyn, A ,KIRSHNER, Howard S. Swallowing and speech production in Parkinson's disease. **Ann. neurol.**, [Madison], v. 19, p. 283-287, 1986.

RUDER, Kenneth F.; JENSEN, Paul J. Fluent and hesitation pauses as a function of syntactic complexity. **Journal of speech and hearing research**, Florida, v. 15, p. 49-60, 1972.

SAUSSURE, Ferdinand de. Relações sintagmáticas e relações associativas. In: _____. **Curso de Lingüística Geral**. 7. ed. São Paulo, 1979a. cap. 5.

SAUSSURE, Ferdinand de. Mecanismo da Língua. _____. **Curso de Lingüística Geral**. 7. ed. São Paulo, 1979b. cap. 6.

SCHLENCK, Klaus-Jürgen; HUBER, Walter; WILLMES, Klaus. "Prepairs" and Repairs: Different Monitoring Functions in Aphasic language Production. **Brain and language**, [Germany], v.30, n. 2, p. 226-44, 1987.

SCLIAR-CABRAL, Leonor; MARTIM, Erotilde Goreti P.; CHIARI, Maria Brasília. Fenômenos de pausa e hesitação em língua portuguesa. In: IV ENCONTRO NAICONAL DE LINGÜÍSTICA, 1981, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PUCRJ, 1981, p. 124-141.

SCLIAR-CABRAl Leonor e RODRIGUES, Bernadete Biasi. Discrepâncias entre a pontuação e as pausas. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 26, p. 63-77, jan./jun. 1994.

unesp

SCOTT, Sheila; CAIRD Fi.; WILLIAMS, Bo. Speech therapy for Parkinson's disease. **Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry**, [S.l.], v. 46, p. 140-144, 1983.

SILVA, Luiz Antônio da. Interação conversacional e assalto ao turno. **Anais de seminários do Gel**, São Paulo, v. 2, p. 1343-1350, 1994.

SILVA, Amauri Batista da. Doença de Parkinson e Demência. **Revista Brasileira de Neurologia**, [Brasília], v. 20, n. 4, p. 95-98, 1984.

SMALL, Jeff A..; LYONS Kelly; KEMPER, Susan. Grammatical abilities in Parkinson's disease: evidence from written sentences. **Neuropsycologia**, Kansas, USA, v. 35, n. 12, p. 1571-1576, 1997.

TANNENBAUM, Percy H.; WILLIAMS, Frederick; HILLIER, Carolyn S. Word Predictability in the Environments of Hesitations. **Journal of verbal learning and verbal behavior**, [S.l.], v. 4, p. 134-40, 1965.

TANNENBAUM, Percy H.; WILLIAMS, Frederick; WOOD, Barbara S. Hesitation phenomena and related encoding characteristics in speech and typewriting. **Language and speech**, [S.l.], p. 203-15, 1967.

TAYLOR, Insup. Content and Structure in Sentence Production. . **Journal of verbal learning and verbal behavior**, [Canada], v. 8, p. 170-175, 1969.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Autoria**: uma proposta para contornar a questão da dicotomia ora/escrito. Revista da ANPOLL. No prelo.

TREE, Jean E. Fox. The Effects of False Starts and Repetitions on the Processing of Subsequent Words in Spontaneous Speech. **Journal of memory and language**, [S.l.], v. 34, p. 709-738, 1995.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino. (Org.). **Análise de Textos Orais**. 5. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. cap. 4.

UZIEL, A.; BOHE, M.; CADILHAC, J. & PASSOUANT P. Les troubles de la voix et de la parole dans les syndromes parkinsoniens. **Folia Phoniatrica**, [S.l.], v. 27, p. 166-76, 1975.

VOSS, Bernd. Hesitation phenomena as sources of perceptual errors for non-native speakes. **Language and speech**, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 129- 44, 1979.

WITT, Melodi. **Duração de pausas iniciais e extensão de turnos na atividade conversacional de parkinsonianos**. Relatório FAPESP, Processo 02/09715-8, 2003.

ZANIBONI, Lílian Fátima. **Função das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson. 2002,** 138f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto.

ZWIRNER, Petra; MURRY, Thomas; WOODSON, Gayle E. Phonatory Function of Neurologically Impaired Patients. **Journal of Communicative Disorders**, London, v. 24, p. 287-300, 1991.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

ANEXOS

Sujeito sem lesão neurológica

Legenda:

V. é o sujeito sem lesão neurológica que integra nossa análise;

L. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com V.;

Transcrição:

L. o que que o senhor vai começar contando para mim?
V. ++ ((risos)) aí é que eu não sei né
L. conta do carnaval ué + o senhor não estava falando de carnaval? + que ainda toca + de toda sua vida + de músico + não pode pensar muito
V. ++ está ligado já?
L. já já estamos conversando + ((risos)) pode contar não precisa ficar com vergonha não
V. não mas eu sempre fui músico + a vida toda + mas nunca profissional + sempre foi paralelo a um trabalho né + e no trabalho + eu fui:: + peão de boiadeiro + meu pai
L. [ãh]
era capataz de boiada + fui alfaiate + (...)
L. foi alfaiate também?
V. fui alfaiate + eu fui alfaiate de:: cinqüenta a sessenta + de sessenta a sessenta e sete + eu fui bancário
L. verdade o senhor trabalhou no banco + tinha esquecido disso
V. [trabalhei sete anos num banco + depois:: + desliguei do banco + mon/ comprei um restaurante + tive esse restaurante até setenta + e três + sempre tocando pistão +né + paralelo ao trabalho + depois entrei numa empresa de gás + trabalhei alguns anos na empresa de gás também + É
L. [que é aquela lá em:: em Gonzaga num é?]
ULTRAGÁS + lá em Gonzaga de Campos + não vou precisar o tempo senão dá mais que a minha idade né + então vamos falar um tempo + não é ((risos)) + depois::
L. [((risos))]
fui para uma empresa de carro + uma concessionária da:: Volkswagen + aonde:: + eu encerrei a minha carreira profissional + e SEMPRE + tocando pistão né
L. o senhor tocava só no carnaval?
V. não já toquei em orquestra + tive conjunto um bom tempo
L. o senhor chegou tocar na orquestra daqui da prefeitura?
V. [CHEGUEI + não na sinfônica não + eu toquei na orquestra aqui Orquestra Para Todos + era do meu amigo Reinaldo hoje já falecido + então mas uma

orquestra completa com quatro saxss três trombones três pistãos + cantor + ritmo + violão na época né + contrabaixo + antes + de ter o
L. [ãh]
denorex + o teclado que parece que é mas não é + né + então sempre na música + agora + eu f/ tive que fazer uma pequena cirurgia né + quatro safena + e uma
L. [nossa]
mamária + e:: estou tirando umas férias da música (...)
L. [mas já faz três anos que o senhor fez a cirurgia não faz?
(...)
V. [três anos que eu fiz a safena + mas eu tive dois infartos nesse tempo né
L. + ah:: mas esse eu num: num sabia
V. tive dois infartos + eu tive um cinco anos da cirurgia + esse é:: o meu:: o meu lucro +
L. [ãh]
((toca a campainha))
do cigarro a + minha vantagem de ter sido fumante né (...)
L. ah tá + seu V. parece que tem gente aí
V. que eu deixei há:: + que eu deixei há + uns vinte anos felizmente deixei de fumar + para o:: ainda + pro meu bem né + felizmente
L. mas aí no: no caso assim + o senhor tocava em barzinho também o senhor (...)
V. [tocava violão né + porque eu toco também violão
L. tudo de ouvido ou o senhor fez escola? (...)
V. não eu conheço música né/ não eu fiz escola/ na época nós estudávamos tinha + sempre os maestros das cidades pequenas né + e a cidade pequena na minha época + era:: era fábrica de músico + porque toda cidade pequena tinha sua bandinha + né
L. o senhor é + de Paulo (...)
V. [Paulo de Faria + eu sou de Barretos né + natural de Barretos + mas fui pra Paulo de Faria com oito anos + de idade né + lá que eu:: f/ fiz o curso
L. [ãh]
primário fiz um pouco do + do ginasial na época né + e:: comecei a estudar música
L. [ãhã] [ah::]
+ eu comecei a estudar música com:: cinqüenta + eu tinha o que? tinha cinqüenta/ tinha doze anos + ainda tem um fato interessante na na minha vida profissional + o primeiro carnaval que eu toquei + eu tinha quatorze anos + eu tive que pegar uma autorização judicial pra mim tocar + das dez + as duas horas da manhã
L. no caso o pai a mãe do senhor deixava:: (...)
V. deixava com autorização de pai e mãe com o:: autorização judicial + que quatorze anos não podia e não ficava + na noite né + então catou o mesmo juiz de direito + q/ t/ quatorze anos + quinze anos eu trabalhei com + com:: autorização do juiz de direito + agora depois:: já era outro juiz aí não precisou mais
L. aí o senhor já era amigo dele
V. não não m::udou o juiz e o outro nem tocou no assunto aí eu trabalhei né + eu devo ter tocado uns quarenta carnaval na minha vida
L. e está querendo voltar?
V. e estou querendo voltar agora o médico me liberou né + mas a esposa ainda não
L. mas aí o:: + ô seu V. quando o senhor toca toca a noite inteira ou reveza?
V. não + o:: baile + nós trabalhamos menos né + porque aí há um bom

L. [ãhã]
revezamento + agora carnaval nós fazemos duas e o cantor faz + aliás nós fazemos uma e o cantor faz duas + nós tocamos uma vez e ele canta duas vezes né + mas revezando também + revezando
((passa um caminhão de propaganda na rua))
L. aí o senhor cant/ + chegou a cantar também ou só (...)
V. cheguei + eu:: eu canto BEM sabe + toco violão + canto + fui um boêmio + quase
L. [modéstia à parte ((risos))]
profissional
L. o que faltou para ser profissional?
V. ah faltava registro na carteira né + ((risos)) e alguns processos por perturbação do sossego público + da noite
L. isso tudo lá em Paulo de Faria ou o senhor já estava aqui em Rio Preto?
V. eu:: + lá e aqui né + eu saí de Paulo de Faria em cinqüenta e quatro e vim pra cá + fiquei aqui alguns anos depois retornei pra Paulo de Faria + que foi quando:: eu casei né + em cinqüenta e nove + cinqüenta e nove + em sessenta eu saí neste
L. [cinqüenta e nove?]
banco que eu trabalhei
L. o senhor saiu:: de lá?
V. de Paulo de Faria + pra trabalhar neste banco né
L. [ah tá]
L. dos filhos do senhor tem + tem um que trabalhou no banco também
V. trabalha + o meu caçula trabalha::/ + o Paulo Roberto + trabalha na Caixa
L. [é o Paulo?]
Econômica Federal
L. aí tem o Paulo tem a Vivian: (...)
V. tem a Vivian e o Valdo né + Valdo Filho que é o mais velho
L. [ah:: tá]
L. e ele trabalha no que?
V. na EMBRATEL + né
L. [o Vinícius é filho (...)
V. [é o f/ o caçu/ é o mais velho e filho do Valdo né dos meus netos + seis netos + o Viní/ o Vinícius é número um né + o:: Frederico
L. [então vai]
número dois +o Guilherme:: número três + a Amanda + número quatro + a Isa/ a Marina
L. [quero ver até]
número cinco e a Isabela + número seis com três anos
L. é a loirinha?
V. é a loirinha linda aquela que está ali que você falou que parece comigo né + que eu quero um documento + registrado em cartório
L. eu não depois o senhor quer pegar ela para o senhor ((risos)) a Vivian me mata
V. não já estou pegando já tomando posse + e o mais velho que eu te falei + o Vinícius + com 17 anos + sem cursinho + passou em três universidades + São Paulo na USP
L. [que glória]
Uberlândia + que me falha o nome da universidade + e:: Londrina:: na UEL
L. lá em Londrina ele está morando como seu V.? ele está morando em república:: (...)
V. não meu filho comprou um pequeno apartamento numa região + só de universitários + são predinhos de tre::/ de três andares + e ele está morando tem dois

L. [a:i:: ele tá no céu]
quartos né + ele montou um para ele e dois ele pretende alugar + para dois colega né +
L. [ãh]
de preferência de Rio Preto e do mesmo curso
L. ele está com carro lá também ou não?
V. não não tá + não tem idade também
L. ah ele tá com dezoito (...)
V. dezessete
L. está quase dezoito
V. está
L. e assim que ele (...)
V. está com dezessete ele levou uma uma:: magrela né + bicicleta + mas tem mil metros do do:: do apartamento dele na universidade (...)
((som de carro buzinando))
L. quero ver na hora que ele começar trazer magrela para Rio Preto (...)
V. não ele já tem uma aqui
L. ah já?
V. tem
L. mas com dezessete anos?
V. dezessete anos + eu já estou com uma futura:: no/ como chama? nora é de filho e neta?
L. ah futura neta então
V. futura neta que vai casar com meu neto + muito bonitinha a menina
L. que vai casar o que seu V. está com dezessete anos não vai pensar em casamento
((som da carro acelerando))
V. precisa casar cedo ((risos))
L. acha + casei com vinte e seis estou achando que eu casei nova
V. não você devia ter casado há uns quatro anos já
L. pra que?
V. ter filho novo tudo + foi o meu caso + eu estou com sessenta e alguns anos né + três filhos + seis netos + quase realizado na vida + porque realizar não se realiza né +
L. [nossa]
porque a vida continua nós vamos REALIZANDO + sempre
L. ah mas ó + no meu caso + há quatro anos atrás eu tinha acabado a faculdade
V. casa
L. mas eu não tinha nem emprego ((risos))
V. arranja + o casamento ajuda arrumar emprego + o currículo fica melhor
L. da onde o senhor tirou isso? ((risos))
V. ((risos)) não isso é eu que acho + se vai disputar uma vaga + casado e solteiro + eles têm que dar a:: b/ a preferência para o casado não sei se dão né + (...) mas deviam dar e tem que dar
L. [porque + mas no caso da mulher é diferente + sabe porque? a mulher casada tem mais propensão a engravidar (...)
V. tem + e é quatro meses de gravidez né + não (...)
L. [ãhã]
L. de:: licença
V. quatro meses de licença + acho que é cinco não é quatro meses
L. quatro meses (...)
V. quatro meses de licença um de férias cinco

L. então + imagina uma firma bancar um funcionário cinco meses sem trabalhar (...)
V. ah mais a mulher tem que ter mais privilégio ela é a:: base da vida e do mundo
L. + tá mas a empresa:: + num vai:: (...)
V. [num pensa assim para a empresa não é mulher nem homem é número + infelizmente
L. [é dinheiro mesmo aquele sinalzinho + mas:: (...)
V. isso aquela sigla lá + é aquilo mesmo + que tem no olho do tio Patinhas né +
L. [exatamente]
nos olhos do tio Patinhas
L. agora ó + há quatro anos atrás eu me formei + vim pro Hospital de Base + fiquei dois anos eu trabalhava mais de quarenta horas na semana + porque eu entrava às:: sete horas às vezes eu ia chegar em casa depois das sete da noite + era direto trabalhando + ter filho como?
V. ++ é o:: o:: o tempo de estudo é muito grande + pra fazer um:: uma escola você veja a faculdade é cinco + né meu meu neto mesmo parece que é cinco e mais um de mestrado + cinco anos de de de de superior?
L. uai e não é bom?
V. é bom mas eu acho muito demorado + e hoje está acontecendo muito o que você disse agora mesmo a dificuldade do trabalho + e você sabe que:: eu acho + uma das
L. [ah::]
dificuldades de trabalho + foi a mulher entrando no mercado + é porque a mulher era
L. [((risos))]
cem por cento do lar + é um direito que ela conquistou + tinha menos concorrente
L. [tinha menos concorrente ((risos))]
porque a mulher é mais capaz e inteligente do que o homem + e mais esforçada + né + o homem é mais:: boa vida + e a mulher é mais dedicada + então hoje qualquer empresa que se vai + sempre tem mais mulher do que homem + então isso que dificultou + o:: emprego + e deu nesse desemprego que nós estamos vivendo hoje
L. então mas acho que assim a:: + não só a renda não só a economia:: acho que de uma forma geral está tudo muito mal distribuído + porque emprego tem + é: lugar pra trabalhar tem só que as pessoas também não querem começar lá de baixo + e não querem nunca é:: ficar naquele mesmo nível + querem sempre estar levando vantagem querem sempre + estar em em posição superior + querem o cargo de chefe + querem o
V. [é também]
cargo de superintendente + então as pessoas não conseguem se submeter ao que existe + eu penso
V. não mas tem sentido + porque o o desemprego + um pouco + é vontade de trabalhar + um pouco + porque:: eu/ você veja + eu disse eu tive várias profissões + eu sempre procurei emprego + eu sempre trabalhei + eu até nem comentei uma época eu fui corretor de imobiliária + no tempo que eu saí da ULTRAGÁS + foi a primeira empresa no Brasil a fazer contenção de despesas em cima do homem (...)
L. o senhor o senhor foi coisa também + como é que fala?
V. corretor imobiliário
L. não + como é que fala quando:: quando vende carro?
V. então (a e::u) isso eu comentei eu fui/ trabalhei numa agência + da Volkswagen (...)
L. [não não é na agência o senhor vendia por conta
V. ah sim
L. até hoje?

unesp

V. até hoje compra e venda de carro não pode parar uai + não pode parar + então eu::/ trabalho se um amigo quer um carro eu procuro acho o carro + confiro vejo documento + levo no funileiro + levo no mecânico + vejo se está bom + ainda estou
L. [ãhã]
trabalhando e não pretendo parar não + a vida continua + SEMPRE + por isso que a vida é boa + então não pretendo parar
L. [((risos))]
((som de moto passando na rua))
L. ((risos)) mas o senhor tava falando que o senhor foi corretor né ((ruído de carro))
V. corretor imobilário ne-ne-nesse e/ entre o:: o tempo da ULTRAGÁS + eh + da:: Canguru veículos que foi uma que eu trabalhei + eu trabalhei numa:: numa imobiliária + tirei o CRECI + para trabalhar direito né + então veja eu tive cinco seis trabalhos + nesse:: + nesses trinta e cinco anos + de contribuição com o SUS né (...)
L. então entre um emprego e outro o senhor nunca ficou parado de tudo ficou?
V. nunca + nunca nunca + e sempre você veja no banco eu entrei como caixa + fui
L. [então::]
gerente +fui inspetor do banco + né + e tudo na ULTRAGÁS eu comecei como vendedor + de instalação industrial + e terminei como supervisor + eu sempre PROCUREI trabalho né + e nós queremos muito emprego + num/ e tem que ser o emprego com trabalho né (...)
L. com o trabalho não adianta nada + tá empregado mas também não exercer
V. [não]
função nenhuma (...)
V. eu tenho uma atividade na cadeia de de de menor aqui em Rio Preto e eu sempre pergunto pros meninos né + o que que você faz? + eu faço tudo qualquer coisa + eu falei medicina você conhece você pilota avião? não não? então não faz tudo + porque que você faz? + porque nós temos que fazer o que podemos não o que queremos + né + então:: + o mal do mundo é nós mesmos porque o mundo é bom num é + nós é que:: + conseguimos + prejudicar o mundo
L. então eu eu falo isso seu V. porque:: + eu vejo assim algumas das meninas que se formaram comigo + é:: algumas pessoas que estudaram na época de ginásio + de colegial + a vida que levam hoje + até chegaram ao nível su/superior
V. [hum-hum]
né + o:: fizeram faculdade tal + mas num:: se sentem assim realizados parece que está sempre assim faltando alguma coisa mas + também não se contentam com aquilo que têm (...)
V. com o pouco + existe uma:: uma expressão que não foi eu que inventei + não/ também não sei quem que pra viver pouco não precisa muito + e nós queremos muito pra viver pouco + né + veja o:: meu neto + ele para chegar onde chegou ele estudou bem eu cobro muito deles + tanto como cobrei dos meus filhos né pra se pegar um lugar ao sol precisa fazer muita força ter muita força de vontade + nós queremos que:: que vem de graça né + e de graça só a bondade e o amor mesmo o resto tem que:: + que lutar + mas esse é de graça + depende de nós + é o que eu te
L. [ih:: esse é o mais difícil]
disse nós estragamos o mundo que é muito bom né + por que Deus deixou tanta coisa boa pra nós (mas nós) e nós não sabemos nem dividir + não não sabemos uns
L. [fazer usufruto do]
com tantos + e outros com nada + e outros com pouco e outros com nada + não é + mas não é:: não é agora não no futuro vai sê melhor
L. futuro? e quando é que chega esse futuro?
V. deve chegar mais ou menos em dois mil e cem agora

unesp

L. + dois mil e cem agora? (...)
V. [sim + agora + falta cem anos né + mas cem anos pra nós que:: + que estamos aí:: há dois mil anos depois de Jesus não é muito não + estamos há quinhentos anos do descobrimento do/ + da ilha aqui ((risos)) + então não é muito
L. [da ilha]
cem anos não + eu até pretendo esperar viu L. + é essa minha intenção né
L. [((risos))]
L. até cem anos?
V. é
L. tocando?
V. tocando
L. no carnaval?
V. é carnaval eu posso até parar né mas:: + tocar nos bailinhos pegar a sinfônica aí que é mais leve + que é mais fácil (...)
L. ô seu V. falando do dos baile de carnaval + o senhor tocava no no Palestra também não tocava?
V. toquei + dos clube de Rio Preto eu toquei em todos + Monte Líbano + Palestra + Automóvel Clube + aquele:: como é que chama lá do japonês + lá na Ercília +
L. [ixi] [i::xi]
toquei um ano lá + né + toquei no sindicato do do do dos comércio
L. [japonês?]
L. mas de japonês?
V. de japonês fica ah lá na vila Ercília + éh eu lembro o nome dele já já toquei um ano lá + foi o carnaval mais cômod- cômico que eu toquei na vida + porque
L. [porque? ((risos))]
japonês não consegue dançar samba + então + tinha dificuldade de tocar que tinha vontade de rir + então foi um:: + um carnaval cômico
L. [((risos))]
L. mas só vai japonês? (...)
V. [só japonês só japonês
L. na Ercília o senhor fala aonde? ali: tem o cemitério + tem a escola (...)
V. [para cá do cemitério
L. pra baixo?
V. isso bem pra baixo (...)
L. [ali na curva? + quem vem da Murchid pra cá + pra:: pra vila Ercília para o Bom Jesus + tem um pedaço que faz uma curva grande antes de atravessar a avenida da Saudade ali
V. não é aqui:: descendo pra pegar a Pedro Amaral + tem um posto de gasolina na esquina + é à direita ali eu não me lembro com é que chama aquilo lá + é uma avenida que vem lá da Murchid Honsi
L. que vem da Murchid? (...)
V. [isso + que/ cruza com a Pedro Amaral + sai num postinho de saúde que tem ali
L. ali é a Regente Feijó (...)
V. então é naquela é Regente Feijó sim
L. mas num tem mais clube ali ali tem casa (...)
V. [TEM NÃO bem antes dali
L. + ó ali tem consultório (...)

V. olha + Nipo + Brasileiro + clube Nipo Brasileiro + ou Nipônico Brasileiro + mas acho que é Nipo
L. porque ali eu sei que tem consultório veterinário + tem consultório dentário + tem um posto de gasolina na esquina (...)
V. então é bem antes dali
L. então já é aqui na::: + como que fala? + aqui na avenida
V. ++ não é na Regente Feijó mesmo que-que-que começa lá na Murchid Honsi + passa perto de uma escola lá + eu num sei o nome daquela escola + e vem passa numa casa acho que da agricultura
L. a escola que tem ali agora é a a faculdade num é que o senhor está falando
V. não + lá é faculdade?
L. na UNIP?
V. lá na + na Murchid
L. agora é + antes num era não antes eu nem sei o que que (...)
V. [logo depois que termina o viaduto ali (...)
L. [então agora é que passa por cima do:: da represa municipal
L. é um dos campus da UNIP + que a UNIP tem tem:: + isso tem um câmpus ali +
V. [à direita ali] [hum] tem esse aqui indo pra pra Bady Bassit para Nova Aliança ali embaixo + e antes ainda tinha um câmpus quer ver perto da onde ++ ah era aqui mais para o centro também + aqui per/ atrás da Redentora + tinha um:: a clínica de fono era ali era
V. [hum-hum] Fono Psicologia era tudo ali + a parte prática era tudo ali + e:: agora parece que está tudo concentrado + naquele câmpus e no câmpus da:: indo pra Bady Bassit + é uma faculdade agora
V. então mais para mim ali era uma escola de primeiro grau mas não tenho certeza ou era né + logo que termina o viaduto ali + da da + que passa em cima da represa ali
L. uma escola de primeiro grau ali:: (...)
V. [que fica o:: a esquerda ali fica o SESI + e logo na primeira rua entra à direita
L. + então agora é a faculdade sim (...)
V. [é? + então ali sai no no:: no Nipo Brasileiro + nesse clube (...)
L. ah vou até passar lá para ver nunca vi
V. ++ eles tem eu sei porque eu tenho uma amiga aí que:: que é casada com um japonês e a filha dela está tomando aulas de dança lá sabe + eles não eles não perdem a origem + né então eles tem/ tem dança
L. [tem que dançar música:: (...)
V. JAPONESA + agora eles fazem baile né + com:: com conjunto tocando músicas
L. [a::i meu Deus] brasileira né + porque nós eu nunca toquei música a japonesa né + se bem que:: + ela não é difícil + é a mesma né + você sabia que a música é universal né
L. como assim o senhor (...)
V. [se eu for pra qualquer país eu posso tocar + qualquer país
L. é o mesmo:: (...)
V. a mesma música + as mesma sete nota + natural né + então é universal a
L. [mesma nota]

música +eu prec::/ se eu for tocá:: na França + eu eu posso não dar conta de ler o nome da música não conseguir + mas a música eu toco
L. a nota a escala a partitura (...)
V. [é a mesma + toda a escala natural a escala cromática é a mesma
L. escala o que?
V. cro-má-ti-ca
L. que que é isso?
V. a escala cromática é a divisão das notas em tonalidade + e:: meio ponto acima um ponto acima né
L. ah::o si bemol (...)
V. [ISSO + é porque tem o:: fusa semi fusa colchei semi colche semi colcheia né + então a escala da música + da da o o:: pistão mesmo tem vinte e
L. [tem]
cinco notas na escala cromática + e a natural sete né dó ré mi fá sol lá si
L. [nossa]
L. a Vivian toca também?
V. não
L. nem piano?
V. não nenhum filho meu quis ser músico
L. ué parece que ela tocava (...)
V. não meu mais velho que esteve né + estudando música até eu queria que ele tocasse sax tenor + mas acabou não:: não querendo + e eu não forcei né
L. porque essa:: + repulsa essa recusa? (...)
V. [num é num deu num quis + porque não quis porque nós precisamos fazer + quando nós fazemos o que gostamos nós fazemos melhor + o
mal o que mais existe de mal profissionais é profissional em lugar errado e não
L. [ah isso é verdade]
fazendo o que gosta + que se nós fizermos o que não gostamos mas fizermos por amor naquilo que nós fazemos fica melhor né + agora se nós estivermos fazendo aquilo que gostamos + num precisa nem tanto amor + que fica bom
L. + mas ó pensa comigo ((risos)) + pensa comigo seu V. + como que a gente poderia + organizar + vamos começar daí como a gente poderia organizar + a vida da gente + para conseguir realmente fazer aquilo que quer + para poder fazer com mais amor com mais empenho e a coisa sair + digamos que + bem feita? (...)
V. nós temos que buscar nossas tendências né
L. que jeito?
V. ++ bom eu admito + vidas passada né + vida presente e vidas futura + então nós temos as tendências + do hoje e da vida do ontem que é o passado né + então que nós espíritas chamamos de reencarnação né um campo até + muito longo nós vamos deixar ele pequeno né ((risos)) então nós temos aquilo que já sabíamos fazer ou fazíamos em vidas passada + né + então nós quando fazemos aquilo que que nós nos encontramos + procuramos fazer melhor é lógico que tem exceção + porque tem os péssimos funcionários os que atendem mal porque são mal né + mas a maioria porque está em profissão errada
L. mas hoje em dia + eu perguntei isso pro senhor porque eu vejo assim + a ambição hoje em dia prevalece sobre qualquer coisa + sobre até a:: própria vontade até o próprio sonho o:: ideal de vida até



V. ++ prevalece sim + mas o:: o que muito faz da ambição + é uma premonição que a pessoa tem e não sabe dar valor + porque se ele tivesse a ambição de fazer o bem + que maravilha que seria + mas ele tem a ambição com
egoísmo né + só ele só eu ou tem ele ou ele e a família + e tem outros que nem a
L. [aí]
família num é + que é o que nós vamos ter no futuro né L. um mundo bom + porque nós vamos + ser mas mais irmãos + é o que nós não somos + uma
L. [tomara]
filosofia que eu boto muita fé é que nós vivemos num mundo de prova e de expiação né + e que num futuro + que não se sabe quando mas com certeza + nós vamos entrar num mundo de re-ge-ne-ra-ção + e pode observar que já tá tendo muita gente se regenerando melhorando + aliás nós temos mais + melhor do que ruim
L. será?
V. sim acontece que a televisão um fato ruim que acontece agora lá na China + ela divulga em um minuto + e um fato bom que acontece + ela não divulga não dá
L. [é o + é o avanço tecnológico]
audiência ++ sim + esse avanço tecnológico também trouxe um pouco de prejuízo + se bem que é um prejuízo necessário + daqui algum tempo nós vamos no banco e não tem ninguém tem uns/ segurança armado + e o:: e o:: e as caixa eletrônico (...)
((som de moto/avião passando na rua))
L. nem num adiante nem os segurança porque::: agora tem as roletas + num tem?
V. sim tem tem + tem (...)
L. [outro dia eu fui passar eu tava com:: duas ou três moedas no bolso + eu nunca ando com moeda (...)
V. [num passa + num funciona a porta + aí tem que depositar né + a- alguma coisa que estiver ali principalmente mulher que sempre carrega alguma coisa + um alicate de unha mesmo trava a porta + né + então:: o que é que + meu filho faz tudo + eu não entendo de computação + mas eu tenho um filho que entende muito bem + ele faz tudo ele licencia carro + declaração de imposto de renda + deposita em banco + aplica na poupança + tira de um banco passa para o outro + tudo na internet
L. e o senhor nunca experimentou? (...)
V. [não não não essa eu vou passar ((risos))
L. ah:: não mas ia ser muito engraçado se o senhor (...)
V. [é muito perfeito sim + é muito/ (...)
L. [nem] nem mandar uma carta assim ou um bilhete alguma coisa
V. não mais eu vou:: vou chegar lá eu vou vamos dar um tempo
L. o senhor tem computador em casa?
V. num tenho
L. senão eu já ia mandar um alguma coisa para o senhor hoje para o senhor me responde (...)
V. [((risos)) meu filho tem acho que dois computadores na casa dele um mini/ um pequeno + que ele deu para os filhos né + e um grande que ele
L. [ã]
+ tem agora
L. então mas:: é::: uma chance boa o senhor gosta de conversar poxa + e ia fazer
V. [((risos)) gosto]
amigo:: pra:::

V. ((risos)) ligo pro meu neto dá ocupado está na internet + e hoje você vê + internet fala nos Estados Unidos na França no Japão
L. conexão com o mundo inteiro
V. exatamente por quase nada + quando se for usar o telefone que já foi importantíssimo + paga um absurdo hoje + um interurbano né + interestadual (...)
L. [mas é tem] tem uns horários na internet assim + depois das nove é cobrado um impulso telefônico só + então você acessa + é::: paga o mensal do provedor né + que também vai caí
V. [hum-hum]
porque vai começar + sê mantido pela:: pelo marketing publicidade das empresas + né + e::: e aí você pagar um impulso só + de sábado depois das duas é a mesma coisa + de domingo a partir da zero hora + continua contando como um impulso só então você ligou acessou + fica bem mais barato se você tiver + alguém nos
V. [fica bem mais barato]
Estados Unidos (...)
V. é foi o caso do meu filho porque ele tinha dois cunhados lá né + e ele ficou lá também um mês
L. o Paulo?
V. não o Valdo
L. ah ele?
V. ++ é porque ele tinha dois cunhados lá nos Estados Unidos né + e::: ele foi de férias ficou um mês lá + depois fez a cirurgia no sobrinho da minha nora + ele
L. [ãh]
foi também + ficou mais uns quinze dias lá + então eles conversavam muito + esse neto meu que tá:: fazendo universidade em:: Londrina + ele:: no primeiro ano agora né + de universidade + porque ele conseguiu um estágio + na uni/ na universidade no
L. [ah::]
terceiro e no quarto ano + pelo conhe/ pelo conhecimento que ele tem de computador ele/ conseguiu agora + ele fez um teste lá ele conhece mais que a própria + professora ou quase igual + porque ele vive eles vivem em computador
L. e saí assim seu V.? + em: em festa boate + barzinho + clube eles vão?
V. não
L. não gostam?
V. não gostam + ele:: o mais velho às vezes vai no no Palestra né mai::s ele num:: os caçula nunca foram + eles não vão em matinê num gostam + eles vão no clube natação eles praticam BEM + que é um esporte muito bom
L. mas aí o senhor num acha + que é (a u::) a criança o adolescente ou até alguns adultos acabam perdendo um pouco + o contato com o mundo real pra viver esse mundo virtual aí? (...)
V. mas tudo tem a época né + é bom deixar um pouco pra depois + o que muito me prejudicou na vida foi o o:: começar uma juventude ainda na infância
L. como assim o senhor fala?
V. eu comecei uma vida porque eu fui criado nesse Paulo de Faria uma cidade muito pobre medíocre né + então lá podia fumar podia beber né + então:: isso foi ruim pra mim + né os meus netos tem uma educação melhor do que pode do que num pode o que deve o que num deve + então começa uma vida já dos dezesseis dezessete anos né + ir num clube ouvir uma música + namorar + tudo + é melhor + preservar mais a saúde que é a base da vida que é o que nós mais precisamos + num é verdade?

unesp

L. não eu acho até que é + mas é que eu vejo muita gente assim:: + se fechando mesmo pro mundo + porque:: existe uma certa comodidade né +você fica ali na
V. [não aí não pode] [hum-hum]
frente do computador você conversa com todo mundo ao mesmo tempo não vê ninguém (...)
V. [não aí não pode aí é meio fuga
né tem que que viver os todos os meios (...)
L. é: vive vive + exatamente + vive nessa fuga + vive nessa coisa de irreal porque
V. [vive]
você não tem nada de concreto na mão + e aí? (...)
V. [então + você vê o::s meus netos eles viajam muito no Palestra disputando natação + ganham ca/ + tem várias medalhas eles participa assim
L. deixa eu ver uma coisa seu V.

Sujeito <u>com</u> lesão neurológica

Legenda:

J. é o sujeito com parkinsonismo que integra nossa análise;

L. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com J.;

E. é a esposa de J. que participa da gravação da conversa espontânea;

T. é a terapeuta de J.;

F. é a filha de J. que participa da gravação da conversa espontânea.

Transcrição:

((sobreposição de vozes – incompreensível))
L. (o rec e tudo)
J. [(incompreensível)
L. [seu (J.) o senhor vai querer passar perfume?
E. ((risos))
J. ++
L. vai?
J. + ainda tenho de pedir pra ela
L. ah:: tem de pedir ((risos))
E. então passa bem porque depois quando elas forem ver o filme + vão sentir + o cheiro e vai ter saudade de você ((risos))
J. mas é isso que eu quero
E./L./T./ J. ((risos))
L. [a::cha
L. o senhor conheceu bastante fonos lá na clínica seu J.?
J. ++ u:: se eu faço?
T. se o senhor conheceu bastante fono lá
J. no::ssa demais ++
L. seu J. está dando problema aqui aperta stop lá Ju fazendo favor
((parada para ajuste da filmadora))
L. eu não sabia o pior é que eu não sei mexer nesse negócio não ++ porque que o senhor está quieto?
J. ++
L. está olhando pra Juliana porque?
J. ++
E. pode conversar bem ((risos))
J. + pode conversar?
L. está emocionado

J. demais
L. porque?
J. ++ com vocês qualquer um se emociona
L. ah::: que declaração
J. a bondade é muito grande
L. bondade?
J. bondade atenção ++ [incentivo
L. o senhor não me viu [brava
L. incentivo?
J. e acho que nem vou ver brava
L. porque?
J. ãh?
L. porque não?
J. porque todos dali não são bravos
L. não?
J. não
L. a Juliana é
J. {não é não
E. {com essa carinha
T. deixa o senhor não fazer as coisas direito que o senhor vê seu J. vou ficar brava
J. + e::u vou esperar isso pra ver ((risos))
T. o senhor vai vai deixar de fazer os exercícios para me ver brava é?
J. + não deixar eu não deixo ++ não totalmente como deveria se/ fazer né ++ mas eu procuro aproximar
T. então o senhor não vai me ver brava mesmo
J. ((risos))
L. a T. + se ela pudesse assim + andar com + com uma nuvem num pé e uma nuvem no outro + de tão calma assim
E. [ê beleza]
L. ela anda na mansidão + o senhor (...)
J. [(puxa vida) + é bem próprio do estado dela né? + (...)
L. [da onde o senhor é?
J. [mi-mineiro
L. a T. é mineira e o senhor?
J. sou de Colina
L. Colina?
J. São Paulo
L. fica perto da onde?
J. m::ais perto de:: Barretos ++ Bebedouro
L. ah:: a terra da laranja
J. terra + da CUTRALE
L. é verdade e o senhor trabalhava no que lá seu J.?
J. eu vim de lá com cinco anos de idade
L. ah:::
J. fazem ++ 71 que + estou aqui
L. e já e de lá o senhor veio direto pra cá?
J. direto
L. e o senhor estudou fez alguma::?
J. + eu sou:: semi-analfabeto ++ de pai e mãe ((risos))
L. de pai e mãe ((risos))

J. não foi tudo aqui + né E. + só + fiz o primeiro grau
L. só? o senhor é um privilegiado
J. por que? será?
L. são poucos os que têm condição de fazer pelo menos o primeiro grau
J. + se::-será?
L. + com toda certeza sabe porque? + tem alguns outros que:: que eu + conversei para fazer entrevista + só o seu Célio + que pode estudar um pouquinho mais + e agora o senhor os outros não
J. ((riso)) ++((murmúrio)) i:: i::sso me:: dificultou muito a:: exercer o cargo que eu + exerci
L. exerCER?
J. o cargo que eu + que eu exerci
L. qual que é o cargo?
J. eu fui agente do IBGE [++] todo/ tempo/ + praticamente aqui em Marília ++ trabalhei só
L. [ah::]
um pouquinho em:: Pompéia + e:: Quintana + e aqui foi (quase quanto?) 25 anos né E.?
L. e o que que o senhor fazia lá? o que que é isso?
J. IBGE::: + é o que se fala sinônimo de mentira
T./E. ((risos))
J. éh estatística
L. cuidado que está gravando hein
T./E. ((risos))
J. está? então limpa aí ((risos))
T. nã::o agora vai deixar ((risos))
J. ((risos)) ah:: estatística:: + estatística porque o pessoal + o:: informante na hora que ele quer os dados ele e::le quer como que ele quer + e não como é + e na hora de fornecer ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito:: ++ massante
L. toda vida o senhor trabalhou lá?
J. toda vida único emprego
L. no:ssa
J. aí:: ++ (...) (esperar) a aposentadoria né [++] num tenho saudade
L. [hum hum]
L. não?
J. não de/ nem um pouco
L. o que que o senhor faria se fosse hoje? se o senhor tivesse condição o que que o senhor faria?
J. + eu ia montar uma firma de marceneiro
T. o senhor gosta seu J.?
J. demais ++ eu tenho uma oficininha aí no fundo ++
L. [ah::]
L. e o senhor chegou fazer alguma coisa assim ou não? + na oficina do senhor?
J. + conserto de:: principalmente de casa eu faço tudo ++ conse::/ um pouco de eletrecidade + um pouco de encanamento
L. [ah:]
L. mas e de marcenaria mesmo?
J. é:: só esse serviço:: corriqueiro né +++
L. como corriqueiro?
J. como corriqueiro? + conserto um:: guarda-roupa + faço:: + alguma peça que tem vontade de fazer
L. o senhor que fez esse banquinho aqui?

J. não esse aí não ++ coloquei essas dobrinhas aqui ++ tem algumas peças lá no fundo ++ vou fazer uma gaveta aí embaixo desse + estou com a esperança de fazer né ++
L. [o senhor que]
L. aonde?
J. a:: aí embaixo da cama ++ quando ficar pronto eu vou te chamar pra ver
L. oh::: que eu venho
J. vem sim ((risos))
L. o senhor sabe de onde eu sou?
J. + onde:?
L. da onde eu sou
J. não sei
L. o Lourenço não disse?
J. + de onde?
L. o Lourenço?+ não disse para o senhor de que cidade que eu que eu vim?
J. num falou
L. só pra conhecer o senhor
J.+ verdade? ++ e eu você já conhecia
E./T./L./ ((risos))
L. conhece e não sabe (incompreensível)
J. de onde você é?
L. de São José do Rio Preto
J. num diga
L. o senhor conhece lá?
J. conheço + (...)
L. quente ou frio?
J. namorei lá
T. já morou lá?
J. namorei
L. namorou?
J. namorei ((risos))
L. por isso que ele olhou pros lados
J. foi ((risos))
T. ãh:: ((risos))
J. é você é de lá então é?
L. eu sou
J. boa cidade viu + maior que Marília
L. [lá é]
L. i::xi lá é grande + Marília não cresceu muito ++
J. [é::]
T. a dona E. é de lá seu J.?
J. é de São Paulo
T. de São Paulo
J. + nasceu e criou + criou u:: só saiu pra casar ++ e muito:: e muito bem
T. [como que +
T. como que f:: ((risos)) ah:: modéstia à parte muito bem
J. [modéstia à parte ((risos))
L. eh como que o senhor conheceu + a esposa do senhor?
J. + num congresso de:: ++ ah não o irmão dela morava aqui [++] ele era pastor ++ por
L. [ah::]

Sinal e::ra ele era muito ligado à faculdade de vocês + [ele/ foi o autor da:: criação] + da faculdade ++ ele e o prefeito da época foram no Rio de Janeiro várias vezes + pleitear a criação + naquele tempo era o:: Juca do Alves + o presidente + ele tinha muitas pessoas envolvidas né + ele conseguiu a criação + (da atual) filosofia + nos anais aí deve deve dar deve dar o nome dele
T. umhum
J. Álvaro Simões
L. como?
J. Álvaro Simões
L. Álvaro Simões
J. e depois a gente começou a:: querer namorar em:: São Paulo + nós tivemos um congresso (em::) lá no Mackenzi + e a portuguesa conseguiu me conquistar (heim) ((risos)) ++
L. [uhm]
L./T. ((risos)) ++
L. é portuguesa?
J. é::: portuguesa ((risos))
L. o meu é português
J. ++ num vou falar mais nada não
L. ((risos))
J. viu ++ que que o Nabuco ah não não foi o Nabuco não que falou foi o douto::r ++ delegado (incompreensível) + <português é inteligente mesmo> ((risos)) agora eu num vou falar nada porque o pai dela o pai dela é por:: o pai (...)
L. meu marido
J. ah:: (agora eu vi o) a aliança mas + pensei que fosse noivo
L. não noiva é nessa mão
J. ah ce - certo
L. eu sou recém-casada
J. {ele portuguesinho + agora você é:: descendente de português + mas eu não sou não
L. não?
J. gostaria até de ser viu ++ ((risos))
T./L. (risos)
L. o senhor é brincalhão né? +++ que (...)
J. [e:: deveria se::r como antes
L. como assim?
J. AH o Parkinson tira muito a:: + a alegria da gente
L. ih::: [imagina que tira
T. [imagina
L. não estou vendo nada de desalegria aqui não
J. ih (mas olha) (...)
L. o senhor era mais (...) do que isso?
J. [(incompreensível)]
J. no::ssa era mais
L. então o senhor era triste?
T./E. ((risos))
J. como?
L. o senhor era triste de tão alegre o senhor era TRISTE TERRÍVEL (...)
J. demais demais + me ajudou muito a:: vencer isso
L. que bom + o senhor sabe alguma piada de português?
E. ((risos))
J. + eu:: já ouvi muitas mas num (guardo)

L. não? eu também num sei contar piada + eu até sei a reposta mas eu num sei contar a piada ((risos))
T. eu menos ainda
J. eu tenho um primo que pra contar piada:: de português eu nunca vi coisa igual + uma das que eu gostei muito mas marcou (mesmo) ele fala ++ <um português ++ passou nu::-numa padaria (não sei o que lá) e perguntou onde é que ficava tal lugar + o português explicou olha + o senhor vai quinhentos metros pra cá e volta mil e oitocentos cá> ((risos))
T./L./J. [((risos))]
((risos)) a gente morre de rir viu + porque ele imita o português muito bem + <então o senhor desce quinhentos metros aqui e depois volta mil e oitocentos de novo> ((risos)) ele olhou pro/ ah eu não entendi nada vou embora ((risos))
L. a senhora é descendente mesmo de de português?
E. [eu? os meus pais eram
L. da onde eles eram?
E. o:: papai era parece que (Vilarinhos) + né e a mamãe era de Coimbra
L. [ãh]
(J. continua conversando com T., mas a sobreposição de vozes torna o trecho incompreensível)
L. de Coimbra? minha sogra é de:: da Ilha da Madeira
E. a mamãe veio com dois anos para cá né então ela pode ser considerada como brasileira né
L. ãhã
E. papai veio com vinte e seis anos porque (incompreensível)
L. ah tá
T. quer mais ? (voltando-se para J.)
L. e o senhor? é descendente do que?
J. + m::eus avós eram italianos +++
L. [ah::]
E. por parte de pai
J. por parte de pai + de mãe é:: ++ é:: baiano + mas a minha mãe diz que não tinha culpa disso ((risos))
E. ((risos))
L. ele era o que? que eu não entendi?
J. + (e::) ((volta-se para E.))
E. descendente de baiano mas a mãe dele dizia que não tinha culpa disso ((risos))
T. e o seu pai era descendente do que seu J.?
J. italiano
L. Jesus amado ((risos))
J. Jesus ((risos))
E. é a (língua) das nações aqui em casa ((risos))
L. acha que pode?
E./T./J. ((risos))
L. muita maldade isso ((risos))
J. ((risos))
E. o pai dela era português mas o o pai filho de português o pai dela + e a:: o lado da mãe eram:: baianos
L. e e o nome dos pais do senhor? qual era?
J. Antônio P.
L. e da mãe?
J. Ema (S.) P.
L. Pavarin?

J. PavariNI
L. NI?
J. NI + é gente boa viu ++
T. o senhor é modesto hein seu J.
E. ((risos))
J. por parte da minha mãe agora por parte do meu pai ++
L. ele olha assim de rabo de olho pra ela + e conta outra coisa como que era o trabalho do senhor lá lá no IBGE? o senhor disse que era cansativo tudo mas o que que o senhor fazia lá?
J. coleta de dados
L. na rua?
J. + é:: junto ao informante
E. licenciamento
J. +++ fala + fazia de toda a toda a:: área de educação + éh agricultura + comércio + indústria +++ o que mais? ((volta-se para E.))
E. recenseamento
J. recenseamento era (mais pra adiante) ++ muito cansativo viu ++ ge - ge - geralmente quase todo funcionário de lá aposentava + PIrado
((som da campanhia))
L. e o senhor?
J. eu saí semi pirado ((risos))
E. ((risos))
T. semi? ((risos))
L. o senhor nunca fez outro tipo de atividade assim? porque o seu C. disse que fazia::: como é que fala? + fazia esporte + nadava + o senhor num fazia nada disso?
J. nunca +++
L. nunca nunca?
J. nunca porque na:: na:: bom na infância + eu morei na:: na lavoura né + até os:: dez anos
L. [((espirro))]
E. [saúde]
L. [que assim seja]
nós chegamos aqui no aí::/ no aniversário ++ do:: quan - quando instalou o município + fez setenta e um anos agora né + dia quatro + foi quando nós chegamos aqui em Marília ++ eu tinha:: s::eis anos de idade + com isso eu falei minha idade pra vocês
T. ((risos))
L. mas isso é segredo de estado num sai daqui
J. não sai?
L. não
J. obrigado ((risos))
L. não há de quer ((risos))
J. + e:: nós ficamos na lavoura até::: + 1940 +++ fiz o curso primário n::esse distrito + Avencas (...)
L. ah::: em Avencas
J. u:: lugar bonito ++
L. eu nunca fui mas dizem que é muito bonito mesmo + principalmente quando é lua cheia
J. que?
L. dizem que é muito bonito + principalmente quando é lua cheia
J. + ((risos)) por que?
L. não sei já me falaram isso que [lá é muito bonito
J. [acho:: é:: o (panorama) que tem nela + você + você não gostou

E. [é:::]
aquele dia? (voltando-se para a esposa)
E. eu gostei
J. + e:: mas lá é um/
L. {vocês foram lá
E. ãh? fomos passear esses dias lá
L. ah:::
J. lá tem o panorama muito bonito viu ++ e:: o:: distrito naquela época era super popu/ populoso
L. qual que é a diferença de populoso e povoado?
J. ++ populoso é::: s/s + é super povoado ++ porque lá naquele tempo a gente considerava éh s – su/ populoso (incompreensível)
L. [o senhor trabalhou no]
L. [te peguei de calça curta agora ó:: o senhor trabalhou tudo esse tempo lá no IBGE e não aprendeu?
J. vou:: vou aprender agora
L. num vai porque eu também num sei explicar ((risos))
E./T. ((risos))
J. ((risos)) você fala
L. eu ((risos)) (...)
T. eu acho que é populoso quando é::: o número de habitantes total e povoado é o número de habitantes por quilômetro quadrado
L. está vendo que primor de menina
E. [falou e disse
J. é porque agora (pode) pode ser considerado povoado lá ++ o êxodo:: rural foi muito grande ++ e é uma curiosidade lá:: a:: ma:: - maior população + não a maior mas acredito que quase que 90% + eram japoneses + aprendemos muito com japonês viu?
L. o senhor aprendeu a falar japonês?
J. esqueci ++
T. ((risos))
J. logo aquele povo de lá
E. ((risos))
T. mas aprendeu?
J. + eu convivia muito com japonês ++
L. o que que o senhor fazia lá na lavoura?
J. + enganava
L. gente do céu ele não conversa sério
J. ((risos)) meu pai me falava que eu era muito preguiçoso
T. ((risos))
L. ((risos)) o senhor não conversa sério
J. ((risos))
L. o senhor plantava + que tipo de plantação que era lá?
J. bom a principal cultura:: na época era + algodão ++ Marília foi a cidade que mais produziu algodão ++
L. verdade?
J. verdade
L. porque agora tudo o que o senhor fala eu tenho que confirmar porque::
J. ah eu con:: - confirmo + eu tenho uma:: monografia aí eu vou te mostrar + fui eu que fiz + caprichado heim
T. [ah é?] [quero ver seu J.]

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

L. uma mo - mono - monografia?
J. é ++ de Maríla
L. Marília? que que o senhor conta na monografia?
J. + bom + primeiramente a verdade né? ++ ((risos))
L. aí eu desisto desse jeito ((risos))
J. ((risos)) porque hum diz que:: es - estatística + a gente falava que era sinônimo de mentira +
L. [ãh]
agora eu não menti + (...) uma parte da:: da estatística + porque o:: + o meu maior sofrimento no no IBGE foi + não mentir ++ isso me esgotou muito + então:: lutava contra o informante + terminava recenseamento + o pessoal ficava brigando <porque Bauru e::/ deu mais/ + maior população que Marília? ++ porque:: + Rio Preto é maior que Marília?> falava <porque? + vai lá contar + eu não sou obrigado a saber porque + foi feito o recenseamento com o maior rigor + deu maior população + agora + porque que é maior?> então era uma guerra viu + a gente tinha atrito aí + principalmente com autoridade + na câmara municipal + porque:: na época os vereadores não eram remunerados + eles e/ vinham eh me procuravam + para atestar maior população + <eu lá vou fazer isso né> + então a gente tinha muito atrito + entende o que:: o que eu falava? + estatística + só é boa pra eles quando favorece + na hora de fornecer os dados + u:: corretos + eles n::um fornece + (no fim depois de muita briga ele chegava a um) acordo porque:: + quem mente no fim sempre aparece né ++ chegava um lá <ah eu queria o número de veículos de Marília? + ah tem:: sessenta mil + ah o senhor está louco tem mais tem cento e vinte mil + mas como assim? ah quem é que não vê? mas isso não serve de base + qual foi o levantamento que vocês fizeram? + Marília tem s/ quarenta e cinco mil prédios + como é que pode ter:: cem cento e cinqüenta mil veículos? éh :: ++ mas era era cho - chocante viu ++ mas eu ch - cheguei lá + hoje eu não tenho (nenhuma vontade de:: vontade de)
L. [era desgastante]
(ir naquela parte) + não vou mesmo
L. o que que o senhor mais gosta de fazer hoje?
J. hoje? + mexer com ferramenta
L. eu ia falar assim fala verdade
J. + verdade
L. isso é verdade? + eu pensei que que o senhor fosse falar assim <ah eu gosto de ir lá na clínica que:: gosto de (...)
T. [eu também achei ((risos)) eu tava aqui ah:::
J. + não ma::s co::mo + como primeira ocupação é mesmo + e:: você vê que eu quase não falto né E.?
E. não falta
L. o senhor falta mais da fono ou da fisioterapia?
J. dos dois
E. é mesmo
J. + gosto mesmo viu
L. não qual o senhor mais FALTA?
J. ++
E. em nenhum dos dois
J. ++ eu acho:: em:: quantidade iguais
L. a fisioterapia o senhor faz aonde?
J. agora eu estou fazendo aí no asilo
L. ah
J. eu vou contar uma agora da:: Percília
L. quem que é a Priscila?

T. Percília
L. Percília?
J. Percila + a primeira vez que ela me atendeu a segunda ++
T. mas conta pra ela o quem que é a Percília que ela não conhece não seu J.
L. num sei quem é estou chegando hoje
J. é nada + eu já lhe vi aqui
T. mas ela saiu e retornou só depois seu J.
L. [eu estou (...)
J. [ah foi?
L. eu estou VOLTANDO hoje
J. na verdade você está voltando + de férias?
L. não de férias + eu me formei + fui embora pra Rio Preto + e agora eu estou voltando pra poder estudar mas eu não vou ficar morando aqui + eu tenho que trabalhar
J. [ah que pena]
L. [que pena] ((risos))
T. ela vem te visitar seu J.
J. verdade?
L. mais ou menos uma vez por mês eu devo passar por aqui
J.+ (eu vou esperar) ++ uma vez por mês né?
E. [((risos))]
L. + provavelmente só se o Lourenço tiver assim muito atarefado mas eu acho que uma vez por mês
J. + eu tenho uma sobrinha (que vai estar) fazendo estágio lá
L. lá onde?
J. em Rio Preto
L. estágio em que?
J. em:: t - terapia
L. terapia?
J. é + formou esse ano
L. fisioterapia?
J. fisioterapia ++
L. ah ela se formou onde?
J. aqui
L. na unimar?
J. é + está contente lá viu
L. onde que é? no hospital?
J. no hospital ++ né E.?
E. eu não sei direito + ela foi pra trabalhar nu - numa clínica eh chegou lá já começou arrumar outros: trabalhos né outros:: + é ela está muito contente lá viu
L. [ai que bom]
L. que bom mas é + e como é que chama? Percília? quem é essa?
J. + é aluna + ela:: ela está assumindo a independência esse mês né + esse ano parece + mas então quando ela foi me atender + ela falou <seu J. onde que o senhor está fazendo:: fisioterapia?> + (trecho incompreensível) na:: unimar + s::eis anos né
E. [é]
E.? + seis anos + depois a dona Virgínia que é d/ a supervisora aqui
T. como é que ela chama a supervisora?
J. a supervisora
T. como que ela chama?
J. Virgínia

T. Virgínia
J. ++ muito boa como vocês
T. ((risos)) imagina
L. estou começando a ficar encabulada
J. ((risos))
T. eu falei pra ele que ele me deixa com vergonha
L. eu estou começando a acreditar já
J. mas é pra acreditar mesmo + ela nos convidou eu e a E. para vir para cá + aí eu fale::i que estava indo no asilo + a Percila olhou + <nossa + mas o senhor é muito novo pra ficar no asilo> ((risos)) ela pensou que eu estava internado no asilo + ah mas foi:: dei risada não foi E. com ela viu
T./L./E. [((risos))]
<ai desculpa seu J.> ((risos)) não que eu estou velho eu sei disso +
T. mas que nada ela disse que o senhor está novo seu J. e está mesmo
J. é depois ela:: falou que eu estava + eu quase acreditei
L. a velhice a velhice não está na idade está aqui ó + né tem tanta gente aí nova e já com uma cabeça de:: + ultrapassada + acho que o senhor ainda é muito jovem tem muita juventude ainda para viver + tem muito baile para ir ainda
J. será?
L. ah tem eu estou sabendo que o senhor vai de vez em quando nos baile lá no asilo
J. + nós estivemos lá eu num:: num conheci você não
T. é a gente não conhecia
J. ãh?
L. a notícia corre
T. [eu já dedei já]
L. {gente ela trouxe o doce mesmo
T. {eu que contei
((filha de J. traz um pedaço de torta))
L. deixa para depois a gente comer + ou o senhor quer comer agora? a gente pára
T. [é depois a gente come]
E. [não é para elas (voltando-se para J. que queria o pedaço de torta)
F. [eu não trouxe nem pra ele eu trouxe para vocês
J. [eu acho que eu (vou…)
L. [já aproveita e traz um pedaço para ele
F. ah é?
L. é ele come aqui com a gente pode ser?
J. + pode
F. para você ver a mastigação dele?
L. é já aproveita e já vê tudo num é?
T. [é]
J. vê tudo ((risos))
L. ah já que está aqui
E. é:: isso mesmo
T. {é mesmo
J. {ma::s (eu::) você falou que vinha pra:: almoçar ou jantar
T. eu volto depois seu J. não tem problema pode comer agora que eu volto de novo depois
E. [pode?]
J. será que acabou o sorvete E.?
E. ã?
L./T. ((risos))

T. seu J. desse jeito o senhor vai engordar a gente
J. sorvete não é comum
E. que bem?
J. o sorvete será que acabou?
E. a F. vai buscar mais (incompreensível)
L. não mas só o bolo não precisava
J. [não mas só a opinião
E. [é que ela faz torta para fora e ela estava fazendo um para casa e outro para fora
L. [ah] nossa
J. [eu prometi +
eu prometi pra T.que eu ia dar um bombom pra ela hoje ++
T. ah é? eu não estava lembrada não seu J.
L. [dar o que?
J. um bombom
L. um bombom?
T. o senhor está com a memória óh melhor que a minha
J. ((risos))
F. [posso por lá?
L. pode
E. ele é bomboleiro ambulante né ele:: (...)
T. eu já ganhei bombom bala
E. {é quando ele vai ele leva bombom tanto na fono quanto na fisio
L. ai meu Deus
T. que paciente bom olha só
E. ((risos))
L. o senhor não quer morar lá em rio Preto? eu vou atender o senhor
E. fala que <de Marília ele não sai>
F. ele vai fazer um sacrifício agora que vocês vão ver + porque ele não gosta de bolo viu
L. não?
F. não + não gosta de doce
T .{ai que pena
L. {não gosta seu J.?
F. {não gosta pouco ((risos))
J. sou meio formigão
E. sorvete então minha filha
L. o senhor gosta mais de que de bolo ou de sorvete?
J. + a:: (dos) dois
E. os dois ((risos))
L. se puder comer os dois o senhor come?
J. eu já controlei controlei porque eu tomava muito sorvete + agora eu vou tomar água + senão a T. vai falar o que?
T. está gelada?
J. + num está
T. não?
F. vocês querem água?
T. não obrigada
E. depois do bolo elas tomam ((risos))
L. pode beber
J. {vocês querem tomar?
T. não obrigada

J. esse aqui minha:: (minha) filha trouxe + dos Estados Unidos no mês:: de:: outubro + diz que achou que era que era mais prático para mim era isso
T. prático
J. é
L. o senhor é chique hein garrafinha importada
E. ((risos))
J. pois é
L. o senhor é um luxo
J. ++ não ofereço porque:: é:: anti-higiênico né
T. ((risos))
((J. pára para beber água))
J. de primeiro eu levava lá na fono esse vi:: a::qui + esse aí
L. qual?
E. aquele vidrinho pequenininho
L. aquele ali?
E. é
J. + (incompreensível) + aí éh acho que foi a Ana + não não foi não + foi a:: Élis + eu já falei dela pra você
T. acho que não
L. como é que é nome? acho que eu::
J. você conheceu s/ Élis
L. a Élis?
J. é
L. uma bem morena?
J. + e bonita
L. bonita?
J. + muito bonita
L. ah então eu conheci o senhor sim eu era de uma turma antes
J. num diga + conheceu eu estou falando que vi você lá
L. quem foi a primeira fono do senhor? o senhor lembra?
J. foi a primeira
L. a Élis?
J. é ++
L. ah:: então não porque quando a Élis começou a atender eu saí da clínica ++ foi em noventa e cinco que o senhor (incompreensível)
J. quem estava na mesma época + era o:: Heraldo
L. ah o Heraldo é da minha turma
J. + seu primo?
L. da nossa TURMA ele se formou comigo
J. ah da sua turma
T. o Heraldo foi terapeuta dele
E. é
L. ah não acredito
J. eh ele teve aqui em casa
L. o Heraldo?
J. o Heraldo + fiz amizade com ele
L. ai gente eu não posso estar tão ruim assim
E. por que?
L. de eu não lembrar eu guardo todos os pacientes eu guardo eu lembro de até + o senhor lembra do seu Antônio?

J. +++ (Antônio)
E. que tinha Parkinson?
L. que tinha Parkinson do olhinho azul
E. é aquele seu Antônio
J. ah sim sim
L. então eu atendi ele
J. +++ não diga
E. [então e nós íamos] [ah na fono você atendia né?
L. é lá na clínica
E. não nós o conhecemos na fisio não foi ?
J. {ah eu conheci
J. ãh?
E. foi na fisio que nós conhecemos seu Antônio não foi?
J. na UNIMAR
E. na UNIMAR
J. [não mas eu já conhecia seu Antônio há muitíssimo já + por sinal eu fiquei muito chateado
E. [é eu sei + mas na época]
quando eu vi ele lá na + na UNIMAR ele estava me reconhecendo e eu não estava reconhecendo ele + foi desagradável viu
L. é igual eu o senhor está me reconhecendo e ((risos))
T./E./J. ((risos))
L. me perdoa
J. + mas aí um:: dia ele falou pra mim se eu estava fazendo fono + eu falei que não + ele falou <você não quer ir lá na:: + na UNESP?> + ele já estava de cadeira de rodas naquela época eu falei < óh seu:: Antônio num num num pensei nisso> ele falou <eu vou falar lá + se eles arrajam uma vaga para você> + n::/ daí dois dias ele nos encontramos lá novamente e ele falou <eu falei mandaram você aguardar uma telefonema> e me telefonaram + foi um grande dia pra mim + fiquei conhecendo figuras lá que + fabulosa
E./T. ((risos))
L. figura ((risos))
J. dignas + dignas de serem imitadas
L. escuta vamos parar a gente come + pode ser?
J. + pode comer
T. o senhor também

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto
Março de 2005

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18